

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
MESTRADO EM HISTÓRIA

**PIRANHAS DE BAIXO, PIRANHAS DE CIMA, NOVA PIRANHAS:
CONSERVAÇÃO URBANA PATRIMONIAL VERSUS MODERNIZAÇÃO
EM ÁREA DE INFLUÊNCIA DIRETA DA UHE DE XINGÓ**

Álvaro Antônio Moreira da Silva

Recife

2003

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
MESTRADO EM HISTÓRIA

**PIRANHAS DE BAIXO, PIRANHAS DE CIMA, NOVA PIRANHAS:
CONSERVAÇÃO URBANA PATRIMONIAL VERSUS MODERNIZAÇÃO
EM ÁREA DE INFLUÊNCIA DIRETA DA UHE DE XINGÓ**

Álvaro Antônio Moreira da Silva

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História, da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em História.

Orientadora: Prof^ª. Dra. Maria do Socorro Ferraz Barbosa

Recife

2003

Silva, Álvaro Antônio Moreira da

Piranhas de baixo, piranhas de cima, nova piranhas: conservação urbana patrimonial versus modernização em área de influência direta da UHE de Xingó / Álvaro Antônio Moreira da Silva. – Recife: O Autor, 2003.

122 folhas : il., fotos, fig., mapas, quadros.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco. CFCH. História, 2010.

Inclui: bibliografia, anexos e apêndices.

1. História - Brasil. 2. Patrimônio histórico. 3. Inserção regional. 4. Setor elétrico. I. Título.

**981.34
981**

**CDU (2.
ed.)
CDD (22. ed.)**

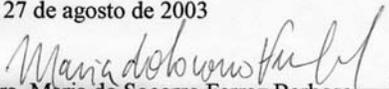
**UFPE
BCFCH2010/08**

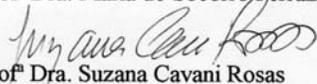


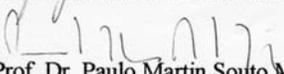
ATA DA DEFESA DA DISSERTAÇÃO DO ALUNO ÁLVARO ANTÔNIO MOREIRA DA SILVA

Às 10:00 do dia 27 (vinte e sete) de agosto de 2003 (dois mil e três), no Curso de Mestrado em História da Universidade Federal de Pernambuco, a Comissão Examinadora da Dissertação para obtenção do grau de Mestre apresentada pelo aluno **Álvaro Antônio Moreira da Silva** intitulada "*PIRANHAS DE BAIXO, PIRANHAS DE CIMA, NOVA PIRANHAS: conservação urbana patrimonial versus modernização em área de influência direta da UHE de Xingó*", em ato público, após arguição feita de acordo com o Regimento do referido Curso, decidiu conceder ao mesmo o conceito "**APROVADO**" em resultado à atribuição dos conceitos dos professores: MARIA DO SOCORRO FERRAZ BARBOSA (ORIENTADORA), SUZANA CAVANI ROSAS E PAULO MARTIN SOUTO MAIOR. Assinam também a presente ata, a Coordenadora, Profª Maria do Socorro Ferraz Barbosa e a secretária Luciane Costa Borba para os devidos efeitos legais.

Recife, 27 de agosto de 2003


Profª Dra. Maria do Socorro Ferraz Barbosa


Profª Dra. Suzana Cavani Rosas


Prof. Dr. Paulo Martin Souto Maior


Luciane Costa Borba

Aos meus pais

Moacir e Mariêta Moreira

Pelo amor vivenciado

Pelas orações e solidariedade

Que caracterizam a família

A minha esposa Suely,

Nossos filhos Mariana, Clara e Álvaro Gomes Moreira

Pela existência do amor.

AGRADECIMENTOS

A minha orientadora, professora Dra. Maria do Socorro Ferraz Barbosa, pela confiança, constante incentivo e compreensão, sem os quais não teria conseguido chegar ao final, meus sinceros agradecimentos.

A Todos que fazem este Programa de Pós-Graduação em História, particularmente a Luciane Borba e Marly Carrilho.

À Chesf e aos gerentes Ricardo Cavalcanti Furtado, que permitiu o início desta etapa profissional, e Francisco José Lyra Maciel, que contribuiu para viabilizar este trabalho de pesquisa. Aos colegas do Departamento de Meio Ambiente, particularmente, Edneide Santana, Adolfo Botelho, Francisco Borges, Valéria Brasil, Andréa, Walter, Clara e Valéria Carazai. A Dalva Oliveira (Biblioteca da Chesf), Pedro Selva, Ivaldir Pereira Silva, Edson Santos e Ana Pimentel (Centro de Documentação Técnica), Ivonete Melo, Neyde Conde, Mônica e Zito, da Coordenadoria de Relações Institucionais.

Ao Dr. Douglas Apratto Tenório pela “abertura dos caminhos”. Ao Dr. Jaime Lustosa de Altavila, Dr. Luiz Nogueira Barros e colaboradores do Instituto Histórico Geográfico de Alagoas.

Ao colega arquiteto Jenner Glauber, D. Sônia e Jaqueline Rodrigues Britam, ao casal Dione e Eugênio e a Eliete Fernandes, pelo partilhar das longas escutas e discussões sobre Piranhas.

À Prefeitura Municipal de Piranhas, Inácio Loiola Damasceno Freitas (prefeito) e Jairo Luiz Oliveira (diretor de cultura e turismo).

Aos piranhenses, meus sinceros agradecimentos.

RESUMO

O presente trabalho, *Piranhas de Baixo, Piranhas de Cima, Nova Piranhas: conservação urbana patrimonial versus modernização em área de influência direta da Usina Hidrelétrica de Xingó*, aborda a relação entre o patrimônio histórico da cidade de Piranhas e a implantação da UHE Xingó. Apesar do recorte definido, 1987 a 2002, foi necessária uma distensão do tempo, justificada pela importância da contextualização e entendimento do passado histórico da cidade. Temáticas como inserção regional motivada pela implantação de grandes empreendimentos, navegação/ ferroviária/ usina hidrelétrica, foi objeto de reflexão por terem desempenhado papéis de grande relevância na formação territorial urbana de Piranhas e como tentativas de modernização regional. A construção do acampamento, pela Chesf, originando os bairros de Xingó e de N. S. da Saúde, representou uma grande expansão da cidade; promoveu a convivência de dois mundos urbanos completamente diferentes e desassociados: o antigo e o novo. Pelos fatos apresentados fica clara a importância do rio do São Francisco na origem, ocupação e evolução urbana da cidade e a participação do Estado, através do Setor Elétrico na concepção e construção da Usina. Apesar do forte impacto registrado a cidade mantém conservados seu patrimônio, material e imaterial. Tombada pela Prefeitura Municipal em 2000, aguarda os respectivos reconhecimentos preservacionistas nos níveis estadual e federal. E como expectativa de desenvolvimento surge como um dos vetores, o segmento turístico através da potencialização dos bens da natureza e cultural.

Palavras-chave: patrimônio histórico, inserção regional, setor elétrico

ABSTRACT

The present project, Piranhas de Baixo, Piranhas de Cima, Nova Piranhas: urban patrimonial conservation versus modernisation in the area under direct influence of Xingó Hidrelectric Power Station, approaches the relationship between Piranhas city historical patrimony and the installation of UHE Xingó. Despite the defined delimitation, 1987 to 2002, it was necessary a distension of time, justified by the importance of the contextualization and comprehension of the past of the city. Issues such as regional integration driven by large enterprises, navigation / rail / hydroelectric factory, was the subject of debate because they played very important roles in Piranha's urban territory formation and as attempts to modernize the regional areas. The construction of the camping, which originated the suburbs of Xingó and N.S. da Saúde, represented a great enlargement in the city; promoted the contact of two completely different and dissociated urban worlds: the old and new ones. From the facts presented it is clear the importance of the Sao Francisco River in origin, occupation and evolution of the town and state participation, through the Electricity Sector in the design and construction of the factory. Despite the strong impact registered in the city, preserve its heritage, material and immaterial. Listed by the Municipality in 2000, awaits the recognition of preservation status both from the the state and federal government. And as expectations of development emerges as one of the vectors, the tourism sector by leveraging the assets of nature and cultural.

Keywords – historical heritage, regional integration, the electric sector

LISTA DE FIGURAS

- Figura 1 – Canoas de Tolda
- Figura 2 – Vapor da Companhia de Navegação no Cais de Piranhas
- Figura 3 - Locomotiva que fazia o trecho Piranhas - Jatobá/PE
- Figura 4 - Cachoeira de Paulo Afonso/BA
- Figura 5 - Torre do Relógio
- Figura 6 - Estação Ferroviária de Piranhas
- Figura 7 - Antigo Almoxarifado
- Figura 8 - Oficina
- Figura 9 - Vista aérea do Prédio da Estação Ferroviária de Piranhas
- Figura 10 - Casario
- Figura 11- Casario
- Figura 12 - Prédio D. Pedro II - Sede da Prefeitura Municipal de Piranhas
- Figura 13 - Igreja N. S. da Saúde - Vista Frontal
- Figura 14 - Igreja N. S. da Saúde - Vista Posterior
- Figura 15 - Vista parcial da cidade
- Figura 16 - Vista da Estrada de Ferro desativada entre o rio São Francisco e sítio histórico de Piranhas
- Figuras 17, 18 e 19 - Feira livre no Pátio do Comércio (final da década de 80)
- Figura 20 - Acervo do Museu do Sertão Lia Rodrigues - Piranhas
- Figura 21 - UHE Xingó - Acervo Chesf/Departamento de Meio Ambiente
- Figura 22 - Vista da UHE Xingó. Foto: Wille Marcel
- Figura 23 - Escola UNEX I - Bairro de Xingó
- Figura 24 - Vista parcial da área comercial do bairro Xingó
- Figura 25 - Vista da Ponte Delmiro Gouveia interligando os estados de Alagoas e Sergipe
- Figura 26 - Bairro N. S. da Saúde
- Figura 27 - UNEX II - Bairro N. S. da Saúde
- Figura 28 - Alojamentos
- Figura 29 - Clube Pajuçara
- Figura 30 - Clube Atalaia
- Figura 31 - Sinalização interpretativa
- Figura 32 - Casa da Diretoria ou de Hóspedes
- Figura 33 - Igreja de São Francisco construída pela Chesf no bairro Xingo
- Figura 34 - Vista Parcial de Piranhas de Cima
- Figura 35 - Vista do casario piranhas de Cima
- Figura 36 - Feira livre: Piranhas de Cima (final de 80)
- Figura 37 - Feira livre: Piranhas de Cima (final de 90)
- Figura 38 - Piranhas em época de estiagem
- Figura 39 - Piranhas em época de chuva
- Figura 40 - Grupo Escolar Manoel Porfírio – Piranhas de Cima
- Figura 41 - Foto da prainha de Piranhas em final de semana (Sede Municipal)
- Figura 42 - Procissão de N S da Saúde
- Figuras 43 e 44- Missa do Vaqueiro - Festa de N S da Saúde
- Figura 45 - Orquestra de Música Maestro Elízio
- Figura 46 - Missa campal dos Vaqueiros
- Figura 47 - Procissão de N S da Saúde
- Figuras 48, 49, 50 e 51 - Imagens da Procissão de N S da Saúde
- Figuras 52, 53 e 54 - Vista do casario de Entremontes
- Figura 55 - Igreja de N S da Conceição – Entremontes, Piranhas
- Figuras 56, 57 e 58 - Pratos da culinária de Piranhas
- Figura 59 - Cachaça de Angicos

Quadro 1 - Piranhas: população total, urbana e rural: 1970, 1980, 1991 e 1996

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
CAPÍTULO 1 - A força que vem do rio São Francisco	16
1.1 Hidrovia como fator de ocupação e integração com o sertão	
CAPÍTULO 2 - Piranhas de Baixo: o nascer de uma cidade	26
2.1 Origem e resistência	
CAPÍTULO 3 - Piranhas de Cima: a consagração de um lugar	32
3.1 A Construção da ferrovia	
CAPÍTULO 4 - NOVA PIRANHAS: a sedução urbana da região	43
4.1 A Chesf, a Usina e o Acampamento	
CAPÍTULO 5 – Dois mundos: entre o antigo e o novo	54
5.1 Piranhas hoje: em dados reais	
5.2 Novas apropriações e negação ao passado	61
5.3 O Tombamento dos bens patrimoniais da natureza e culturais de Piranhas	67
CONSIDERAÇÕES FINAIS	87
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	89
APÊNDICE	91
ANEXOS	96

INTRODUÇÃO

A escolha de um tema de uma dissertação passa necessariamente por múltiplas razões. Neste caso tem sua origem no desempenho do exercício profissional, arquiteto, no Departamento de Meio Ambiente da Companhia Hidro Elétrica do São Francisco - CHESF. Foi através da implantação da Usina Hidrelétrica Xingó (UHE) que mantive o contato com o objeto de estudo do presente trabalho.

No início da década de 90 fui convocado para realizar estudos e intervenções na área de influência da UHE de Xingó. Iniciava um novo momento profissional na Empresa, pois nunca tinha estado tão perto da implantação de um empreendimento de tal magnitude. Com o empreendimento da UHE Itaparica havia contribuído, apenas, com projetos arquitetônicos pontuais. Com a UHE Xingó tudo era novidade e tudo se apresentava numa escala de grandes proporções. A convivência com a realidade local e o processo vivenciado das transformações do espaço territorial urbano de Piranhas despertou um interesse maior de investigação sobre a origem daquele lugar. O contato com as populações envolvidas, local e atraída, que ao se confrontarem produziram uma aculturação que definiu um novo momento pela troca de novas pautas culturais, criando novos hábitos e costumes num emaranhado de "nóis culturais" estabelecendo verdadeiro produto de cultura híbrida. Este contato favoreceu um melhor entendimento e interpretação daqueles mundos que se encontravam.

Dois mundos ficavam muito claros nas indagações. O primeiro representado pelo patrimônio histórico da cidade de Piranhas, não tinha como não percebê-lo; o segundo representado pelo acampamento da obra da UHE de Xingó, local extremamente moderno. Essa percepção desencadeou formulações e questionamento que buscavam respostas e despertou a necessidade de uma compreensão mais aprofundada daquilo que estava ocorrendo naquele território. Esses dois motes conduziram à formulação das idéias e busca da literatura sobre a questão da conservação urbana e pelas investidas de projetos estruturadores e modernizadores pelo Estado no sertão nordestino.

Foi vivenciando e observando essas duas situações bastante enriquecedoras, que por representarem perspectivas de interesses diferentes, por isso mesmo contraditórias definindo um pensar dentro de um processo dialético. Policiei-me muitas vezes para enxergar a realidade dos fatos, não cair na tentação da parcialidade, acreditando que o conflito entre as partes nos coloca no verdadeiro caminho da reflexão.

O envolvimento com a cidade antiga, sítio histórico de Piranhas, já era esperado. Passei a estudá-la e coordenar projetos de relevância patrocinados pela Chesf que se mostrava

extremamente receptiva para patrocinar os estudos para a preservação e conservação urbana de todo aquele acervo de bens patrimoniais.

Assim, em 1999, a CHESF, através do Departamento de Meio Ambiente – DMA, inicia os estudos necessários visando o tombamento e associado a este um plano de gestão para Piranhas.

A presente pesquisa tem como cenário o semi-árido nordestino, na região do Baixo São Francisco, numa confluência de bens patrimoniais do meio ambiente natural e do meio ambiente construído. Cenários naturais da paisagem da caatinga, expressados pelo homem do Sertão, clima, vegetação, fauna; a presença do rio São Francisco como elemento estruturador dessa paisagem; o ambiente construído do passado representado pelo sítio histórico de Piranhas e o ambiente construído contemporâneo, representado pela Usina Hidrelétrica de Xingó e Acampamento, construídos pela CHESF - Companhia Hidro Elétrica do São Francisco, Empresa do Grupo Eletrobrás.

É com enfoque nesses dois ambientes, passado versus contemporâneo, e analisando as variáveis das transformações sofridas na configuração espacial, conservação urbana e modernização da cidade de Piranhas, estabelecida após a implantação da UHE de Xingó que direcionamos nosso trabalho.

Piranhas de Baixo, Piranhas de Cima, Nova Piranhas: conservação urbana patrimonial e modernização em área de influência direta da UHE de Xingó, busca o registro e o entendimento da trajetória histórica da cidade em frente às intervenções involuntárias sofridas por projetos patrocinados pelo Estado visando sua modernização e o desenvolvimento regional. No primeiro momento através da implantação da navegação a vapor, em 1867, e logo a seguir pela Ferrovia, inaugurada em 1881. Finalmente, após quase cem anos, com a implantação da UHE Xingó, pela CHESF. Todos esses investimentos são ocasionados pela localização física geográfica privilegiada, vocação natural e estratégica da cidade.

Nosso foco de estudo tem recorte entre 1987 e 2002, justificado pelo exato início da construção da Usina. Como demarcação territorial ficou estabelecida a relação entre o Acampamento e a cidade de Piranhas – Sede do Governo Municipal.

Apesar do recorte definido foi necessária uma distensão do tempo para maior entendimento das questões e variáveis que o tema exigiu. Foi visitado o legado histórico de Piranhas que ajudou substancialmente no entendimento da apropriação e expansão territorial urbana.

O estudo foi pensado e focado em dois momentos. O antes da construção da Usina e o depois desta construção, constituindo-se assim os marcos da pesquisa com foco nas investidas modernizadoras versus conservação dos bens patrimoniais. As indagações surgiram a partir da interpretação daqueles momentos e o que os mesmos representaram e promoveram a nível de transformações no território piranhense e no que os mesmos se diferenciaram.

A metodologia utilizada priorizou a princípio, a utilização de documentos oficiais, produzidos pelo poder público na forma de planos, programas e projetos – estratégias e intenções de governos em diferentes momentos. Outras fontes foram registradas como periódicos, registros não oficiais, entrevistas e aquisição de mapas e desenhos.

A literatura percorrida buscou o entendimento das relações de ocupação e as suas constantes motivações pela dominação de território, desenvolvimento e modernização. Foi visitada a história do estado de Alagoas, a realização de entrevistas com moradores do lugar e os atraídos pela obra – privilegiando, aqui as fontes orais e levantamento fotográfico. A participação e acompanhamento dos projetos executados pelas Universidade Federal de Alagoas – UFAL, Universidade Federal de Pernambuco - UFPE e Universidade Federal de Sergipe – UFS enriqueceu o conteúdo desejado da compreensão. Acompanhar, no dia a dia o Projeto Arqueológico de Xingó - PAX e, paralelamente o nascedouro do Museu de Arqueologia de Xingó – MAX, fortaleceu ainda mais as constatações percebidas.

Ressaltamos ainda as buscas pelas referências e documentos acessados nos arquivos do Instituto Histórico Geográfico de Alagoas, nos arquivos da própria Chesf que pudessem nos garantir material e fontes seguras para consolidação dos estudos. Assim, foi possível abordar o Estado como propulsor, estimulador e executor do processo de desenvolvimento e a cidade como receptora das iniciativas e dos projetos estruturadores.

Dessa forma foram incorporados estudos sobre o rio São Francisco, o uso da hidrovia e a implantação da Estrada de Ferro de Paulo Afonso, como variáveis temáticas extremamente importantes na conformação e configuração urbana da cidade.

Este trabalho está dividido em cinco capítulos, quais sejam: “A força que vem do Rio São Francisco”, “Piranhas de Baixo: o nascer de uma cidade; Piranhas de Cima: a consagração de um lugar; Nova Piranhas: a sedução urbana contemporânea da região e Dois mundos: entre o antigo e o novo.

O primeiro capítulo “A força que vem do Rio São Francisco” é dedicado ao rio São Francisco, sua importância na formação da malha urbana da cidade. Tratado como elemento mais forte da paisagem e responsável pela ocupação e integração com o sertão. É a partir da

exploração desse rio que o núcleo de pescadores se estabelece dando origem à cidade de Piranhas.

O segundo capítulo, Piranhas de Baixo: o nascer de uma cidade, é relatada a primeira experiência do povoado que deu origem a cidade de Piranhas que ali se implanta, finca raízes, do rio tira a garantia de sobrevivência e de todas as vivências (dessedentação, alimentação, higiene, lazer, transporte etc) é responsável por lançar as bases primeiras da ocupação da Sede municipal.

O terceiro capítulo, Piranhas de Cima: a consagração de um lugar; discorre sobre o desenvolvimento do lugar, como cidade, que por apresentar melhores condições fisiográficas, vocação portuária associada à utilização da hidrovia franciscana, e ainda estimulada pela implantação da Estrada de Ferro de Paulo Afonso consolida-se como cidade.

O quarto capítulo, Nova Piranhas: a sedução urbana contemporânea da região é desenvolvido a temática da implantação pela Chesf do acampamento, em atendimento a construção da Usina UHE Xingó.

O quinto e último capítulo, Dois mundos: entre o antigo e o novo, contempla a problemática dessas diferenças. Revela a situação atual de Piranhas frente as modificações imprimidas pela chegada da usina e relaciona os bens patrimoniais culturais, materiais e imateriais, eleitos na proposta de tombamento da cidade.

A atratividade lançada pelo município de Piranhas, focada no sítio histórico, na temática dos bens culturais é por demais relevante pela importância desse lugar na história social e econômica no estado de Alagoas, revestindo-se pela singularidade do patrimônio natural e cultural, no passado e no presente conferindo-lhe uma identidade própria. Esta identidade, hoje, alterada e sujeita a uma diversidade de pressões e interferências externas e internas nos faz recordar um passado recente de decadência (econômica e social) que a cidade sofreu quando da desativação da ferrovia na década de 60.

Piranhas está localizada no sertão de Alagoas, no extremo sudeste do estado, possuindo uma área de 547 km², em clima semi-árido. Posiciona-se o município a uma distância real de 280 km, da cidade de Maceió, capital do estado de Alagoas. Possui uma topografia muito montanhosa e esta implantada dentro do cânion do São Francisco. O solo é pedregoso e coberto pela vegetação típica da caatinga. As vias de comunicação se fazem através do rio São Francisco ou da rodovia estadual AL-225.

O sítio histórico possui uma implantação limitada de um lado pelo rio São Francisco, de outro, por serras, algumas cobertas pela vegetação típica da região, a caatinga; de outro, por rocha aparente: esta situação, confinada entre as serras e o rio a impediu de uma expansão

urbana, ao mesmo tempo em que a protegeu de possíveis e maiores descaracterizações no seu conjunto arquitetônico.

As localidades do trecho do rio São Francisco tiveram por origem pontos de jornadas ou pousos dos primeiros desbravadores do sertão, os bandeirantes e seismeiros, por ocasião do início do ciclo do gado no Brasil, no final do século XVI ao início do século XVII. A aquisição das terras do sertão fora feita em propriedades de grandes extensões, pertencentes a latifundiários dos centros polarizadores da época – Olinda, Recife e Salvador.

A navegação a vapor iniciada em 1867, estabeleceu linha regular entre as cidades de Penedo e Piranhas, e a estrada de ferro mudou as condições de comunicação entre o litoral e o sertão nordestino. São acontecimentos modernizadores propiciados pelo desenvolvimento tecnológico, respectivo à segunda metade do século XIX, que romperam o curso da história do sertão alagoano.¹

A cidade atravessou períodos de grande prosperidade econômica, entre final do século XIX até meados do século XX, inicialmente pela importância de sua localização como último porto do Baixo São Francisco de onde advém todo o vigor de seu comércio como lugar de escambo de mercadorias tendo na hidrovía fluvial seu mais forte componente de comunicação que se fortaleceu quando da implantação da ferrovia.

Somente a partir da década de 80, por ocasião da construção da Usina Hidroelétrica de Xingó, através da Companhia Hidro Elétrica do São Francisco – CHESF, Piranhas ver renovada suas possibilidades econômicas. Com o início das obras da Usina Hidroelétrica de Xingó, em 1987, o município de Piranhas passou por transformações significativas no que se refere aos aspectos econômicos, social, políticos e culturais, dando origens a bairros onde reside à população atraída pela perspectiva de trabalho gerado pela construção da usina. Com grande potencial turístico, Piranhas, testemunha novo impacto desenvolvimentista representado por esta construção.

A UHE Xingó produz mais de 25% da eletricidade que o Nordeste consome. Sua construção contou com condições topográficas e geológicas extremamente favoráveis, beneficiando-se com a formação de um reservatório totalmente encaixado no cânion, minimizando o impacto ambiental.

Com o início das obras da Usina, em 1987, o município de Piranhas passou por transformações significativas no que se refere aos aspectos econômicos, sociais, políticos e culturais.

¹ FURTADO, Ricardo Cavalcanti, et al. *Piranhas: Tombamento e Plano de Gestão*. Recife: Acriartes, 2003.

Piranhas teve um acréscimo populacional na ordem de 15.000 habitantes. Foi necessário para atender essa demanda uma alteração radical na estrutura espacial urbana. A construção do acampamento, bairro de Xingó, representou uma grande expansão urbana (até hoje associada ao meio rural pelo IBGE, 2000) no município promovendo entre outros impactos, a convivência de dois “mundos urbanos” completamente diferentes e desassociados; o Sítio Histórico e o bairro de Xingó. Estes dois lugares de caráter tão próprios colocaram a cidade a experienciar um conflito entre o novo e o antigo. Com a aculturação estabelecida, ocasionou mudanças e perda substancial da memória coletiva.

A competitividade estabelecida tem comprovado que o espaço urbano antigo tem sido subordinado ao novo pelas perdas acumuladas dos serviços, infraestrutura, saneamento, saúde, educação, transporte etc.

Os bairros de Xingó e Nossa Senhora da Saúde conta com a implantação de toda uma atrativa e sedutora infra-estrutura causando uma centralização das atividades comerciais e de serviços na área da comunicação, segurança, abastecimento de energia e água, saneamento, transporte, educação, saúde etc. Representa, principalmente à época da construção da usina, as novas tendências e oportunidades de desenvolvimento econômico na região, e, como centro promotor de geração de emprego e de renda, cria as condições necessárias para proliferação e crescimento de novos negócios, mesmo que pequenos na periferia.

Nova Piranhas cresce e se desenvolve, absorve a totalidade do comércio e serviços. *Piranhas de Cima* parece estacionada, resiste com a sede da Prefeitura Municipal e Câmara de Vereadores, através da sua população local, fiéis às tradições, predominantemente residencial que contribuiu para a conservação e manutenção de seu casario e de seus costumes. Piranhas de Baixo mantém-se isolada.

Contudo, já se torna visível o estado atual de abandono e de descaracterização do conjunto de seu patrimônio histórico edificado, da falta de perspectivas da população e da ausência de um projeto estruturador que possa redefinir um modelo de desenvolvimento econômico aliado à conservação dos bens patrimoniais e que permita uma real melhoria da qualidade de vida das pessoas.

Apesar desta convivência com o mundo urbano moderno de Piranhas de Cima, há 15 anos, o Sítio Histórico de Piranhas de Baixo não resolveu seus problemas básicos de infraestrutura como o esgotamento sanitário, abastecimento d'água, drenagem de águas pluviais, reabilitação de seus imóveis, implantação de áreas e equipamentos de recreação e lazer nem mesmo uma melhor definição de usos compatíveis com sua vocação e continua desafiando

propostas e idéias para consolidação da permanência e conservação dos seus bens patrimoniais culturais e ambientais.

Fatos de carácter tecnológico promoveram alterações no território de Piranhas. Assim, a cadeia produtiva navegação-ferrovia-comércio, é alterada, com a introdução de outros elementos construtivos no território, estabelecendo a existência de uma cidade com dois lugares e um crescimento populacional da ordem de 1500%. Estas mudanças nos modos de vida, podem ser resumidas como um surto de urbanização modernizadora.

Os dois fatos navegação-ferrovia e energia-usina constituem dois momentos de rupturas conduzidos por ações modernizadoras em contraposição ao isolamento e à estagnação econômica.² Ações ou atos que conduzem à modernização podem ser entendidos como práticas de indivíduos ou atores sociais visando introduzir o novo, o moderno.

É neste contexto que se concentra nossa proposta de pesquisa que tem como eixo temático os desafios entre a conservação urbana patrimonial e modernização.

² LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. 4ª ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 1996, pp. 184, 185. Segundo Le Goff, os atos de modernização podem distinguir-se pela manutenção do antigo, pela sua destruição ou pela conciliação do antigo com o novo.

Capítulo 1. A força que vem do Rio São Francisco

1.1. A Hidrovia como fator de ocupação e integração com o sertão

No nordeste brasileiro, aparecem como legado de um passado remoto vestígios dos primeiros habitantes que são assim descritos por Gabriela Martin:³

os primeiros homens que chegaram ao Nordeste brasileiro eram, pelos dados que até agora possuímos, como os índios atuais. Racialmente pertenciam a grupos mongolóides como, aliás, todos os habitantes das Américas anteriores à colonização européia.

E, complementa: "... admite-se que os índios brasileiros chegados ao Nordeste são os descendentes de levas arcaicas que atravessaram o estreito de Bering alguns milhares de anos antes".

Esta é a Teoria aceita cientificamente pela ausência de provas de outras vias de acesso de grupos humanos terem chegado até a América.

Sobre a datação dessas ocupações humanas, no Brasil, não existem evidências, anteriores a 12.000 anos antes do presente, de ossadas humanas. No Nordeste, temos avançado nos estudos e pesquisas na área de Arqueologia, devidos entre outras, à implantação de grandes usinas hidrelétricas, que formalizam grandes áreas a serem inundadas e destinadas a seus reservatórios.

A partir da existência do rio São Francisco, a ocupação do Baixo São Francisco remonta a alguns milhares de anos e, conta com vários registros dessa ocupação através dos tempos, marcas que são motivação de muitos estudos e pesquisas. Assim, sobre o assunto, Gabriela Martin⁴ sistematiza:

A grande bacia do São Francisco foi um centro de atração e caminho natural de grupos indígenas pré-históricos desde tempos remotos, milhares de anos antes da colonização portuguesa. A partir dos relatos dos missionários, aventureiros e viajantes que se adentraram nos sertões do São Francisco, desde os começos da conquista, temos informações sobre os habitantes indígenas do grande vale, da sua resistência e seu paulatino extermínio ou fuga para as serras circundantes. Na atualidade, os Pankararu, Atikum e Kimbiwa, na margem pernambucana, os Truka da ilha da Assunção e os Kiriri, Tuxá e Pankararé, na Bahia, são remanescentes daquelas populações pré-históricas que, em levas sucessivas, foram ocupando o vale

³ MARTIN, Gabriela. *Pré-História do Nordeste*. 3. ed. Recife: Editora da UFPE, 1999, p. 66.

⁴ MARTIN, Gabriela. *O Rio São Francisco: a natureza e o homem*. Recife: CHESF, 1998.

sanfranciscano. E cita como principais fontes básicas de conhecimento da matéria " os relatos dos missionários que pela primeira vez entraram em contato com essas populações, como o do capuchinho francês frei Martin de Nantes, autor da Relação de uma Missão no Rio São Francisco, e de frei Bernardo, seu companheiro; os trabalhos dos primeiros etnólogos Carlos Estevão de oliveira e Estevão Pinto, autor, este último da obra Os indígenas do Nordeste, escrita e publicada entre 1935 e 1938; além dos resultados das pesquisas arqueológicas de campo realizadas, principalmente, a partir das missões de salvamento apoiadas pela Chesf, durante a construção dos reservatórios de Sobradinho, Itaparica e Xingó.

Tudo leva a crer que em épocas ainda mais remotas, e baseado no suporte arqueológico descobertos pelo Projeto de Arqueologia de Xingó, que as ocupações no Baixo São Francisco, trecho Paulo Afonso/Piranhas, fora realizadas por grupos humanos que atenderam forte ao apelo das benesses oferecidas pelo rio, principalmente pela oferta de peixes das mais variadas espécies: para Ab'Sáber,⁵ assim descritas: "Um largo rio perene: águas límpidas, fluxos movimentados de corredeiras, em uma situação ideal para peixe lêntico. E complementa: "Espaços de vivência não inteiramente atraente para grupos competidores ou inimigos".⁶ Esta observação faz referência ao espaço de ocupação, estreitos e inclinados terraços situados na base de íngremes paredes rochosas". Relaciona ainda a ocupação da área devido à piracema, que tornava ainda mais motivadora para "a sedentarização dos grupos indígenas que habitaram a região desde 8.900 anos até ao advento de guerridos tupi-guaranis, que possivelmente desalojaram seus antecessores". E na exaustão de sua convicção sintetiza:

Os grupos Humanos que se estabeleceram nos terraços arenosos de Xingó-Piranhas tinham a seu favor fluxos d' água perenes que atendiam a todas as suas necessidades: - água de beber, água para cozinhar alimentos, água para preparar o peixe e água para se banhar.

Todas essas vocações da natureza do rio São Francisco, na região Xingó-Piranhas, vão dar origem, pelas conquistas do colonizador, pela mistura das raças e culturas, a uma unidade de uso e apropriação do rio - que, emblemático, se dispõe a garantir a sobrevivência e todas as vivências. É assim que se inaugura o primeiro assentamento de Piranhas, no século XVIII e, como conta a lenda,⁷ através de um núcleo de pescadores.

⁵ AB'SÁBER, Aziz Nacib. *Salvamento Arqueológico de Xingó*. Sergipe: UFS;Petrobrás;CHESF, 2000, p. 20.

⁶Descreve as possibilidades de uso do rio com embarcações, rústicas, feitas com algumas espécies de vegetação disponíveis na região, e prossegue: "A intercomunicação por água entre grupos vizinhos, de procedência étnica e cultura, e de comportamento pacífico, parece ser uma verdade, desde tempos imemoriais. Na época dos produtos exclusivamente líticos, rochas e fragmentos de rochas, é o que não faltavam".

⁷ RODRIGUES, Rosiane. *Piranhas: retrato de uma cidade*. Maceió: Catavento, 1999, p. 7

Em 1501, Américo Vespúcio encontra o São Francisco, sob o conhecimento das diversas nações indígenas que habitavam aquela região. Aquelas águas tinham um nome antigo: Opará, que significa algo como “rio-mar”. A partir da cultura do colonizador esse rio vai se chamar São Francisco. Como descreve Pierson:

[...] a foz do São Francisco foi provavelmente vista pela primeira vez por europeus a 4 de outubro de 1501. Descendo a costa na direção norte-sul, João de Nova, tendo Américo Vespucci por companheiro, dava nome aos lugares que descobria de acordo com o santo do dia. Assim, o Cabo de São Roque recebeu esse nome a 16 de agosto, o Rio São Miguel a 29 de setembro, o Rio São Jerônimo no dia seguinte e o São Francisco a 4 de outubro.⁸

Em suas impressões sobre o litoral brasileiro, o italiano Américo Vespúcio, a serviço do rei D. Manuel, registrou nosso país como "ameno, viçoso e de boa aparência", certamente, o rio São Francisco estava ali incluído e, que, após quatro séculos, sob o olhar do sociólogo Freyre, parece-nos complementar aquela citação: "águas míticas que formam gentes, caracterizam personalidades regionais, passam de ser Natureza a tornarem-se História".

Das jornadas pelo desbravamento dos sertões, muitas se fizeram em direção ao São Francisco. Nesse rumo, Capistrano de Abreu⁹ sistematiza o seguinte esquema das Bandeiras:

- a) ... Bandeiras paulistas, ligando o Paraíba ao São Francisco ao Parnaíba até o Piauí e Maranhão por um lado; ligando o São Francisco, o Doce, o Paraíba ao Parnaíba do Sul, galgando a serra dos Órgãos, para terminar na Guanabara.
- b) Bandeiras baianas, ligando o São Francisco ao Parnaíba e chegando ao Maranhão pelo Itapicuru; bandeiras baianas, ligando o São Francisco ao Tocantins; bandeiras baianas, que indo do Serro e Minas Novas, procuram o Rio pelo caminho da terra do ouro;
- c) Bandeiras pernambucanas entre o Capibaribe e a serra do Ibiapaba, muito menos importante que as duas anteriores, traçadas a menor distância do litoral, pelo sertão a fora, recebendo muita gente diretamente do litoral, pelo sertão a fora, recebendo muita gente diretamente do litoral, subindo os rios que nele desembocam;
- d) Bandeiras maranhenses, de pouco alcance, ligando o Itapicuru ao Parnaíba e São Francisco, e o Parnaíba às terras aquém do Ibiapaba.

Faz referência, ainda, às bandeiras amazônicas que se ligam às de São Paulo, rotas provavelmente estimuladas pela procura do ouro.

⁸ PIERSON, Donald. *O Homem no Vale do São Francisco*. Rio de Janeiro: Ministério do Interior; SUVALE, 1972. Tomo I.

⁹ ABREU, Capistrano de. *Capítulos da História Colonial e os caminhos antigos e povoamento do Brasil*. 5 ed. Brasília: Editora da UNB, 1963. p. 189.

Sobre a atribuída *falta de importância* (grifo nosso) às bandeiras pernambucanas e, fazendo-se relação dos fatos, podemos levantar questionamentos se esta não obedeceu a uma estratégia de ocupação com objetivos de se fechar um polígono, partindo de Olinda, litoral/sertão via rio São Francisco, pois foi dessa maneira que se conseguiu um adensamento urbano das partes externas e extremas, tendo ficado o agreste ao centro, isto é na transição entre litoral e sertão, colonizado posteriormente. Evidencia-se a importância do rio no sucesso desse evento proporcionando ocupação e proteção das possíveis invasões dos inimigos.

Apesar das relações estabelecidas, cabe-nos reforçar o nosso intento de entendimento do processo de ocupação do Baixo São Francisco, região do Sertão, das barrancas e do município de Piranhas, adicionando-se o acontecimento dos ciclos econômicos da cana-de-açúcar, da pecuária (e couro) e do algodão.

Os rios desempenharam papel fundamental na penetração e ocupação do elemento colonizador e da efetiva dominação da hinterlândia¹⁰ brasileira. O rio São Francisco garantia, ao colonizador, um caminho seguro de idas e vindas, de avanços e de recuos se assim fosse necessário, diante de alguma surpresa de resistência da população nativa, indígena. O Baixo São Francisco exerceu, nesse sentido, nos séculos XVI e XVII, o papel de aglutinador do movimento expansionista vindo de Pernambuco e Bahia e, até hoje, podem-se perceber através dos usos e costumes e da resistência da pedra e cal, as diferenciadas contribuições desses dois pólos na formação cultural da região.

Na ocupação histórica do Baixo São Francisco, Euclides da Cunha¹¹ destaca três personagens responsáveis pelo início dos avanços na conquista da região, imprimindo os primeiros conteúdos e valores da nova colônia, e diz: "bateram-lhe por igual 'as margens (do rio São Francisco) o bandeirante, o jesuíta e o vaqueiro".

O bandeirante corria atrás do ouro, pedras preciosas e do aprisionamento de indígenas; o jesuíta buscava difundir a fé, catequese, salvação das almas através das missões e o vaqueiro e boiadeiro buscando pasto para o gado.

O EIA¹² da Hidrelétrica de Xingó, meio antrópico, registra que a área de influência¹³ do empreendimento, AID e AII,¹⁴

¹⁰ Ao tratar da hinterlândia do Nordeste do Brasil é bom ressaltar o papel do Brasil colonial em relação à metrópole que servia de "retaguarda rural para os mercados urbanos europeus...". Reis (1968), que continua: "o processo de colonização transferia, em princípio, para os mercados metropolitanos, os efeitos dinâmicos determinados no mercado urbano, pela produção agrícola das colônias; as colônias são a hinterlândia e como tais devem permanecer". REIS, Nestor Goulart. São Paulo: EDUSP, 1968. p.91.

¹¹ CUNHA, Euclides da. *Os Sertões*. 34 ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1989, p.68.

¹² ESTUDO de Impacto Ambiental da Usina Hidrelétrica de Xingó. Diagnóstico Ambiental do Meio Antrópico. Rio de Janeiro: Enge-Rio, 1993. Os estudos ambientais para elaboração e confecção do EIA da Hidrelétrica de Xingó foram realizados em 10 meses, Dezembro de 1991 a setembro de 1992.

foi inicialmente ocupada por grupos humanos nômades (caçadores e coletores) e sedentários (agricultores), os quais sofreram transformações com a chegada do colonizador europeu. Várias incursões de exploradores aconteceram no séc. XVI, sem contudo, caracterizá-la como espaço integrado à colônia.

Em 1522, o primeiro donatário da capitania de Pernambuco, o português Duarte Coelho, funda a cidade de Penedo, em Alagoas. Com a autorização da coroa portuguesa, em 1543 começa a criação de gado na região, atividade econômica que marca a história do vale do São Francisco, que chegou a ser chamado de “Rio-dos-Currais”. Salientando-se que esses foram os primeiros passos para o início da colonização e ocupação do Baixo São Francisco,¹⁵ posto que a exploração se apresentava bastante limitada ao litoral, principalmente por causa das tribos indígenas que resistiam na defesa de seus territórios no interior.

Segundo Andrade,¹⁶

é nas primeiras décadas do século XVII, quando a "civilização do açúcar" ainda se mantinham florescente na região costeira do Nordeste, teve início a efetiva ocupação do interior pelo colonizador determinada pela necessidade de prover a área açucareira de animais para trabalho e alimento. Esse processo teve origem em dois pólos, Salvador e Olinda.

Saliente-se que em Pernambuco a pecuária teve um melhor desempenho, como informa Couto,¹⁷ no seu *Desagravos do Brasil e glórias de Pernambuco*,¹⁸ pois trata-se de

¹³ Inciso III, do Art.5º da Resolução 237 de 1997 do Conselho Nacional de Meio Ambiente - CONAMA, que dispõe: "definir os limites da área geográfica a ser direta ou indiretamente afetada pelos impactos, denominada área de influência do projeto, considerando, em todos os casos, a bacia hidrográfica na qual se localiza;" No caso do empreendimento de Xingó, foram definidas Áreas de Influência Direta e Indireta.

¹⁴ Área de Influência Direta, AID, compreende a localização do empreendimento; do canteiro de obras; instalação de novos assentamentos residenciais, intensificação e convergências de fluxos de pessoas, bens e recursos financeiros; e, como Área de Influência Indireta, AII, as áreas afetadas caracterizadas pelas inter-relações imediatas com a AID e incremento nos fluxos de pessoas, bens e recursos financeiros. As cidades de Piranhas, no Estado de Alagoas e a cidade de Canindé de São Francisco no Estado de Sergipe, pelas suas proximidades à UHE de Xingó, foi definida pelo EIA da hidrelétrica de Xingó como Área de Influência Direta (AID) do empreendimento; como Área de influência Indireta (AII) foram notificadas as cidades de Olhos D'Água do Casado e Delmiro Gouveia no Estado de Alagoas e Poço Redondo no Estado de Sergipe.

¹⁵ É importante ressaltar que a ocupação no Brasil iniciada no litoral, implantação de vilas e cidades ainda no século XVI, apresenta um aspecto curioso que é a antecipação do ambiente urbano em relação ao ambiente rural; o primeiro se constitui e se concretiza para implementar, a partir da origem de suas demandas, o modelo e os meios de produção do segundo, visando o abastecimento do seu mercado.

¹⁶ ANDRADE, Manuel Correia de. *O processo de ocupação do espaço regional do Nordeste*. Recife: SUDENE, 1975.

¹⁷ COUTO, Domingos de Loreto. *Desagravos do Brasil e glórias de Pernambuco...* Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1904.

¹⁸ Em *Desagravos do Brasil*, 1904, Loreto Couto descreve sobre o consumo da carne bovina em Pernambuco: “De gado vacum há tanta abundância em Pernambuco que pobres e ricos, brancos e pretos, se sustentam das suas carnes, que são as mais saborosas do país”. E explica a razão desse consumo e o excedente produzido com capacidade de exportação para outros estados da região nordestina: “Treze gêneros se contam de erva que

uma atividade que representou grande contribuição na ocupação dessa região. Sobre o assunto, encontramos no relato do Pe. João Antonio Andreoni (André João Antonil), 1649/1716, que o mesmo demarca a chamada "civilização do couro" no limite do Baixo São Francisco, entre os currais baianos e pernambucanos, e afirma: "os curraes da parte da Bahia estão postos na borda do rio de São Francisco" e, mais adiante compara a quantidade de currais entre os dois estados: "E posto que sejam muitos os curraes da parte da Bahia chega a muito maior número os de Pernambuco; cujo sertão se estende pela costa desde a cidade de Olinda até o rio São Francisco".¹⁹

Castro (1992), em *Geografia da Fome*, confirma e complementa:

Que as condições propícias à criação desenvolveram no Nordeste as fazendas, não só de gado vacum, mas de cavalos e mulas que constituíam o meio de transporte único através da selva inóspita.

Entrando por Pernambuco, o gado se espalhou em currais pelo sertão do Nordeste, fazendo-se as entradas pelas estradas naturais dos rios, principalmente através do São Francisco, a grande artéria viva do ciclo econômico do couro no Nordeste.

E conclui:

O grande mercado de bois em que cedo se constituiu a zona da Mata, tão necessitada de sua força de tração para os trabalhos dos engenhos e, bem assim, de sua carne apetitosa para alimentação de população cada vez mais densa mais absorvida no exclusivo trabalho do açúcar, foi um dos motivos impulsionadores da pecuária no alto sertão.

O surto da mineração foi o estímulo decisivo para solidificação desse mercado como informa Castro (1992), em *Geografia da fome*: "Vinhão do Nordeste pelos caminhos dos currais os bois que deveriam alimentar as populações repentinamente concentradas nos campos de mineração do Sul".

A rota dessa ocupação partindo de Salvador na direção norte e noroeste atingiu a margem direita do rio São Francisco, alcançando um local à jusante de Paulo Afonso, Sub-Médio e Médio São Francisco. "O povoamento para o sul (a partir de Olinda), iniciado no

servem de pasto aos animais, por cuja bondade é em Pernambuco tão grande a cota de gado vacum e cavalos, que destes consumido-se infinitos nos serviços destas Capitânicas, saem para fora todos os anos mais de 40.000, são ligeiros na carreira, dóceis ao ensino e tão fortes no trabalho que saindo de Pernambuco para as Minas Geraes com a carga de 6 arrobas andam 600 léguas desferrados e chegam sem diminuição nos alentos".

¹⁹ ANTONIL, André João. *Cultura e opulência do Brasil*. Recife: Museu do Açúcar. 1969, p. 184. Edição Fac-símile, de 1711.

governo de Duarte Coelho, a atingir o São Francisco, à margem do qual foi construída Penedo"²⁰

As bandeiras desempenharam papel fundamental na ocupação da hinterlândia do Nordeste brasileiro. A partir da terceira década do século XVII, marco da ocupação da região do Baixo São Francisco, segundo o historiador Capistrano de Abreu, é quando o colonizador se instala definitivamente na área. Assegura que a partir de 1630 a área já estava repartida entre os colonizadores.²¹

Fica claro que a política de uso e ocupação do solo preconizava a separação da agricultura com as áreas de criação, esta última se realizando "em campo aberto com o gado à solta",²² tendo a sua disposição a vegetação da caatinga, a perenidade do rio São Francisco e pelo clima semi-árido. Este fato foi determinante na ocupação da região, conseguindo fechar um polígono demarcado por "uma extensa ocupação territorial com pequena densidade populacional".²³

Essa política atendia aos interesses dos grandes latifundiários, residentes em Salvador e Olinda. Os mesmos recebiam grandes extensões de terras, "as sesmarias que constituíam os vastos latifúndios da era colonial. Uma carta de doação era o papel oficial da sua conquista. No São Francisco, o grande latifundiário foi a Casa da Torre, fundada pelo proprietário Garcia d'Ávila. Amparado por Tomé de Souza, conseguiu "entre o São Francisco e o Parnaíba mais de 70 léguas".²⁴ Estas "eram divididas em sítios e entregues vaqueiros, desta forma, os pequenos criadores alugavam sítios e os agricultores se tornavam rendeiros e, *todos*, (grifo nosso) dependentes dos grandes latifundiários".²⁵

As localidades do Vale do São Francisco tiveram por origem os pontos de jornada ou pousos dos primeiros penetradores dos sertões, por ocasião do início do ciclo do gado no Brasil, ainda no século XVI. Enquanto a cana-de-açúcar expandia-se nas áreas do litoral, a pecuária, em caráter extensivo, ocupava e povoava o sertão.

A criação de gado era realizada por povoadores que, não dispendo de capital para a montagem de engenhos no litoral, ocupavam terras sertanejas que não interessavam aos

²⁰ ANDRADE, Manuel Correia de. *O processo de ocupação do espaço regional do Nordeste*. Recife: SUDENE, 1975.

²¹ ABREU, Capistrano de. *Capítulos de história colonial e Os caminhos antigos e povoamento do Brasil*. 5. ed. Brasília: Editora UNB, 1963, p.158-259.

²² ESTUDO de Impacto Ambiental da Usina Hidrelétrica de Xingó. Diagnóstico Ambiental do Meio Antrópico. Rio de Janeiro: Enge-Rio, 1993. p. 7. Tomo II.

²³ Ibidem, p. 7.

²⁴ MEDEIROS NETO, Luiz. *História do São Francisco*. Maceió: Casa Ramalho, 1941.

²⁵ ESTUDO de Impacto Ambiental da Usina Hidrelétrica de Xingó. Diagnóstico Ambiental do Meio Antrópico. Rio de Janeiro: Enge-Rio, 1993. p. 7. Tomo II.

‘senhores’ para instalação de engenhos. Diminuindo os conflitos entre a classe proprietária e, ainda, proporcionando articulações de interesses entre os fazendeiros de gado e os donos de escravos, que representavam um mercado consumidor constante para pecuária. Além de fornecer animais de trabalho para as atividades da zona açucareira e posteriormente para a região de mineração, a pecuária fornecia carne as populações destas regiões.

As fazendas se situavam nas proximidades ou nas encostas ribeirinhas, em função da utilização do transporte hidroviário. A região da mata e as margens do rio São Francisco eram os locais prediletos de fixação dos colonos portugueses.

Durante o ciclo do gado, o rio São Francisco passou a ser conhecido como “Rio dos Currais” por conta da expansão da pecuária em suas margens, povoando e fazendo surgir as primeiras estradas.

Provavelmente o Império, defendendo seus interesses expansionistas visando à fixação de populações no interior do sertão e dos interesses dos senhores de engenho, pressionava a interiorização do gado, forma barata de ocupação. Assim, em 1701, D. Pedro II, de Portugal, em carta régia, proibiu a criação de gado a menos de dez léguas do litoral.

Os vaqueiros participavam do produto ou eram assalariados, estando subordinados ao capataz ou ao fazendeiro. Além destes, encontrava-se a figura do boiadeiro ou passador de gado, trabalhadores contratados para conduzir, comprar e vender o gado nas feiras e do morador ou empregado que nas fazendas prestava serviços ocasionais nas maiores propriedades. Diferente dos moradores dos engenhos, eles não pagavam direito pelas terras que ocupavam.

A margem esquerda do rio foi povoada por criadores pernambucanos, região de interesse direto destes estudos, seguiram em direção à região de exploração do ouro, que eram centros consumidores importantes, cujo poder aquisitivo era originário dos lucros da mineração. Até 1824 essa margem do São Francisco pertenceu a Pernambuco, sendo depois anexada à Bahia como medida punitiva à Confederação do Equador, em 1817.

Consolida-se assim a atividade pecuária associada à agricultura; vaqueiro e agricultor. Conseqüentemente, instala-se o cortume. Associe-se a essa cadeia, com força capaz de produzir alimentos, a oferta do pescado. Daí há o encontro do vaqueiro, do agricultor e do pescador.

Com a queda dos preços do açúcar, em meados do século XVII, pela elevação dos preços no mercado internacional, a pecuária se desenvolveu para atendimento ao mercado interno. A expansão da atividade se alastra pelos sertões a oeste e sudeste do Nordeste - caminhos por onde alcançaram o norte de Minas Gerais e Goiás.

O Estudo de Impacto Ambiental de Xingó (1996) descreve que "o ciclo da pecuária como atividade comercial começou a sofrer alterações a partir do século XVIII, quando teve início o cultivo do algodão". Esse acontecimento produz um aumento na população, atraído pelas novas oportunidades de renda, visualizadas na inserção do arranjo consorciado da pecuária com o algodão, e este, com outras culturas como o feijão, a fava, o milho e a mandioca. Dessa combinação se estabelece no Baixo São Francisco um grande movimento de comercialização de produtos, deslocamentos de rebanhos, instalação de curtumes, beneficiamento do algodão que vão dar origem a vários núcleos populacionais.

Com o declínio da posição no mercado internacional do algodão, em fins do século XIX, frente à produção americana, essa produção é absorvida pelos outros consumidores do sul e sudeste do Brasil.

Como uma das primeiras iniciativas de natureza estruturadora modernista e projeto governamental, em 1867, é introduzida a navegação a vapor no Baixo São Francisco,



Figura 1 – Canoas de Tolda/Acervo Max – Museu de Arqueologia de Xingó



Figura 2 – Vapor da Companhia de Navegação no Cais de Piranhas

o crescimento desses municípios está relacionado aos primeiros investimentos públicos efetuados na região. Para dotá-la de um sistema de comunicações e transportes com o objetivo de permitir o escoamento da produção (peles, couro e algodão), como também para minimizar os problemas das secas periódicas, ainda no período do Império foi concebido um plano de navegação interligada a uma ferrovia. A navegação permitiria o tráfego entre Pirapora/Juazeiro e entre Penedo e Piranhas, enquanto a ferrovia deveria contornar os intervalos das cachoeiras de Paulo Afonso de Itaparica.²⁶

Inaugura-se o que seria de extrema necessidade para o sucesso do assentamento urbano de Piranhas, o transporte hidroviário. Último porto seguro, final de jornada, surge a vocação portuária e sede de dormitório de quem vinha do leste e do oeste. São as embarcações que realizam o trajeto Penedo/Piranhas, com tipologias diferenciadas entre si, como as Canoas de Tolda, que transportavam mercadorias de todas as espécies e até passageiros ao luxuoso navio a vapor Comendador Peixoto, Sinimbú e Penedinho. Que realizava uma viagem semanal do porto de Penedo, cidade localizada na foz do rio São Francisco ao porto de Piranhas, chegando nesta às quartas-feiras, quando se realizava a feira livre no pátio do comércio. A hidrovia integra as cidades, vilas e povoados do Baixo São Francisco às regiões do sertão. Piranhas se consolida como entreposto comercial entre o litoral e o Sertão.

²⁶ ESTUDO de Impacto Ambiental da Usina Hidrelétrica de Xingó. Diagnóstico Ambiental do Meio Antrópico. Rio de Janeiro: Enge-Rio, 1993. p. 9. Tomo II.

Capítulo 2. Piranhas de Baixo: o nascer de uma cidade

2.1. Origem e resistência

A opção de estudar uma cidade é por demais desafiadora e exige, no mínimo, a reconstituição dos passos de sua formação histórica de seu desenvolvimento, essencialmente, humano.

(...) uma Cidade jamais deixa de ser humana, pois são os ciclos da vida que a tornam dinâmica, lhe dão vida.²⁷

Santos²⁸ registra: definir o que é cidade, do ponto de vista da arquitetura, é tentar compreendê-la também como espaço de representação de experiências coletivas inalienáveis, ou seja, como espaço cuja significação simbólica extrapola, em muito, o valor funcional das edificações que se erguem, bem como o espaço que constroem. E ainda nos revela que: “compreender a vida no espaço construído é compreender o ser humano na sua diversidade e complexidade”, a cidade, pois, estaria exposta às mais diversas possibilidades de existir como sejam numa “combinação quer com as experiências, imaginário, expectativas”²⁹.

No entanto, o estudo da cidade, sua trajetória no tempo, no espaço e na cultura dessas conformações urbanas, é citado por Munford como uma cadeia associada.

Se quisermos identificar a cidade, devemos seguir a trilha para trás, partindo das mais completas estruturas e funções urbanas conhecidas, para os seus componentes originários, por mais remotos que se apresentem no tempo, no espaço e na cultura, em relação aos primeiros tells que foram abertos. Antes da cidade, houve a pequena povoação, o santuário e a aldeia; antes da aldeia, o acampamento, o esconderijo, a caverna, o montão de pedras; e antes de tudo isso, houve certa predisposição para a vida social que o homem compartilha, evidentemente, com diversas outras espécies animais³⁰.

Piranhas, ao longo de sua existência, tem testemunhado uma expansão territorial urbana que vem sendo imposta pelos investimentos externos de projetos estruturadores. Os ciclos econômicos vivenciados têm se mostrado, até então, ineficazes quanto a sua sustentação e permanências. Essa ocupação territorial urbana vem se estabelecendo em etapas espaçadas ao longo dos tempos, e nos períodos de suas ocorrências consegue atingir os seus

²⁷ BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembrança de velhos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

²⁸ SANTOS, Lúcia Leitão. *Os movimentos desejantes da cidade: uma investigação sobre os processos inconscientes na arquitetura da cidade*. Recife: Contexto, 1998, p. 43-44.

²⁹ CALVINO, Ítalo. *As cidades invisíveis*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

³⁰ MUNFORD, Lewis. *A cidade na história: suas origens, transformações e perspectivas*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998. p. 11, (Ensino Superior).

intentos. Porém, como vem ocorrendo, são abruptamente interrompidas, causando transtornos social, econômico, cultural e político à cidade.

Os primeiros habitantes de Piranhas de Baixo encontraram as condições básicas necessárias para ali se fixarem: proximidade e oferta de água, condições de abrigo para repouso com segurança e capacidade extrativista ou de produção de alimentos. Sobre sua origem Motta esclarece:

Sabe-se que o arraial das Piranhas data do século XVIII. Fala a lenda em duas famílias que teriam predominado na região: os Feitosas e os Alves. A localidade era, então, conhecida como Tapera. Conta-se que em um riacho que hoje é chamado das Piranhas, um caboclo pescou uma grande piranha. Preparou e salgou o peixe, levando-o para sua residência. Lá chegando, verificou que se esquecera do cutelo. E voltou-se para o filho, dizendo-lhe com ênfase: ‘Vá ao porto da piranha e traga o meu cutelo’. Esta versão foi passando de geração em geração e, segundo parece, ficou o lugar denominado Piranhas. E como Tapera, com o decorrer do tempo, longe dos escombros e prédios espalhados, passou a ser uma povoação organizada, o nome de Piranhas foi-se estendendo desde o riacho até a povoação.

Para os que, dos sertões de Pernambuco, Bahia e outras partes da região banhada pelo rio São Francisco, tinham de viajar para o litoral e vice-versa, foi sempre o porto de Piranhas o escolhido por estância ou entreposto onde terminavam as jornadas por terra dos que desciam, e as viagens por água dos que subiam, visto ser daí, que, embora não de todo desimpedida, começa a ser praticável a navegação do baixo rio. Por isso, tomou Piranhas impulso no desenvolvimento comercial, ainda nos tempos em que tinha reduzidíssimo núcleo de população.

Dizem que o seu progresso muito deve ao trabalho de dois antigos proprietários da Fazenda Caiçara, Antônio Ferreira e Manuel Ferreira, cuja propriedade ficava no local onde se acha hoje, a zona suburbana da cidade, conhecida como “Piranhas de Baixo”.³¹

Assim conhecido, o povoado de Piranhas de Baixo se encontra abaixo de Piranhas de Cima, no sentido e direção das águas do rio sanfranciscano, que correm e deságuam no oceano Atlântico.

O lugar da implantação da cidade oferecia todas as exigências. Contava, primeiramente, com a presença do rio (dessedentação, higienização e limpeza, alimentação, comunicação e lazer). Sua vocação portuária tinha importância por ser o último porto seguro do Baixo São Francisco a proporcionar uma constante comunicação com os viajantes e outras comunidades. Pela localização anterior às corredeiras e cachoeira de Paulo Afonso, torna-se num excelente ponto de repouso dos viajantes que vinham do litoral para o sertão, assumindo o papel de “cidade dormitório”, tendo na sua história o registro do ilustre hóspede imperador

³¹ MOTTA, Hilton C. *Enciclopédia dos municípios alagoanos*. Sergipe: Sergasa, 1977, p. 300.

D. Pedro II. É também um ponto de troca de mercadorias que acelera o fortalecimento do comércio.

A forma inicial de ocupação espacial de Piranhas é o traslado das culturas envolvidas. Provavelmente, várias pessoas de origens e de localidades diferentes se estabeleceram no lugar e, através de suas maneiras de convivência, práticas e pautas culturais trazidas, conceberam de forma e conteúdo o que viria a ser a vila de pescadores, cognominada de Piranhas de Baixo.

Esses primeiros habitantes de Piranhas e seus repertórios, adquiridos das suas experiências anteriores, estabeleceram os componentes básicos que constituíram o legado cultural da cidade: aqui nasceu Piranhas. É a partir daí que foram lançadas as primeiras formas de relacionamento responsáveis pela dinâmica da conservação cultural reinterpretada pelas constantes provocações desenvolvimentistas impostas ao lugar.

O processo de crescimento urbano da cidade pode ser visto como sucessivas intervenções acontecidas no ambiente urbano. No sentido real aconteceu um escalonamento construtivo nas barrancas do cânion do São Francisco a partir de Piranhas de Baixo, que evolui para Piranhas de Cima, e atualmente para Nova Piranhas. Conjuntamente à expansão da cidade, os núcleos antecessores vão repassando suas funções, transferindo-as atendendo ao processo de crescimento econômico do lugar. A princípio, Piranhas de Baixo se implanta e lança a base dessa estrutura de ocupação espacial e cultural da cidade.

Piranhas de Baixo é o lugar onde a cidade teve sua origem, porém não contou com continuidade na ocupação do solo por se achar confinada entre o rio e o paredão rochoso do cânion. Assim, esse conjunto é isolado dos demais (aproximadamente oitocentos metros do centro urbano de Piranhas de Cima, ou seja, da Praça Nemézio Teixeira), apresentando pequeno e singelo tecido urbano com o casario e a Igreja de Santo Antônio. E ainda a rua principal (que se estende no sentido longitudinal ao rio), também denominada de Santo Antônio, que consiste na via articuladora de todo o conjunto urbano, sofrendo poucas alterações no traçado e conservando as características do seu casario - justificadas pelo baixo poder aquisitivo de sua população para investimento em reformas ou ampliações.

Completamente encaixada no cânion, a implantação da vila segue paralelamente o leito do rio, sentido longitudinal, direção leste-oeste. Três casas quebram o ritmo com implantação perpendicular ao rio e formalizam a marcação necessária para acesso ao pátio da Igreja de Santo Antônio de Lisboa. Reservado às festas, tem implantação garantida acima da rua principal, dando-lhe alcance visual e notadamente destaque entre as outras edificações. Algumas outras edificações isoladas na serra complementam o cenário de ocupação do lugar

entre rochas e vegetação da Caatinga. Lá, mais alto, encontra-se o cemitério encoberto pelas catingueiras e arbustos.

Pelas edificações ainda existentes, Piranhas de Baixo retrata com fidelidade as condições em que o povoado vivia. A Igreja de Santo Antônio de Lisboa e o seu pátio marcam a contribuição barroca no assentamento, provavelmente construídos no início do Século XVIII. Ali, realizam-se as treze primeiras noites do mês de junho dedicadas ao Santo casamenteiro, com rezas, cânticos e noiteiros que se revezam durante a trezena; ao final do encontro oferecem mungunzá, arroz doce ou bolo de milho.

Fogos de artifícios complementam a festa, que outrora já se apresentou como grande festejo do lugar, marcado pela procissão de Santo Antônio - sempre no dia 13 daquele mês, quando a comunidade de pescadores faz questão de carregar a imagem (belo exemplo barroco em madeira cromada, em andor enfeitado pelos moradores nas principais ruas de Piranhas de Baixo e de Cima).

O casario colonial marcado nos caixilhos e portais em arco batidos e as plantas baixas de suas edificações traduzem a simplicidade de seus habitantes, e têm rebatimento no estilo colonial, até hoje denunciado na vila. O cemitério de Piranhas de Baixo guarda cinco objetos edificadas da arquitetura funerária e a pedra e o cal foram responsáveis pela suas existências. Duas catacumbas são bem elaboradas, neoclássicas, no entanto, sem datas de suas construções. As demais existentes já assumiram conduta contemporânea – covas rasas sem construções. Pouco frequentado, porém, ainda usado para enterramentos. Do alto da serra, onde se localiza, vislumbram-se belas perspectivas de beleza cênica do conjunto de serras, vegetação, rochas, rio e céu.

Tem-se a informação de que havia duas bodegas, como afirma Celso Rodrigues (informação verbal, 2003)³², que vendiam desde cereais a pinga. Atualmente, suas edificações são quase exclusivamente residenciais, apenas o bar do Chico quebra o alinhamento desse conjunto residencial. Esse espaço desempenha relevante papel de centro de convergência, de encontro, de bate-papo, do gole de pinga, do *run montilla* com coca-cola e da cerveja, da piaba frita com farofa, do pitu torrado ou na moqueca e ainda do cari na brasa. É o ponto de informações e das discussões políticas, sempre presentes na vida dos piranhenses, quer na mesa da sinuca e no jogo do dominó, esses usuários brincantes passam pelo tempo entre um trago e outro de cachaça.

³² Celso Rodrigues – um dos entrevistados pelo autor - foi prefeito do município por 4 vezes.

As ocupações, em sua maioria, estão relacionadas com a pesca, confecção de petrechos, covos, redes, tarrafas - e carpinteiros de beira rio, que constroem e consertam embarcações. O século XIX, principalmente sua segunda metade, trouxe inovações tecnológicas que culminaram com acontecimentos modernizadores, e que deram grande impulso desenvolvimentista às ocupações dos sertões.

É através do desenvolvimento da navegação a vapor, 1867, que Piranhas de Cima começa a se desenvolver, pelo estabelecimento de linha regular entre as cidades de Penedo e Piranhas, reforçada pela implantação da ferrovia poucos anos mais tarde. Essa cadeia associada mudou totalmente as condições de comunicação entre o litoral e o sertão, possibilitando o crescimento e autonomia de Piranhas.

Em meados desse século várias incursões foram realizadas por viajantes estrangeiros a essa região. Avé-Lallemant foi um viajante alemão, que em suas investidas pelo Baixo São Francisco faz exaltação a Piranhas e cita Entremontes, hoje, distrito de Piranhas.

Aí as águas pardacentas do S. Francisco corriam ainda em violento redemoinhar, bramindo entre as alcantiladas rochas de suas margens. Com as águas mais baixas, seu leito enche-se de calhaus e penhascos; contudo, grandes canoas nele podem navegar sem grandes riscos (...) deixar a povoação de Piranhas, pendurada, como um ninho de andorinha, por cima do rio, ao longo da encosta, onde se notam algum comércio (...) perspectivas maravilhosas e muitos trechos de rochas poderiam despertar nos viajantes recordações do Reno (...). Só uma vez o lugarejo Entremontes nos deu mostra de civilização. No centro da pequena povoação, eleva-se bonita igreja branca.³³

A navegabilidade no Baixo São Francisco foi um dos motivos da viagem de D. Pedro II, em 1859, com vista à expansão comercial e ao acesso à cachoeira de Paulo Afonso. A embarcação que o conduziu até Propriá foi um dos primeiros barcos a vapor a subir esse rio.³⁴ Em 1867, o governo da Província das Alagoas e a Companhia Costeira Baiana assinam contrato que inaugura a navegação a vapor, no percurso Penedo – Piranhas.

Sobre o fato Ferreira³⁵ registra suas impressões e justifica a configuração da cidade:

O estabelecimento da navegação a vapor, em agosto de 1867, fazendo o percurso Penedo – Piranhas, veio dar novo impulso ao município. Entretanto o fator do seu desenvolvimento deve-se à construção da estrada de ferro.

³³ AVE-LALLEMANT, Robert. *Viagens pelas províncias da Bahia, Pernambuco, Alagoas e Sergipe*. Belo Horizonte: Itatiaia. São Paulo: EDUSP, 1980, p. 321-322.

³⁴ FURTADO, Ricardo Cavalcanti. et. al. *Piranhas: proposta de tombamento e plano de gestão*. Recife: Acriartes, 2003. p 14.

³⁵ FERREIRA, Jurandyr Pires. *Enciclopédia dos municípios brasileiros*. [s.l.]: Adolpho Frejat, 1959. p.137.

[...]

Apertada entre a margem do rio e a montanha que da mesma margem começa a erguer-se, a população via-se sem espaço suficiente para se expandir. A ferrovia de Paulo Afonso, indo de Piranhas a Jatobá, no estado de Pernambuco, veio remover, em grande parte, os obstáculos criados pela natureza e abrir margem para o alargamento da localidade.

Essa conjugação navegação a vapor/ferrovia faz Piranhas passar por um período de prosperidade econômica. Em 1885 é elevada à condição de freguesia, em 1910, de comarca, e em 1930, de cidade. Após a consagração de Piranhas de Cima como porto seguro/navegação, e implantação da ferrovia, Piranhas experimenta aquecimento na sua economia. Piranhas de Cima se impõe. Piranhas de Baixo cai no isolamento, perdendo sua importância como centro urbano e comercial.

Capítulo 3. Piranhas de Cima: a consagração de um lugar

3.1. A Construção da ferrovia

Após a visita de D. Pedro II, expedição científica, em 1869, ao Baixo e Sub-Médio São Francisco, confirmou-se a importância da implantação de uma ferrovia que interligasse, comercial e socialmente, as regiões do Alto, Médio e Sub-Médio.

A ferrovia de Paulo Afonso foi projetada pelo engenheiro hidráulico Carlos Krauss e teve autorizada a sua construção pelo visconde de Sinimbu. Em 1901, seguindo política do governo brasileiro de unificação e concessão das ferrovias do Nordeste, este segmento ferroviário foi arrendado e passou à administração da “Great Western of Brazil Railway Company”³⁶. Incorporado à Rede ferroviária Federal, em 1957, que, por sua vez, obedecendo diretrizes traçadas pelo Ministério dos Transportes da União e Obras Públicas, procedeu, em 1964, à desativação da estrada com a consequente retirada e alienação dos trilhos e dormentes.

*O trem rompe à caatinga,
vence alturas,
corta mata, corta rio, corta riacho,
carrega gente, carga e bicho.
Muitos ouvidos ainda escutam teu apito
De chegada e de partida.*

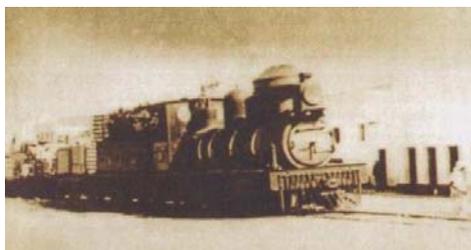


Figura 3 – Locomotiva que fazia o trecho Piranhas – Jatobá/PE

Fonte: Acervo Museu de Arqueologia de Xingó – MAX

Foi construída visando interligar aquelas regiões, vencendo os obstáculos representados pelos acidentes geográficos da cachoeira de Paulo Afonso e cânion, suprimindo

³⁶ PINTO, Estevão. *História de uma estrada-de-ferro do Nordeste*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1949. (Coleção Documentos Brasileiros, n.º 61). p. 129.

esse trecho do rio não navegável e de proporcionar recursos às populações flageladas pela seca que assolava o sertão da Bahia, Pernambuco e Ceará.³⁷



Figura 4 - Cachoeira de Paulo Afonso/BA

Esta intenção de interiorizar a ferrovia até atingir o rio São Francisco, visando ao escoamento da produção agrícola e ao escambo de mercadoria, existia desde a implantação da Estrada de Ferro Recife – São Francisco, construída em meados do século XIX. O porto de Piranhas, último ponto navegável e porto seguro do Baixo São Francisco, foi assim escolhido como início para a implantação daquela estrada de ferro. Sobre o assunto registra Furtado:³⁸

Quanto à ferrovia, Estevão Pinto mostra que a importância da linha Recife – São Francisco foi de caráter nacional, pois significou a efetiva conquista dos sertões e a ligação comercial e social das regiões do Alto e Baixo São Francisco. Ao descrever a linha a partir de Piranhas até Jatobá (atual Petrolândia), destaca que a pobreza e a escassez da população na região não tornavam rentável o funcionamento dessa linha, justificando-se a sua construção apenas pela expansão comercial, à medida que encurtava distâncias. Com o funcionamento dessa linha, em 1881, Piranhas consolida sua posição de principal entreposto comercial, ligando-se ao baixo São Francisco e à Cachoeira de Paulo Afonso.

Em 5 de julho de 1879, através do Decreto nº 7323, foi inaugurado o trabalho de construção da linha férrea em Piranhas e, cinco anos mais tarde, era inaugurado o trecho final em Jatobá, atual Petrolândia.

A referida estrada abrangia os Estados de Pernambuco e Alagoas, possuía 116km de extensão e margeava o rio São Francisco. Era constituída pelas estações ferroviárias de Piranhas (km 0), Olho d'água do Casado (km 28), Talhado (km 41), Delmiro Gouveia (km

³⁷ Ibidem, pp. 68, 120, 123.

³⁸ FURTADO, Ricardo Cavalcanti. et. al. *Piranhas*: proposta de tombamento e plano de gestão. Recife: Acriartes, 2003. p. 15.

54), e Sinimbu (km 70), em Alagoas; Volta (km 84), Quixaba (km 102), Petrolândia (km 116), em Pernambuco. O trem era misto, transportava passageiros e mercadorias - sendo na estação de Pedra, atual município Delmiro Gouveia, um grande entreposto comercial.

Realizando uma permuta de tipos diferentes de transporte, essa baldeação rio e trilhos, navio a vapor, embarcação a velas e trem, abriu horizontes e perspectivas de melhoria na qualidade de vida da população, permitindo, entre outras coisas, uma maior comunicação entre as cidades e povoados existentes em toda a bacia franciscana. É importante ressaltar o deslocamento de uma população atraída para a região pela oferta de emprego na construção da ferrovia e que vai interferir no comportamento da cidade e, conseqüentemente, numa maior ocupação territorial urbana de Piranhas. Assim como nos grandes vapores, os usuários do trem tinham seus assentos definidos pela posição social que ocupavam, classificando suas ocupações de assentos espelhados nas classes sociais.

O complexo ferroviário construído possui uma unidade compositiva de extrema harmonia. A chamada Praça do Recinto é perfeitamente precisa e bem instalada. Era ali a manobra utilizada para retorno do material rodante, que consistia num giradouro completo situado ao centro do complexo.



Figura 5 – Torre do Relógio



Figura 6 – Estação Ferroviária de Piranhas

A estação ferroviária de Piranhas e o entorno formalizam o complexo ferroviário com prédios destinados a administração, almoxarifado, oficinas e abrigos de vagões, carros passageiros e locomotivas, como também uma imponente torre que abrigava caixa d'água e um relógio de fabricação inglesa.



Figura 7 - Antigo Almoarifado



Figura 8 - Oficina



Figura 9 – Vista aérea do Prédio da Estação Ferroviária de Piranhas

É a partir destes referenciais que grande parte da produção arquitetônica se reproduz, redistribui seus elementos nas construções da igreja católica, residências e casas comerciais. A implantação no centro do sítio histórico chama atenção pela sua área de ocupação, pela singularidade de implantação de seu casario, formalizando degraus em escalonamento pelas serras, pelo aconchego dos objetos edificados.



Figura 10: Casario



Figura 11: Casario

A permanência dos valores culturais herdados conservados e originados pela implantação da linha férrea produz novo cenário de relevante produção arquitetônica na malha urbana. Destacam-se, no contexto, os prédios estruturadores da paisagem urbana. Todos incrustados na rocha, obedecendo à movimentada topografia, que forneceu a Piranhas desfrutar de uma

diversidade paisagística urbana única.



Figura 12 – Prédio D. Pedro II – Sede da Prefeitura Municipal de Piranhas

Olhando atentamente para essa produção arquitetônica amontoada no pé da serra, em todas as direções, subindo e descendo serras, na beira do rio, dentro do cânion, observamos o escalonamento obrigatório das edificações. Com certa teimosia em querer permanecer ali, sempre em reverência ao Velho Chico, presenteando a cidade com mezaninos naturais, verdadeiros terraços panorâmicos de vistas explorando diversos olhares, formalizado por casas agrupadas ou isoladas, coloridas, vegetação, céu e rio produzindo vistas inusitadas e espaços surpresa de grande efeito contemplativo.

A monumentalidade do complexo ferroviário se impõe pela ocupação espacial e escala. Representando o poder econômico, contrapõe-se a arquitetura religiosa da Igreja de N. S. da Saúde, e percebe-se uma concorrência em escala e volumetria expressados na definição estilística e na riqueza de detalhes constitutivos desses prédios. São as duas mais imponentes construções do sítio histórico. Destaque também para o prédio da Prefeitura.

A implantação estratégica da igreja no sítio busca tirar partido da topografia, que lhe impõe naturalmente uma verticalidade reforçada por única torre centralizada na fachada principal com alcance visual em vários pontos da cidade sua fachada principal é voltada para o sol nascente, sentido Leste. Percebe-se a utilização de elementos do repertório neoclássico encontrados no prédio da estação. Daí se concluir a influência daquela estação na produção arquitetônica de todo o sítio urbano da cidade de Piranhas.



Figura 13 – Igreja N. S. da Saúde - Vista Frontal



Figura 14 – Igreja N. S. da Saúde - Vista Posterior



Figura 15 - Vista parcial da cidade

Acontecimentos históricos de grande relevância para entendimento da conjuntura atual tiveram como cenário essa produção ferroviária, compondo as páginas da história desse lugar.

Assim, com a navegação a vapor e a ferrovia, Piranhas passa por um período de prosperidade econômica, elevando-se política e administrativamente à condição de freguesia, em 1885, de comarca, em 1910, e de cidade, em 1930, isto é, cumpre um ciclo urbanizador³⁹. O tempo transcorrido entre a concessão da freguesia e a elevação à cidade já mostra que as alterações em Piranhas, como na maioria das cidades do sertão, verificam-se num ritmo diferenciado das localidades litorâneas nordestinas ou sejam muito lentamente. Portanto, pode-se dizer que, a partir de 1930, não ocorreu nenhum fato propiciador de crescimento econômico e social. Essa apatia, porém, torna-se estagnação com a desativação da ferrovia

³⁹ Ver Anexos – Linha do Tempo

pela Rede Ferroviária Federal, em 1964. Depoimentos de moradores demonstram a desolação e o isolamento a que foram submetidos com essa desativação:

Como relata a piranhense Sra. Maria Rodrigues:

(...) o trem ele trazia mercadoria como feijão, farinha, arroz de todo o jeito, aquele colar para fazer corda, coroa pra levar pra Penedo, Propriá, trazia tudo isso, agora acabou-se, depois que tiraram o trem acabou tudo, não ficou nada mais (...).⁴⁰



Figura 16 – Vista da Estrada de Ferro desativada entre o rio São Francisco e sítio histórico de Piranhas

⁴⁰ RELATÓRIO do Projeto Memória de Alagoas: levantamento histórico dos municípios do reservatório do Lago de Xingó. Maceió: Departamento de História/UFAL; Departamento de Meio Ambiente/CHESF, 2000, p. 71.

(...)
Todos os dias
É um vai e vem
A vida se repete
Na estação
Tem gente que chega
Pra ficar
Tem gente que vai
Pra nunca mais

Tem gente que vem
E quer voltar
Tem gente que vai
E quer ficar
Tem gente que veio
Só olhar ...
Tem gente a sorrir
E a chorar

E assim
Chegar e partir
São só dois lados da mesma viagem
O trem que chega
É o mesmo trem que dá partida
A hora do encontro
É também despedida
A plataforma desta estação
É a vida deste meu lugar
É a vida desse meu lugar
É a vida⁴¹

⁴¹ Encontros e Despedidas, composição de Milton Nascimento e Fernando Brant (1985)

“Encontros e Despedidas”, música e poesia de autoria dos parceiros Milton Nascimento e Fernando Brant (1985), descreve bem a rotina descrita e testemunhada pelos que viveram esse passado recente em Piranhas. Com o apito do trem a cidade se transformava. O movimento com os corre-corres das pessoas aumentava produzindo burburinho, ecoado entre as colinas do entorno. Os figurantes da cena, prostrados na plataforma, ou debruçados sob suas janelas, denunciavam suas expectativas e admiração pelas idas e vindas do trem, da Maria Fumaça. Eram os mais diversos sentimentos promovidos pela chegada ou partida daquele vapor, esperança, decepção, trabalho, encontros, alegria e tristeza faziam parte do dia a dia dos usuários passantes e dos residentes piranhenses.

Como relata D. Brízida (1998, informação verbal)⁴²:

vi o trem, chorei tanto quando esse trenzinho saiu, o trenzinho passava ali, a gente chegava na estação ficava né, trazia muita carga de Petrolândia, aí o navio pegava aqui e levava pra Penedo, Própria, Pão de Açúcar, era lindo, era um movimento muito grande ... muito grande, esse comércio aqui era lindo de uma ponta a outra... tinha de tudo, tudo se vendia ... depois que tiraram a rede ferroviária acabouse ... as famílias foram embora.

A feira livre de troca e escambo de mercadorias passou a existir como uma das mais importantes da região servindo de referência para as demais localidades sempre às quartas-feiras.



Figuras 17, 18 e 19 – Feira livre no Pátio do Comércio (final da década de 80)

Fonte: CHESF/ Deptº Meio Ambiente

O movimentado porto e ferrovia de Piranhas⁴³ atravessa o apogeu do ciclo do algodão e testemunha os investimentos trazidos de Pernambuco por Delmiro Gouveia para o

⁴² Informação verbal retirada de entrevista concedida em 23 out. 1998.

município de Pedra, hoje cidade com seu nome. A estação de Pedra destacava-se como um grande entreposto comercial. O fenômeno do cangaço também, como em outros municípios do nordeste, faz parte da história de Piranhas, que foi atacada por um grupo de cangaceiros liderados por Corisco e Gato na tentativa de libertar a cangaceira Inacinha; mulher deste.

*Terra de coiteiros,
Terra de cangaço,
De Marias Bonitas,
Todas cangaceiras
mulheres de 'cabras macho'.*⁴⁴

Este episódio, ocorrido em 26 de setembro de 1936, resultou nas mortes de várias pessoas, inclusive a do próprio Gato. Mas é com a morte do rei do cangaço, Lampião,⁴⁵ e parte do seu bando, que Piranhas aparece no cenário internacional. Ao serem decapitados Lampião, sua mulher, Maria Bonita, e mais nove cangaceiros, suas cabeças foram trazidas e expostas juntamente aos seus pertences na escadaria do prédio da Prefeitura de Piranhas, em julho de 1938. Ali foi tirada a célebre fotografia.



Figura 20 – Acervo do Museu do Sertão Lia Rodrigues - Piranhas

Os acontecimentos e os cenários construídos do passado, bens patrimoniais da ferrovia, se emprestaram às produções cinematográficas de um passado recente: *Bye Bye Brazil*, na

⁴³ “Era o ponto de transbordo dos despachos de Delmiro da via fluvial para a ferroviária e vice-versa”. MELLO, Frederico Pernambucano de. *Delmiro Gouveia: desenvolvimento com impulso de preservação ambiental*. 2. ed. Recife: Massangana, 1998.

⁴⁴ Do autor

⁴⁵ “Virgulino Ferreira da Silva, Lampião, é considerado o exemplar mais famoso entre os cangaceiros. A sua peregrinação e de seu bando durou em torno de 20 anos por todo o Nordeste, tendo sido morto em Angicos, município de Poço Redondo, no estado de Sergipe, em 28 de julho de 1938”. FACO, Rui. *Cangaceiros e Fanáticos: gênese e lutas*. 5. ed., Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978, p. 57.

década de 70, e *O Baile Perfumado*, na década de 90. Essas películas levaram Piranhas a ser ainda mais conhecida, inclusive no seu contexto histórico patrimonial.

Capítulo 4: Nova Piranhas: A sedução urbana contemporânea da região

4.1. A Chesf a Usina e o Acampamento

O início da história da CHESF pode ser resumido no cancionero popular eternizado pelo cantor Luiz Gonzaga, em composição de Humberto Teixeira e Zé Dantas, que diz:

“Delmiro deu a idéia e Apolônio aproveitou

Getúlio fez o Decreto e Dutra realizou.

O Presidente Café, a Usina inaugurou

Meu Paulo Afonso foi sonho que já se concretizou”.

A Companhia Hidro Elétrica do São Francisco - CHESF, com sede em Recife, capital do estado de Pernambuco, é uma empresa de economia mista, criada pelo Decreto-Lei n.º 8031, de 03/10/45 e constituída em 15/03/48, controlada pela Centrais Elétricas Brasileiras - ELETROBRÁS, com a missão de produzir, transmitir e comercializar energia elétrica, contribuindo para o desenvolvimento socioeconômico da Região Nordeste. Sua área de atuação compreende, hoje, oito Estados da Região Nordeste, sendo eles: Bahia, Sergipe, Alagoas, Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte, Ceará e Piauí; abrangendo uma extensão territorial de mais de 1.200.000 km² do território brasileiro.

Atualmente a CHESF possui um parque de geração formado por 14 Usinas Hidrelétricas, correspondente a uma potência total instalada de 10.704 MW, que é transmitida para os estados da região nordestina, através de 18.000 km de linhas de transmissão, além de 87 (oitenta e sete) subestações, as quais constituem, juntamente com as linhas de transmissão, usinas hidrelétricas e termelétricas, o Sistema Eletroenergético da CHESF.

A Companhia foi a principal agência executora da política energética na Bacia Hidrográfica do São Francisco, onde estão instaladas suas principais usinas hidrelétricas (VER Figura XX Parque de Geração da Chesf). O São Francisco, principal rio da região nordestina, nasce na Serra da Canastra, em Minas Gerais, possuindo uma bacia hidrográfica da ordem de 630.000 km², com extensão de 3.200 km de sua nascente à foz em Piaçabuçu/AL e Brejo Grande/SE. Em relação ao seu desenvolvimento longitudinal, essa bacia hidrográfica

abrange os estados de Alagoas, Bahia, Ceará, Distrito Federal, Goiás, Minas Gerais, Paraíba, Pernambuco, Piauí, Sergipe e Tocantins (ANEXO C – Mapa da Bacia Hidrográfica do São Francisco) e está dividida em quatro regiões ou trechos: o Alto, o Médio, o Sub-Médio e o Baixo São Francisco (VER ANEXO D: Mapa das Regiões do São Francisco).

O aproveitamento hidrelétrico de Xingó foi objeto de análise, num nível que hoje seria denominado de pré-inventário, ainda na década de 50, quando se desenvolviam os estudos de implantação da atual PA-I - primeira Usina Hidrelétrica em Paulo Afonso, no estado da Bahia. Porém, como um dos Decretos-Leis que autorizaram a organização da Empresa, ressaltou-se o de nº 19.706 de 3 de outubro de 1945, que outorgava à CHESF a concessão, por 50 anos, “para aproveitamento progressivo de energia hidrelétrica do rio São Francisco no trecho compreendido entre Juazeiro e Piranhas⁴⁶” deixando claramente às intenções da exploração desse aproveitamento já na região do Baixo São Francisco.



Figura 21 - UHE Xingó – Acervo Chesf/Departamento de Meio Ambiente

No início da década de 70, o aproveitamento hidrelétrico de Xingó foi incluído no inventário de recursos hidrelétricos do Nordeste, trabalho realizado sob coordenação da Eletrobrás através do Comitê Energético do Nordeste – ENENORDE.

A CHESF deu sequência aos estudos e análises de alternativas e, ao iniciar-se na década de 80, três eixos estavam selecionados como os mais indicados para implantação da

⁴⁶ Sobre a criação da CHESF: Em 4 de abril de 1944, Apolônio Sales, como Ministro da Agricultura, submeteu ao Presidente da República Getúlio Vargas a exposição de motivos, nº 456, onde apresentava o anteprojeto de uma sociedade por ações, com o objetivo de aproveitar-se energia hidrelétrica do São Francisco. São assinados os decretos-Leis em 3 de outubro de 1945, autorizando a organização da Companhia Hidro Elétrica do São Francisco – decreto-lei nº 8.031- um outro, de nº 8.032, abrindo ao Ministério da Fazenda o crédito especial de Cr\$ 200.000.000,00 (duzentos milhões de cruzeiros) para as subscrições de ações da Companhia e o de nº 19.706, que outorgava à Companhia a (área e prazo – grifo nosso) concessão. Jucá, Joselice, CHESF – 35 anos de História. Recife, CHESF, 1982, p. 38.

barragem que possibilitaria o aproveitamento do potencial hidrelétrico do cânion do rio São Francisco.

Em março de 1982, com base no relatório “Estudos para escolha do local de implementação”, a CHESF submeteu a Eletrobrás sua opção favorável à alternativa Canindé I, cujo eixo localiza-se no fim do cânion, à montante das sedes Municipais de Piranhas e Canindé do São Francisco, sendo esta opção, desde que as diferenças de custos globais eram irrelevantes, apoiada num lay-out mais simples e nas facilidades construtivas da alternativa escolhida. Esta decisão foi importante, pois representou toda uma cadeia das intervenções estabelecidas na mudança de uso do solo da área afetada pelo empreendimento.



Figura 22 - Vista da UHE Xingó. Foto: Wille Marcel

Previsto para ter suas obras civis iniciadas em 1983, somente em 20 de março de 1987 isto se concretizou.

Durante os cinco anos decorridos a CHESF entre 1982 e 1987, além dos trabalhos de engenharia de campo para apoio ao projeto, a CHESF, diretamente ou sob contrato com empreiteiros locais, melhorou e implantou acessos viários, construiu instalações pioneiras de escritórios, depósitos, alojamentos, sistemas d’água e energia elétrica, relocou a sede municipal de Canindé de São Francisco no estado de Sergipe e adquiriu todas as áreas necessárias à implantação da usina, do canteiro e do acampamento, bem como contratou todos os equipamentos principais.



Figura 23 - Escola UNEX I – Bairro de Xingó

A UHE Xingó faz parte do sistema de geração de energia elétrica da CHESF, produz mais de 25% da eletricidade que o Nordeste consome, localizando-se no Rio São Francisco, com coordenadas geográficas $9^{\circ} 37'00''$, latitude sul e $37^{\circ} 46'00''$, longitude oeste. Fica entre os estados de Alagoas e Sergipe, cerca de 2 km à montante da cidade de Canindé de São Francisco (SE), e cerca de 179 km da foz do rio, no trecho final do cânion que se inicia em Paulo Afonso, tendo como objetivo aumentar a oferta de energia elétrica do sistema interligado CHESF/ ELETRONORTE.

O EIA⁴⁷ da Hidrelétrica de Xingó, Meio Antrópico, definiu como áreas de influência⁴⁸ do empreendimento, AID⁴⁹ e AII⁵⁰ sendo que as cidades de Piranhas, no Estado de Alagoas e a cidade de Canindé de São Francisco no Estado de Sergipe, pelas suas proximidades a UHE de Xingó, foi definida como Área de Influência Direta (AID); e, como Área de influência Indireta (AII) foram notificadas as cidades de Olhos D'Água do Casado e Delmiro Gouveia no Estado de Alagoas e Poço Redondo no Estado de Sergipe.

⁴⁷ Estudo de Impacto Ambiental - EIA da UHE de Xingó Tomo II - Diagnóstico Ambiental do Meio Antrópico, Volume 3, Enge-Rio Engenharia e Consultoria S.A, fevereiro de 1993. Os estudos ambientais para elaboração e confecção do EIA da Hidrelétrica de Xingó foram realizados em 10 meses, Dezembro de 1991 a setembro de 1992.

⁴⁸ Inciso III, do Art.5º da Resolução 237 de 1997 do Conselho Nacional de Meio Ambiente - CONAMA, que dispõe: "definir os limites da área geográfica a ser direta ou indiretamente afetada pelos impactos, denominada área de influência do projeto, considerando, em todos os casos, a bacia hidrográfica na qual se localiza;" No caso do empreendimento de Xingó, foram definidas Áreas de Influência Direta (AID) e Indireta (AII).

⁴⁹ Área de Influência Direta compreende a localização do empreendimento; do canteiro de obras; instalação de novos assentamentos residenciais, intensificação e convergências de fluxos de pessoas, bens e recursos financeiros.

⁵⁰ Área de Influência Indireta, AII, as áreas afetadas caracterizadas pelas inter-relações imediatas com a AID e incremento nos fluxos de pessoas, bens e recursos financeiros.

O Reservatório de Xingó está localizado no Baixo São Francisco, inteiramente encaixado no cânion e estende-se da barragem até a Usina de Paulo Afonso IV, numa extensão de 60 km, apresentando uma superfície aproximada de 60 km², com uma capacidade de armazenamento da ordem de 3,8 bilhões de m³. Para sua formação foi inundada apenas um povoado, Canavieiras – margem esquerda, com 12 famílias que foi relocadas. Sendo ainda inundadas, parcialmente, cerca de 70 propriedades rurais com pouca ou nenhuma atividade agropecuária nas áreas atingidas pertencentes aos municípios de Paulo Afonso, no Estado da Bahia, Olho D'água do Casado, Piranhas e Delmiro Gouveia, no Estado de Alagoas, e Canindé do São Francisco, no Estado de Sergipe.

O aproveitamento hidrelétrico de Xingó está localizado a uma distância de 12 km do município de Piranhas/AL e a 6 km do município de Canindé do São Francisco/SE. Possui como principais rodovias de acesso a BR 423 que a interliga com Recife/PE, numa distância de 430 km, a AL - 220 pelo lado de Alagoas, numa distância de 230 km de Maceió/AL e por último a SE-208 que acessa a cidade de Aracaju/SE, perfazendo uma distância de 190 km da mesma.

Está posicionada à jusante do Complexo Hidrelétrico de Paulo Afonso, constituindo-se o seu reservatório, face as condições naturais de localização, num cânion, numa fonte de turismo na região - através da navegação no trecho entre Paulo Afonso e Xingó. Além de prestar-se ao desenvolvimento de projetos de irrigação, piscicultura e ao abastecimento d'água para a cidade de Canindé de São Francisco/SE.

A usina geradora é composta numa primeira etapa de seis unidades com 500.000 quilowatts de potência nominal unitária. Construída pelo Consórcio Xingó, CBPO/Constran/Mendes Júnior, tendo como projetista a Promon Engenharia, teve sua obra iniciada em março de 1987 e início de operação em dezembro de 1994.

Como uma das usinas hidrelétricas mais moderna do Brasil a UHE Xingó possui o controle e supervisão redundante (convencional / digital) permitindo desta forma, uma operação centralizada, de alta confiabilidade e com um número reduzido de operadores. Sofisticada e com tecnologia de ponta possibilita a monitoração e controle remoto da usina, a partir do Centro de Operação do Sistema (em Recife) e do Centro de Operação Regional possuindo um requintado sistema de telecomunicações.

Sobre a conservação da UHE de Xingó encontra-se em ótimas condições operacionais, considerando que se trata de uma usina nova. Destaca-se pelo alto grau de automação e

supervisão, sendo a sua operação efetuada de forma digitalizada, através de um centro de controle.

O bairro de Xingó nasceu da necessidade de atendimento à nova composição populacional em decorrência da implantação da Usina no período de 1987 a 1996, que carregou grandes mudanças na ocupação territorial, situação socioeconômica da região e, em particular na cidade de Piranhas.

Grandes impactos eram esperados pelas obras em decorrência da implantação da Usina e obras complementares; obstáculos da própria expansão física da cidade – sítio histórico e, a implantação do acampamento.

Diante do quadro de impactos previstos, o Estado de Alagoas propôs em outubro de 1987, que conjuntamente com a Chesf e Prefeitura Municipal de Piranhas, fosse elaborado um PLANO DIRETOR, que interpretasse a nova realidade do município visando dotá-lo de documento norteador de proposições que auxiliassem no desenvolvimento integral da área”.⁵¹

Registra também a preocupação de criar condições favoráveis ao desenvolvimento do município e ao bem-estar da comunidade local.

Em outubro de 1987, é firmado um convênio entre a Chesf e a FIDAM (Fundação Instituto de Desenvolvimento Urbano e Assistência Municipal do Estado de Alagoas) com interveniência da Prefeitura Municipal de Piranhas para elaboração do Plano Diretor de Desenvolvimento de Piranhas. Com a extinção da FIDAM, em 1990, a responsabilidade e repasse dos recursos para a conclusão do Plano foram assumidos pela Secretaria de Planejamento do Estado de Alagoas – SEPLAN, fortalecendo a CAXINGÓ – Coordenação das Ações de Apoio à Construção da Usina Hidrelétrica Xingó, órgão dessa Secretaria, responsável pela implementação e apoio das ações na área.

Para administrar aqueles impactos, oriundos do crescimento da cidade, o Governo do Estado de Alagoas, a Chesf e a Prefeitura Municipal de Piranhas definiram as suas principais atribuições e responsabilidades, através de um convênio firmado em 29 de março de 1988.

À CHESF coube a construção e implantação dos setores habitacionais das Vilas Alagoas e Sergipe, denominados de Bairro Xingó, constituindo uma área integrada dotada de serviços que contemplava as mais diversas edificações voltadas para o atendimento a população usuária (agências bancárias, de correios, dos escritórios da Casal-Companhia de abastecimento de água e esgoto, Ceal – Companhia de Eletricidade de Alagoas, da Sede do

51 Piranhas/AL, Plano Diretor de Desenvolvimento de Piranhas. Diagnóstico.Maceió, abril de 1991.p 13.

Sindicato Rural de Piranhas, Fórum de Justiça, Quartel da Polícia Militar). Construiu hospital, categoria regional, postos de saúde e ainda a ponte Delmiro Gouveia, interligando os estados de Alagoas a Sergipe. Dotou o acampamento ainda de uma malha viária bem dimensionada e bem construída com pequeno terminal rodoviário.

Realizou grande investimento na arborização urbana para o acampamento através da disseminação de sementes e distribuição de mudas de árvores nativas através da instalação de uma sementeira que ainda hoje fornece mudas para todos os municípios vizinhos, priorizou e estimulou o pequeno comerciante além de absorver mão-de-obra local e regional para a construção da usina. Dotou os espaços públicos de equipamentos comunitários, além de toda uma infra-estrutura necessária para melhoria de qualidade de vida da população usuária.



Figura 24 – Vista parcial da área comercial do bairro Xingó



Figura 25 – Vista da Ponte Delmiro Gouveia interligando os estados de Alagoas e Sergipe

Na realidade, a pequena e pacata Piranhas, adormecida desde a desativação da ferrovia na década de 60, não estava acostumada com a velocidade das transformações imposta pela construção da usina. O ritmo acelerado da obra, o vai-e-vem das pessoas - principalmente aquelas que estavam chegando para ficar - assustava e ao mesmo tempo fazia renascer momentos de prosperidade até então esquecidos. Descortinavam-se novos cenários urbanos e

os tempos modernos finalmente davam o toque presencial na urbe. Aspecto tão bem registrado segundo Resende:⁵²

Todos apostam, porém, no progresso, em um incessante desenvolvimento da capacidade humana em gerir e superar seus problemas. A modernidade não poderia se concretizar no seu sentido mais amplo, sem o processo de modernização que requer mudanças na economia, avanços tecnológicos, predomínio da ciência e da razão prática, burocratização, organização racional do trabalho, ordem e progresso, onde o Estado atua como instituição importante na gestão do processo”. E assim, pela voracidade empreendida permite a rejeição “aos valores trazidos pela modernização presentes em todos os momentos da sua história.

Como forma de abrigar a população migrante, destinou, por meio da Prefeitura, a área da Vila Satélite, Bairro Nossa Senhora da Saúde, com aproximadamente 2.400 (dois mil e quatrocentos) lotes e equipamentos públicos, tais como uma escola de 1º Grau e um posto de saúde.



Figura 26 - Bairro N. S. da Saúde



Figura 27 - UNEX II – Bairro N. S. da Saúde

52 Resende, Antonio Paulo. (Des) Encantos Modernos – Histórias da cidade do Recife na década de vinte. Recife: Cia. Editora de PE. Governo do Estado de PE/Fundarpe, 1997, pp.18.



Figura 28 - Alojamentos



Figura 29 - Clube Pajuçara



Figura 30 - Clube Atalaia



Figura 31 - Sinalização interpretativa



Figura 32 - Casa da Diretoria ou de Hóspedes

Coube ao Estado a responsabilidade de manter os equipamentos comunitários, assistir tecnicamente à construção e realizar os estudos nas áreas de saúde, educação, segurança pública, serviço social, agricultura, trabalho, habitação, comunicação, transporte, abastecimento d'água.



Figura 33 - Igreja de São Francisco construída pela Chesf no bairro Xingó

Acervo do Autor

Ao município coube aparelhar-se administrativa e tecnicamente capacitando-se a oferecer os serviços necessários exigidos pela população, bem como o estabelecimento de critérios para o assentamento da população atraída.

Observa-se que a atratividade e a sedução do acampamento, bairro de Xingó, produziu nos habitantes da região e de outros grandes centros representou uma verdadeira corrida: todos queriam morar ou ter uma casa no acampamento no bairro de Xingó ou mesmo no bairro N. S. da Saúde. Era um outro mundo.

As casas todas novas e dotadas de toda uma infraestrutura moderna. Confeccionadas de Alvenaria, emassadas, forradas em gesso, água encanada (tubulação embutida) e caixa d'água, luz (com fiação embutida e interruptores modernos), sanitários dentro de casa (todas com esgotamento sanitário), com jardins e garagem para carros, quartos, outras com suítes, quarto e área de serviço, sala pra dois ambientes e cozinha ampla, com terraços amplos; ficava difícil não se deixar seduzir.

Além da atratividade do objeto edificado residencial, todo o acampamento era dotado de um sistema viário pavimentado, com calçadas para pedestres, ruas arborizadas com posteação e iluminação públicas, com vigilância 24 horas⁵³.

O comércio, ofertava ao visitante e aos novos moradores as mais exigentes oportunidades de compras. Sobre lazer e recreação, o bairro possui dois clubes sociais Pajuçara e Atalaia. O primeiro atendia, à época da construção, à camada mais popular e o segundo, ao pessoal de nível superior, também apelidado pela população como Altalaia.

Com a dimensão que o bairro de Xingó se tornou, passando a ser o centro das atenções e com a autonomia urbana do bairro de Xingó, concentração de comércio e serviços (não se falava mais em Piranhas como cidade, a escala do bairro assumia as proporções de cidade), e a parte mais antiga da cidade de Piranhas passa a ser frequentada por abrigar a Sede do Governo Municipal, pelos visitantes e pela sua prainha tida como a melhor da região. A vida em Piranhas continua calma e pacientemente acomodada sobre as serras rochosas. Um certo isolacionismo é observado em relação aquela população atraída do bairro Xingó.

Algumas resistências foram anotadas em relação a possíveis mudanças de residências do sítio histórico para o bairro de Xingó, como:

Para D. Eliete Fernandes, piranhense residente no sítio histórico de Piranhas (sua irmã mora no bairro de Xingó). “O bom, o chique mesmo era morar no Xingó; e, complementa: “daqui é que eu não saio. Fui criada aqui. Minha família é toda daqui meus pais, irmãos e avós”⁵⁴

⁵³ A Chesf implantou no acampamento guaritas com vigilância 24 horas, localizadas em todos os acessos da malha viária do acampamento – as mesmas foram demolidas antes mesmo do término da obra em 1994.

⁵⁴ Entrevista concedida em Piranhas. Junho de 2002.

As famílias tradicionais se mantiveram no sítio histórico e reforçaram o poder de domínio político investindo na ‘modernização’ do sítio histórico, descaracterizando alguns imóveis do sítio em seu conjunto arquitetônico colonial. É interessante observar que muitas dessas famílias possuem casas também no bairro de Xingó. Muitas intervenções continuam sendo realizadas sem as devidas orientações técnicas o que tem causado a perda de parte da integridade do conjunto histórico edificado.

O sítio histórico até hoje não é saneado suas casas são dotadas de fossas sépticas, isoladas. A camada de solo é muito superficial, a cidade está assentada na rocha, o que prejudica ainda mais a absorção dos resíduos que, em contato direto com a rocha segue em direção ao rio. Não é raro encontrar filetes, sangramento de resíduos em meio à rua, esgotamento a céu aberto.

Capítulo 5 - Dois mundos: entre o antigo e o novo

5.1 - Piranhas hoje: em dados reais

Piranhas de Baixo (núcleo primitivo da cidade) e Piranhas de Cima (sede do município de Piranhas) continuam com sua configuração antiga. As mesmas conservaram não só os seus traçados como também seus valores culturais impregnados nos seus moradores.

Por encontrar-se dentro do cânion do São Francisco, a mais ou menos 3 km do antigo acampamento da Chesf, bairros de Xingó e N. S. da Saúde, descer até a cidade Sede do município é enveredar por estrada asfaltada serpenteada com curvas sinuosas e perigosas ao encontro do rio São Francisco.

Ao tempo da descida vão descortinando-se fragmentos de paisagem da natureza e urbana, céu, vegetação, rochas, rio, cemitério, casarios, torre da igreja, obelisco do Séc XIX e capelas encravadas nos topos das serras. De seus prédios podemos constatar a presença de vários estilos arquitetônicos, representantes de várias épocas que, implantados em escalonamento nas serras, formalizam um cenário de cores múltiplas - que parece, intencionalmente, reverenciarem o rio. A chegada em Piranhas consegue emocionar. Continua emocionando.



Figura 34 – Vista Parcial de Piranhas de Cima



Figura 35 - Vista do casario piranhas de Cima

Antes da construção da usina, em meados da década de 80, chegar a Piranhas representaria uma viagem a um lugar parado no tempo. Com seus pouco mais de 1.300 habitantes, seu casario antigo, vida pacata, pouco trânsito de automóveis e motos e um silêncio apenas quebrado pelas longas conversas entre vizinhos nas calçadas a noite, gritos de crianças nas ruas brincando, ‘baba’ (jogo de futebol, no caso de salão) na quadra da praça do

Recinto, ou ainda na feira livre das quartas-feiras – a cidade silenciava. Apesar das transformações operadas ainda, é possível se escutar o silêncio de Piranhas.



Figura 36 - Feira livre: Piranhas de Cima (final de 80)



Figura 37 - Feira livre: Piranhas de Cima (final de 90)

Todo esse conjunto que envolve a natureza e a cultura humana estão contidos nos aspectos fisiográficos do município, que se localiza no estado de Alagoas (VER ANEXO E, MAPA DE ESTADO DE ALAGOAS). A região situa-se a 50 metros acima do nível do mar na Longitude: $-37,7^{\circ}$ (Oeste) e Latitude: $-9,5^{\circ}$ (Sul). Localiza-se na porção sudoeste do estado de Alagoas e à margem esquerda do rio São Francisco. Limita-se ao Norte com o município de Inhapi, ao Sul com o rio São Francisco – divisa com o Estado de Sergipe, ao Leste com os municípios de Pão de Açúcar e São José da Tapera, a Oeste com o município de Olho d' Água do Casado e a nordeste com o município de Senador Rui Palmeira.

A área territorial do município é de 407,65 km² representando 1,47 % do Estado de Alagoas. Posiciona-se a uma distância real de 221,56 km da cidade de Maceió, capital do Estado. Seu Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) é de 0,61 segundo o Atlas de Desenvolvimento Humano/PNUD (2000).

De acordo com o Censo Demográfico do IBGE de 2000, a população urbana era de 1340 habitantes, a população rural é de 18667, perfazendo um total de 20.007 habitantes. Sob forte influência das condições climáticas impostas pelo domínio do clima semi-árido, onde as chuvas variam entre 400mm - nos anos mais secos - e 700mm - nos anos mais chuvosos.

Existe também, entre os meses de dezembro e janeiro, o fenômeno das trovoadas, que produz os relâmpagos acompanhados de fortes trovões e chuvas. A temperatura média em Piranhas anual varia de 29,5 °C e máxima de 39°C nos meses de janeiro e fevereiro, e a mínima de 20°, nos meses de maio a junho. A umidade relativa do ar revela em sua média anual 68%. A evaporação mensal é mínima no mês de julho e máxima em novembro. A

direção predominante dos ventos oscila entre os de NE e os de SE, para 80% dos registros conhecidos.

A pobreza do solo associa-se à geologia da área. Sobre rocha granítica, a pequena camada de terra permite baixa permeabilidade devido à textura e pequena profundidade. A área encontra grande incidência de rochas metavulcanos-sedimentar, configurando-se numa topografia resultante de sucessivas retomadas de erosão que culminaram no desenvolvimento de níveis de sedimentos alternados causando alteração nas rochas. É sobre esses altos e baixos que a cidade de Piranhas e os bairros de Xingó e N S da Saúde inserem-se na malha urbana. Possuidora de um solo raso e pouco férteis que em conjunto com o clima semi-árido fornecem os fatores que decisivamente contribuem para uma baixa produção agrícola, sobressaindo-se a agricultura familiar ou de subsistência com o cultivo do feijão, milho e algodão. Destaca-se na atividade agropecuária. É uma constatação a grande concentração de propriedades rurais.

As condições climáticas e situação geográfica fazem com que a vegetação predominante seja caatinga (mata branca) arbórea e arbustiva. É impressionante o comportamento dessa vegetação, que se caracteriza pelas plantas caducifólias, cactáceas, arbustos e outras árvores de pequeno, médio e grande porte - que em época de seca se apresentam esturricadas, acinzentando todo o ambiente. No entanto, com pequena chuva todo o ambiente se renova e o verde retorna transformando totalmente a paisagem, como num passe de mágica. Assim são anotadas as palmas forrageiras, os xique-xiques, as bromeliáceas, os facheiros, os mandacarus, os bongi, coroas de frades ou ainda as catingueiras, pereiro, umbu, pau ferro, juazeiro entre outras.



Figura 38 – Piranhas em época de estiagem



Figura 39 – Piranhas em época de chuva

A fragilidade do sistema educacional do município é reflexo da realidade nacional, principalmente no que diz respeito à educação básica. Uma pequena casa acolhe a criançada

do jardim da infância e serve também de creche mantida pela prefeitura. O único estabelecimento de ensino que atua na área do 1º Grau existente em Piranhas de Cima é o Grupo Escolar Porfírio. O 2º Grau ficou sendo atendido pelas UNEX I e II. A prefeitura mantém transporte para conduzir os alunos que necessitam se deslocar.

A Chesf construiu duas grandes escolas, denominadas Unidade de Ensino de Xingó, UNEX I e UNEX II. A primeira no bairro Xingó e a segunda no bairro N S da Saúde. Alguns outros estabelecimentos de ensino foram notificados como a COOPEX – Cooperativa escolar de Xingó e a Escola Arco-Íris, que atendem exclusivamente ao 1º Grau.



Figura 40 - Grupo Escolar Manoel Porfírio – Piranhas de Cima

A economia básica do município está apoiada na atividade agropecuária. A grande concentração de propriedades rurais, a insuficiência de recursos naturais aproveitáveis, a baixa produtividade da lavoura - em razão da escassez de solos adequados à agricultura - , além da falta de infra-estrutura e da intensidade do processo migratório do meio rural, são fatores que influenciam a atividade econômica municipal. Some-se a isso a deficiência hídrica da região e chuvas mal distribuídas, a falta de sementes selecionadas e melhoradas, o manejo e uso inadequado do solo e a não utilização de controle fitossanitário.

A atividade comercial predominante no município é o comércio varejista, ocorrendo uma significativa melhoria no setor comércio do município com a construção da UHE Xingó.

O setor industrial, como gerador de uma transformação estrutural do sistema econômico de um estado ou país, inexistente na região e município, devido às inúmeras limitações, como a desintegração entre os órgãos governamentais, ausência de pesquisa para o conhecimento do potencial econômico, falta de recursos na implementação de ações, apoio do poder aos pequenos e médios produtores. Estas limitações inibem o dinamismo do setor e conseqüentemente o desenvolvimento da região. A partir da implantação da UHE de Xingó, surgiram micro indústrias de pré-moldados, olarias, panificações, sorveterias, restaurantes, etc, de pequena expressão, em atendimento à população recém chegada.

O extrativismo vegetal limita-se quase exclusivamente ao corte da lenha, sendo crescente o desmatamento da região. A retirada predatória da cobertura vegetal leva a área a assumir cada vez mais características de desertificação.

A companhia responsável pela energia elétrica no município de Piranhas é a CEAL (Companhia Energética de Alagoas). Consta que em abril de 1999 existiam em Piranhas de Baixo e Piranhas de Cima 246 ligações e 2.287 provenientes dos bairros de Xingó e N. S. da Saúde perfazendo um total de 2533 ligações. Observa-se que o atendimento ao sítio histórico (representa apenas 9,71%, e o Acampamento pelos outros 97,2%.

Sobre o abastecimento de água utiliza-se como manancial utilizado o rio São Francisco, e a empresa responsável pela operação dos sistemas de abastecimento de água é a CASAL (Companhia de Abastecimento de Água e Saneamento do Estado de Alagoas). Segundo dados da CASAL (fevereiro de 1999), o município de Piranhas possui uma rede de água com uma extensão de 3664 m e atende aproximadamente a 2647 ramais da rede – de acordo com a Casal referente a fevereiro de 1999.

A companhia responsável pelo sistema de esgoto é a CASAL e, segundo seus dados de fevereiro de 1999, o município de Piranhas possui uma rede de esgoto com uma extensão total de 5527 m, sendo a tubulação dos bairros Xingó e Nossa Senhora da Saúde em PVC em sua grande maioria, e no restante em ferro fundido dúctil cimentado para evitar corrosão. Enquanto que em Piranhas de Baixo e Piranhas de Cima a tubulação da rede coletora de esgoto é em ferro fundido.

Um dos graves problemas na urbanização do município é o seu sistema coletor de esgotos. Esse é um dos fatores que mais contribuem para a formação do baixo padrão de urbanização local.

Em Piranhas de Cima (Sede do município) e Piranhas de Baixo não há rede de esgoto e há dificuldade de adoção de sistemas simplificados individuais, tais como: fossa negra e fossa séptica. O fato é que a cidade se encontra numa encosta de morro tipicamente rochosa, conseqüentemente não é difícil encontrar dejetos a céu aberto. Os esgotos escoam pelos talvegues de drenagem, típicos da área, sendo os dejetos então encaminhados ao rio São Francisco.

Para tratamento de esgotos do bairro de Xingó foram implantadas duas lagoas de estabilização, que operam em série, uma primária e a outra secundária. Elas são originárias do barramento do talvegue do riacho Nova Olinda, e estão à jusante de mais três lagoas de acumulação artificiais. O sistema serve apenas às redes coletoras da vila Alagoas e da Vila Sergipe, as quais formam o bairro Xingó.

Os efluentes sanitários, após o tratamento, seguem para o rio São Francisco. Infelizmente, as referidas lagoas vêm sendo usadas diariamente para pescarias de subsistência e comercial. Essa pescaria diária é feita com tarrafa, e quando esta engancha o pescador mergulha para desenganchá-la. Além da pesca, algumas pessoas costumam banhar-se e utilizar estas águas para irrigação.

Para servir a uma parte dos domicílios do bairro Nossa Senhora da Saúde, cujos lotes estavam sob responsabilidade da CHESF, foi implantado um sistema de 3 lagoas de estabilização anaeróbias e facultativas em série para o tratamento dos efluentes sanitários. Há alguns anos os efluentes domésticos não tratados, cujo destino seria para essas lagoas, vêm sendo desviados para irrigação de algumas culturas, comprometendo o saneamento da localidade.

Na drenagem urbana em Piranhas de Baixo e de Cima (sede do município) existem sarjetas e bocas de lobo, além de dois córregos que atravessam a localidade, que são chamados de Açude e Cabrobó, que além de receberem águas das enxurradas e das conhecidas trovoadas recebem os efluentes sanitários, sendo que o córrego do Cabrobó termina no córrego do Açude. A partir daí há um córrego único que reúne os referidos anteriores, onde o destino das águas coletadas é o rio São Francisco. Verifica-se a presença de lixo e animais como galinhas nos referidos córregos. esses espaços servem de extensão dos quintais daquelas residências.

No bairro Xingó há um sistema de drenagem composto de bocas de lobo, sarjetas, galerias de água pluviais, concentrados nos pontos baixos do bairro, além disso todas as ruas são calçadas e a topografia da área favorece a drenagem. O bairro Nossa Senhora da Saúde possui um sistema de drenagem composto de sarjetas e galerias pluviais nas ruas que foram construídas pela CHESF. A maioria das ruas possui calçamento e a topografia favorece a drenagem, que na época das chuvas desce em direção ao rio em grande correnteza, atingindo os córregos do Açude e do Cabrobó.

A limpeza urbana do município de Piranhas é de responsabilidade da Secretaria de Obras da prefeitura. O lixo recolhido é transportado para dois lixões a céu aberto, sem nenhum tratamento, sendo queimado.

Em Piranhas de Baixo e de Cima a coleta de resíduos sólidos é feita diariamente, sendo os mesmos recolhidos em latões, lixeiras e caçambas e colocados em um trator com carroção, onde são transportados para lixão a céu aberto. Lá se observa a presença de catadores de lixo e quantidade expressiva de lixo orgânico, inclusive animais mortos. Às quartas-feiras ocorre uma feira-livre, sendo o lixo recolhido logo após seu término.

Varre-se a cidade todos os dias e os varredores começam seu serviço às 4 horas da manhã. Uma outra realidade é observada naquelas casas que têm seus fundos voltados para os córregos Cabrobó e Açude – ali são depositados lixos, sendo que estes riachos despejam no São Francisco, contaminando-o. A falta de acesso de veículo de limpeza a esses locais dificulta ainda mais as tarefas de limpeza urbana.

O bairro Xingó, composto das vilas Alagoas e Sergipe, até 1998 estava com os serviços de limpeza urbana sob responsabilidade da CHESF, estando agora confiados à Secretaria Municipal de Obras da Prefeitura. Através de levantamentos iniciados em 1999, pôde-se constatar que os serviços de limpeza não vinham sendo realizados com a mesma eficiência que quando estavam sob responsabilidade da CHESF. Além disso, greves por parte dos funcionários da limpeza urbana por atraso no pagamento dos salários eram frequentes. Os depósitos empregados para a colocação do lixo são latões, lixeiras e caçambas. O bairro de Xingó dispõe de um caminhão de carroceria de madeira e um outro com caçamba para a coleta do lixo.

No bairro Nossa Senhora da Saúde a frequência não é regular e o veículo usado no transporte dos resíduos é um trator dotado de carroção, o qual também é utilizado no recolhimento do lixo de Piranhas de Baixo e de Cima. Aos domingos ocorre uma feira-livre em Nossa Senhora da Saúde. O lixo é recolhido logo após a feira.

Há um hospital no bairro de Xingó chamado hospital Unidade Mista Senador Arnon Afonso Farias Melo, que serve Canindé do São Francisco, Piranhas, Olho d'Água do Casado, Pariconha, Delmiro Gouveia, São José da Tapera e Senador Rui Palmeira. Algumas complicações que não têm condições médicas de serem resolvidas neste hospital são enviadas aos dois hospitais de Paulo Afonso (Nair Alves de Souza e Mulumbu). Durante a construção da usina, o serviço de atendimento e pronto socorro eram bastante eficientes. Após repasse para o Governo do Estado o hospital declinou em todos os sentidos, quer seja no atendimento ambulatorial, pronto socorro e manutenção.

Em abril de 1999 a direção do hospital registra os seguintes dados: o hospital de Unidade Mista Senador Arnon Afonso Farias Melo dispunha de 13 médicos: (2 cirurgiões, 2 anestesistas, 2 pediatras, 2 cardiologistas, duas ginecologistas, 3 clínicas-gerais e 1 clínico-geral eventual), além de possuir 36 leitos de internação, ambulatório, pronto-socorro, laboratório, raios-X, internação, centro cirúrgico, clínica médica, clínica pediátrica. Fonte: Hospital Senador Arnon Afonso Farias Melo.

Em Piranhas de Baixo e de Cima existe um posto de saúde da Funasa que funciona diariamente com ambulatório e clínica odontológica, inclusive com a distribuição de

remédios. É comum a Prefeitura Municipal patrocinar a ida de pacientes para tratamento médico no município alagoano de Arapiraca ou Maceió, capital do Estado.

O rio São Francisco recebe o esgoto doméstico de Piranhas de Baixo e de Cima sem que o mesmo sofra nenhuma depuração antes do seu lançamento, que ocorre em um ponto de lançamento. Animais costumam servir-se das águas do rio, mulheres ainda lavam roupas e os banhistas utilizam-se da mais famosa prainha da região. Há alguns bares à beira do rio São Francisco, os quais possuem fossa ou valas, sem considerar a proximidade em relação ao rio, bem como a questão da infiltração, já que o terreno é predominantemente arenoso sobre rocha granítica.

O matadouro municipal está localizado no bairro Nossa Senhora da Saúde, localizado próximo à fossa e o filtro anaeróbio. Podem-se constatar as precárias condições sanitárias em que vivem as pessoas próximas a ele: o matadouro foi construído numa área inadequada muito próxima de residências, com valetas conduzindo esgotos a céu aberto, esgoto da rua aportando para o matadouro, bastante lixo espalhado, crianças descalças, animais alimentando-se de lixo e presença de moscas e ratos.

5.2 Novas apropriações e negação ao passado

Quando do início dos estudos para se construir a Usina de Xingó no começo da década de 80, surge uma nova ordem sócio-econômica na região, principalmente nos municípios de Piranhas, Alagoas e Canindé do São Francisco no estado de Sergipe. Piranhas tinha sido escolhida para sediar um complexo habitacional de grande impacto naquele pequeno e isolado mundo urbano, até então existente. Era perceptível a existência do antigo e previsível, o novo que estava por vir. Sobre o assunto vale a pena registrar Canclini.⁵⁵

O mundo moderno não se faz apenas com aqueles que têm projetos modernizadores. Quando cientistas, tecnólogos e empresários buscam seus clientes, eles têm também que lidar com a resistência à modernidade. Não apenas pelo interesse em expandir o mercado, mas também para legitimar sua hegemonia, os modernizadores precisam persuadir seus destinatários de que – ao mesmo tempo que renovam a sociedade – prolongam-se tradições compartilhadas. Posto que pretendem abarcar todos os setores, os projetos se apropriam dos bens históricos e das tradições populares.

⁵⁵ CANCLINI, Nestor Garcia. *Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. 3. ed. São Paulo: EDUSP, 2000, p. 159.

Esses dois mundos tendem a se aproximar para absorver benefícios recíprocos e quando seus interesses (alianças) são “quebrados” alojam-se tensões explosivas, conflitos. Canclini, ainda, observa que nos debates da modernidade existe um vazio na discussão sobre patrimônio (grifo nosso) e ressalta: “É como se o patrimônio histórico fosse competência exclusiva de restauradores, arqueólogos e museólogos: especialistas no passado.”⁵⁶.

O Relatório de Impacto Ambiental – RIMA⁵⁷, do empreendimento de Xingó traça as seguintes observações sobre o assunto:

A área de influência do empreendimento, tomada como um todo, até recentemente guardava um relativo isolamento em seus respectivos estados. De economia pouco dinâmica e ocupação rarefeita, não dispo de recursos sócio-econômicos de vulto que justificassem constituir-se em pólo de atração, manteve-se resguardada de afluxos populacionais mais expressivos até os anos 70.

Os dados dos censos demográficos⁵⁸ na década de 70/80 apresentam uma taxa de crescimento anual no município de 2,67% com crescimento no período na ordem de 30,2%; Entre os anos de 80 e 91, a população aumentou, alcançando a taxa de crescimento anual de 8,44% apresentando um crescimento na ordem de 143,9%. Fica clara a explicação para esse significado aumento na população de Piranhas: pessoas atraídas, que chegavam de todas as partes, para trabalhar na obra da construção da usina e, residindo principalmente nos bairros de Xingó e N. S. da Saúde.

A construção da Usina alterou o configuração do tecido urbano e a vida do município quando do período de sua construção em Piranhas. Foi no município onde se implantou o acampamento abrigando milhares de trabalhadores.

Após o término da obra, Piranhas ganhou uma “nova cidade” no seu território.

Esse dramático câmbio estrutural da economia e da demografia do município reflete-se nas mudanças da população total e da população economicamente ativa, conforme o quadro abaixo:

⁵⁶ Ibidem, p. 160.

⁵⁷ O Relatório de Impacto Ambiental – RIMA⁵⁷ é o documento que traduz em linguagem simples e acessível ao público os aspectos mais significativos de um determinado Estudo de Impacto Ambiental – EIA. Destaca as características do empreendimento, os aspectos e impactos ambientais identificados e os planos e projetos ambientais propostos.

⁵⁸ O Relatório de Impacto Ambiental – RIMA⁵⁸, da UHE de Xingó - Enge-Rio Engenharia e Consultoria S.A, fevereiro de 1993. Rio de Janeiro.

Ano	Total	Urbana	Rural
1970	3.897	857	3.040
1980	5.945	1.153	4.792
1991	14.501	1.718	12.740
1996	19.652	1.503	18.149

Quadro 1: Piranhas - População Total, Urbana e Rural 1970, 1980, 1991 e 1996 (Fonte: IBGE, Censo Demográfico – 1996)

Percebe-se um grande contingente populacional rural no ano de 1991/96, explicado pela inclusão dos bairros de Xingó e N. S. da Saúde no meio rural. Como também fica clara a baixa população urbana representada por Piranhas de Baixo e Piranhas de Cima. Daí, tem-se uma amostra do quanto a pequena cidade de Piranhas sofreu com as profundas alterações no uso e ocupação do solo, como relata Brito:⁵⁹

Enquanto não se construía o acampamento que abrigaria o pessoal ocupado na construção, todos os espaços e imóveis da cidade disponíveis na área serviram como habitação aos empregados da obra, o que envolveu até a cidade de Delmiro Gouveia, gerando um movimento especulativo e renovador da feição urbana. Edificações foram levantadas ou reformadas, sem levar em conta a história ou qualquer outro ordenamento dentro dos padrões urbanísticos já utilizados.

Piranhas de Baixo e Piranhas de Cima constituem a porção da cidade histórica, que cresceu segundo um processo de expansão urbana impulsionado por ações desenvolvimentista inseridas ainda na época do império, tendo-se afeiçoado e adaptado àquelas mudanças de ordem, sem um plano de ocupação. “Foram as circunstâncias históricas, os recursos disponíveis, a identificação das necessidades, oportunidades e potencialidades veiculadas, a cada momento, por cada ator construtor da cidade, que condicionaram a sua forma de implantação”.⁶⁰

Sobre as mudanças ocorridas, o Sr. Eviládio José de Souza⁶¹ (prefeito 3 vezes no município de Piranhas falecido no ano 2000), relata com indignação a decadência do sítio

⁵⁹ Brito, Luciano José Rodrigues. As transformações do espaço urbano de Piranhas-AL, com a implantação da Usina Hidrelétrica de Xingó. Maceió. Departamento de Geografia da Universidade Federal de Alagoas, Monografia de conclusão de curso. 1995.

⁶⁰ FURTADO, Ricardo Cavalcanti. et. al. *Piranhas*: proposta de tombamento e plano de gestão. Recife: Acriartes, 2003, p. 78.

⁶¹ Projeto Memória de Alagoas: Levantamento Histórico dos municípios do Reservatório do Lago de Xingó. Entrevista concedida em 23.10.1998. Convênio Chesf/Departamento de Meio Ambiente/Universidade Federal de Alagoas/Departamento de História. Maceió, dezembro de 2000.

histórico de Piranhas - que ao longo do tempo foi perdendo sua autonomia vitimada pela estagnação econômica provocada pelos surtos dos ciclos do couro, algodão, navegação, ferrovia e por último da usina hidrelétrica que absorve para o bairro de Xingó suas principais atividades .

Para o Sr. Eviládio:

Antes de Xingó, o comércio aqui era muito bom... nessa faixa de 12 a 15 casas comerciais aqui, tecido, mercearia né, armazém de sal – o sal daqui vinha da praça de Piaçabuçu, chegava canoa e mais canoa de sal para ir para o alto sertão ... Piranhas era o celeiro desse sertão toda mercadoria passava por aqui... agora o comércio parou com o Xingó, todo mundo foi pra lá, o comércio, o comerciante, só eu que fiquei e mais dois, né e o comércio aqui em baixo parado... com o progresso de Xingó, Piranhas Velha era cidade-sede, caiu muito... o Cartório era aqui, o Fórum... o juiz de direito é de Maceió não quis ficar aqui, era muito quente preferiu ir pra lá... levou tudo pra Xingó... documentação e tudo. O Banco do Brasil era aqui foi pra Xingó, então caiu tudo, por essa razão, o comércio foi caindo... hoje resta o Correio, eu já disse se tirar esse Correio e levar lá pra cima, aí pronto, fecha o comércio porque o Correio paga o aposentado, né? Piranhas foi morrendo né, e tá se acabando o fracasso de Piranhas foi isso ... em consequência do progresso dela, com Xingó, né, então acabou com a cidade de Piranhas, a cidade, a sede, veio o fracasso com tudo isso, com a hidrelétrica. Até o pessoal de Piranhas mesmo foram morar lá em cima, um bocado... dão casa de graça para morar, outros construíram casas em Piranhas Nova, então 50% da população de Piranhas Velha (assim, depois da implantação do Acampamento passaram a chamar a Sede de governo) estão em Piranhas Nova (assim, começaram a chamar os bairros de Xingó e N. S. da Saúde).

Comumente se encontram pessoas no sítio histórico de Piranhas que concordam com esse discurso e esse sentimento do Sr. Eviládio. No entanto, a questão dessas transformações vivenciadas por todos deixou-os confusos em relação aos dois mundos criados e que se diferenciam pelas suas formas tão distintas de concepção, de convivência e de valor. Para se ter uma idéia segue relato, ainda do Sr. Eviládio, quando perguntado pelos benefícios trazidos pelo empreendimento de Xingó:

“Ah! Sim, trouxe porque veio muitos empregados né, empregos, e a obra da hidrelétrica. Efetivamente Piranhas Velha era pequena, agora vivia bem, agora melhorou muito em questão de emprego né? Muitos pais de famílias aí desempregados, e muitas pessoas hoje vivem dessa hidrelétrica, né? Sofreu um pouco mais em compensação lá em cima tem emprego para desenvolvimento, muita gente empregado, muita professora, muito colégio, muita criança estudante que se não fosse a hidrelétrica não dava esse desenvolvimento aí em Xingó, a gente sofreu um pouco, mas vai indo.”

Vale a pena ressaltar que no ano da entrevista, 1998, a desocupação dos imóveis e a desmobilização já haviam sido iniciadas.

Sobre as mudanças ocorridas e como reabilitar o sítio histórico, a cidade, o Sr. Eviládio, relata:

“acabou a rede ferroviária, acabou o navio aí Piranhas Velha... Piranhas vivia desses dois, que era a estrada de ferro e o navio, acabou e a cidade foi morrendo, hoje está fraquinho mesmo”. Perguntado sobre o que deveria ser feito para trazer o comércio de volta, as festividades, prossegue: “Eu acho um pouco difícil aqui sabe, porque esse Xingó aí, o pessoal não quer mais vim pra qui, todo mundo só quer Xingó, o comércio lá, a feira é maior, Piranhas Nova ... Piranhas Velha aqui, eu acho difícil voltar. Só se voltasse o trem novamente, o navio podia ser... mas sem voltar é difícil, agora se voltar o trem, falaram até uma época aí de voltar o trem ... não sei não, o prefeito mesmo não pode ... só se for uma indústria, o governo... a indústria poderia ser que melhorasse isso aqui ...”

Nova Piranhas, bairros de Xingó e de N. S. da Saúde foram criados para atender à construção da usina e para isso todo o seu repertório urbanístico e arquitetônico estava voltado para aquele fim, detendo em suas raízes projetuais os conceitos impregnados de modelos de acampamentos do Setor Elétrico espalhados pelo país. É produto de um planejamento. Segundo Furtado⁶², Nova Piranhas

“é fruto de uma ação planejada nos seus mínimos detalhes quanto a forma, métodos construtivos, e escolha do sítio urbano. Foi concebido como uma totalidade. Como artefato urbanístico, reflete modelos de urbanismo e arquitetura modernista adaptada aos ditames empresariais da construção da usina hidrelétrica. Nesse sentido, difere da tradição construtiva que moldou a Piranhas antiga”.

Brito⁶³ constata após seus estudos que ocorreram mudanças significativas no quadro da evolução urbana municipal:

“Hoje tem-se um espaço segmentado compreendendo um bairro ordenado (Xingó) e um bairro desordenado com problemas estruturais e sociais (Nossa Senhora da Saúde)”.

O centro histórico de Piranhas está ameaçado de destruição ou desvirtuação das características que o tornaram importante a nível de patrimônio histórico. Entremontes, apesar

⁶² Ibidem, p. 78.

⁶³ BRITO, Luciano José Rodrigues. *As transformações do espaço urbano de Piranhas-AL, com a implantação da Usina Hidrelétrica de Xingó*. Maceió: UFAL, 1995.

da construção da usina, continua uma vila estagnada. O distrito de Piau, por outro lado, recebeu uma série de melhoramentos, possíveis devido ao aumento de arrecadação do município, gerado pela presença da usina.

O impacto promovido pela construção dessa outra “cidade” fez despertar perspectivas múltiplas de mudança de vida nas pessoas, (da localidade, do entorno, da região e até de outras partes do Brasil), que chegavam atraídas pelos empregos, formal ou informal, e se estabeleciam no Xingó. De profissionais da engenharia, médicos, arquitetos, dentistas, professores, juiz, padre, enfermeiros, pedreiros, eletricitas, encanadores, torneiros mecânicos, técnicos de nível médio e superior, peões, barrageiros⁶⁴ ou não, até agricultores, pescadores, barqueiros que largavam suas ocupações para se juntarem aos fazeres da construção de forma direta ou indireta; sejam no canteiro de obras, nas cozinhas e restaurantes⁶⁵. A força de trabalho da mulher também foi ressaltada. Naquela ocasião, Xingó recebeu grande fluxo de profissionais qualificadas oriundas principalmente da capital alagoana.

Em meados de 1994, a CHESF, como forma de esclarecer aos visitantes e novos moradores da cidade que Xingó se tratava de um bairro da cidade de Piranhas, confeccionou duas placas, em concreto, (sinalização informativa para divulgação da hierarquia dos diferentes espaços urbanos existentes), instaladas nos principais acessos que levavam ao sítio histórico, com os seguintes dizeres, até hoje existentes: Cidade de Piranhas, Bairro de Xingó e outra que indica: Cidade de Piranhas, Bairro de Nossa Senhora da Saúde. Essa preocupação é evidenciada por Brito.

A Chesf, dentro de uma proposta inovadora em termos de acampamentos, construiu a partir de 1987, novos bairros na cidade de Piranhas, Xingó e N. S. da Saúde.

O conflito estabelecido entre esses dois mundos, Piranhas Sede do Governo e bairro de Xingó nos reporta as coisas da realidade vivenciada pelos seus (velhos e novos) moradores, verdadeiros atores dessa dinâmica que o espaço físico territorial sedimentou. Vale a pena, transcrever sobre o assunto o que diz Furtado:

“O ‘novo’ foi introduzido na cidade de Piranhas com a construção da Usina Hidrelétrica de Xingó, trazendo de volta a possibilidade de recuperação econômica e promovendo mudanças na configuração urbana antiga.

⁶⁴ É o indivíduo que trabalha na construção de barragens, ou mesmo o técnico que defende a construção de barragens para geração de eletricidade. É costume desses especialistas se deslocarem, ao se findar uma obra, para trabalhar noutra construção de usina.

⁶⁵ A Chesf à época do Acampamento de Xingó mantinha 5 restaurantes na sua totalidade – 3 na forma de bandeirão servia-se aos peões e técnicos de nível médio; macrobiótico e consórcio (La carte) aos técnicos especialistas nível médio, superior e convidados. O controle era através de senhas compradas ou fornecidas pela Divisão de Administração de Xingó – DAAX. – eram servidas as 3 refeições diárias.

Inicialmente, a ação dos trabalhadores dessa obra provocou a ampliação de alguns imóveis e a construção de outros de forma inadequada a essa configuração. Posteriormente, a implantação dos bairros de Xingó e de Nossa Senhora da Saúde criou novos assentamentos urbanos e, portanto, outros modos de vida, que implicaram”:

- A existência de uma cidade com dois lugares, caracterizando uma situação dual;
- O deslocamentos de atividades e funções, extinguindo quase todo o comércio de Piranhas de Baixo;
- O crescimento populacional e demanda por serviços infra-estruturais;
- A ampliação e maior complexidade da administração municipal;
- A convivência dos antigos moradores com a população emigrante, diluindo identidades, hábitos e costumes.

A Usina Hidroelétrica de Xingó, sediada no município de Canindé do São Francisco, consiste em uma outra herança que precisa ser apropriada pelo modo de vida do lugar. Daí, é que o desafio maior da gestão da conservação passa a ser reduzir as tensões existentes entre a cidade-pousada e a cidade-usina.”

5.3 O Tombamento dos bens patrimoniais da natureza e culturais de Piranhas

HINO DE PIRANHAS		O pescador
(Letra e Música: Rosiane Rodrigues – Piranhas – 1973)	A gente sente	E o que semeia
	Quando desce	O amor que nasce
	Pela estrada	Em você.
	Vê você	
Piranhas, com amor...	Aconchegada	Piranhas, com amor.... (BIS)
Escrevo esta canção para	Entre serra	
você	Ao entardecer...	O estudante
Terrinha, no sertão	O São Francisco	Da terrinha
De gente hospitaleira pra	Lá embaixo	Que aprende
valer.	A lua cheia	Rico ou pobre

Nela sente	O seu torrão.	O mirante
Muito amor		A estação...
No coração	Piranhas, com amor... (BIS)	Sua paisagem
De lá saiu		De Lapinha
Muito doutor	E se chegamos	Encantada
E gente nobre	Pelo rio	Oh! Piranhas
Seja rico	De canoinha,	Terra amada
Seja pobre	Lá no alto,	Que nos prende
Engrandece	A igrejinha	O coração.

Para todo orgulhoso piranhense saber o Hino da cidade é uma obrigação. A letra e a música são de autoria da piranhense, médica, residente em Maceió que o compôs em 1973. O hino apresenta a cidade e seus pontos mais evidenciados na paisagem.

As cidades e a Memória

Inutilmente, magnânimo Kublai, tentarei descrever a cidade de Zaíra dos altos bastiões. Poderia falar de quantos degraus são feitas as ruas em forma de escada, da circunferência dos arcos dos pórticos, de quais lâminas de zinco são recobertos os tetos; mas sei que seria o mesmo que não dizer nada. A cidade não é feita disso, mas das relações entre as medidas de seu espaço e os acontecimentos do passado. (Ítalo Calvino (1923-1985) – As cidades invisíveis-1990. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. p 14).

Lançando um olhar retrospectivo sobre a evolução urbana de Piranhas, chegamos a constatar as sucessivas perdas com sua função territorial. Piranhas perdeu quando do declínio do ciclo das fazendas de gado, do couro, do algodão, com a desativação da ferrovia, e conseqüentemente da navegação a vapor. Com a obra de Xingó, Piranhas testemunhou o renascimento de mais uma fase de progresso, também temporária, porém, a obra deixou uma herança sedimentada na grande expansão urbana que provocou.

A Localização de Piranhas é também final de linha de quem chega pela rodovia e isso a mantém de certa forma isolada. Toda a turbulência, violência, prostituição e drogas são constantes nos novos bairros.

Sobre a questão da valorização dos bens patrimoniais, Piranhas apresenta um quadro bastante interessante na atualidade que é a retomada, pelos piranhenses, de uma mudança na postura em relação ao sítio histórico.

Na maior parte das vezes, lembrar não é reviver,
Mas refazer, reconstruir, repensar com imagens de
hoje as experiências do passado.
A memória não é sonho, é trabalho⁶⁶

O piranhense tem incorporado valores de apropriação de reconhecimento do patrimônio da cidade, elevando sua auto-estima e buscando, uma convivência com os dois mundos que está a sua volta. A gestão atual da prefeitura tem realizado esforços na recuperação de imóveis, pintura de fachadas. Existe uma vontade política de valorização do núcleo histórico.

Apesar de algumas intervenções, da própria gestão da cidade, descaracterização do ambiente histórico, como é o caso da implantação de um pórtico na entrada da cidade – reprodução mal elaborada da torre do relógio da estação – promovendo a banalização daquele bem patrimonial, Piranhas tem conseguido conservar seu conjunto arquitetônico.

A fixação de parte do contingente populacional atraídos pela obra trouxe também uma definição do morador que veio pra ficar. Em nenhum momento da história de Piranhas houve tamanho impacto de forma e conteúdo na malha urbana, principalmente pela diversidade cultural estabelecida. Furtado explica que:

A nova população de Xingó não tem raízes culturais no município. Grande parte dos emigrantes veio de localidades fora da região. Essas pessoas estão construindo uma nova forma de sociabilidade urbana e cultural que, quase seguramente, será diferente da tradicional da velha Piranhas. Mesmo o antigo sistema político, baseado na força de algumas famílias tradicionais, poderá mudar com o tempo, pois os novos contingentes de cidadãos estão construindo uma organização social distinta da existente. Essa organização social também se processa em meio a um novo no conjunto de bens patrimoniais do município. A nova população está localizada no bairro de Xingó, que é uma estrutura urbana moderna, com uma organização espacial e uma arquitetura completamente diversa daquela da velha Piranhas. As obras referenciais e mesmo a paisagem típica de Piranhas foram alteradas no bairro de Xingó. Perdeu-se o contato visual direto com o rio São Francisco, a topografia é quase plana, as atividades são zoneadas por funções

⁶⁶ Bosi, Ecléa, Memória e sociedade: lembrança de velhos. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

urbanas e as edificações são padronizadas e implantadas nos lotes de modo isolado, formando ruas onde as fachadas das residências não formam os limites entre os espaços públicos e privados.”

No entanto, existe pouco contato da população da Nova Piranhas com o ambiente histórico da cidade no seu dia a dia, como diz Furtado, “o bairro de Xingó é praticamente autônomo relativamente ao núcleo antigo com a exceção dos serviços administrativos municipais e a praia nos finais de semana”.⁶⁷



Figura 41 – Foto da prainha de Piranhas em final de semana (Sede Municipal)

As mudanças ocorridas têm ainda reflexo na sedimentação dessa permanência dos seus novos habitantes, quando na falta de uma política de planejamento urbano, ensaiada no início da obra da UHE Xingó, entre o Governo do Estado de Alagoas, Chesf e Prefeitura Municipal de Piranhas, em 1987, apesar da elaboração do Plano Diretor, não se conseguiu manter o acompanhamento adequado, suas revisões e aplicação das propostas. Quando surge o final da obra e a conseqüente desmobilização do acampamento, não se sabe o que fazer com os imóveis. Não existia uma definição do que fazer com aquele acervo. Essa condição fica clara quando em manchete de jornal aparece: “Chesf quer doar cidade de Xingó ao governo alagoano”⁶⁸, divulga-se:

⁶⁷ A prainha de piranhas é um caso a parte. Tem grande relevância no sítio histórico, ponto de convergência, principalmente em feriados e fins de semana, de usuários vindos inclusive de outros municípios, Delmiro Gouveia, Olho d’água do Casado. Areia, água límpidas, transparente (geralmente frias) do rio São Francisco pode-se desfrutar de uma infraestrutura turística com bares, restaurantes destacando-se culinária típica que vai do camarão pitu à moqueca entre outros. Na areia quente ou na exposição da rocha pode-se saborear delicioso picolé caseiro com nome esquisito de flau. Aluguel de barcos garante passeios a Grota de Angicos e Entremontes.

⁶⁸ Diário de Pernambuco, 5 de setembro de 1995 (ver Anexo N).

“Estamos esperando que o governo de Alagoas se manifeste sobre qual utilização quer dar para a cidade (refere-se ao bairro de Xingó – grifo nosso). Queremos dar um destino social para nosso empreendimento” afirmou Sérgio Xavier assessor de comunicação social da Chesf.

Como forma de ocupação, de parte da infraestrutura do antigo acampamento, a Chesf optou pela implantação de um centro de excelência, Instituto Xingó, único na região, congrega 29 municípios da região dos Lagos, 14 universidades e está conveniado com o CNPq. Tem atuação nas áreas temáticas de biodiversidade, educação, patrimônio histórico, recursos hídricos, agricultura, fontes alternativas. O Instituto mantém 123 estagiários bolsistas na região.

Assim como, após a finalização da obra da UHE Xingó e desmobilização do acampamento muitos imóveis foram colocados a venda, pela Chesf, tendo como agente financeiro a Caixa Econômica Federal - CEF. Os preços foram bastante atrativos, variando de aproximadamente R\$ 1.300,00 (Hum mil e trezentos reais) a R\$ 8.000,00 (oito mil reais), tendo sido colocados a venda vários imóveis dentre as 5 tipologias diferentes existentes: A, B, C, D, E, F.

A especulação imobiliária empreendida no mercado por oferta de imóveis de inquestionável apuro construtivo a preços tão baixos teve reflexos no ambiente do sítio histórico que sofreu baixa nas avaliações de seus bens imóveis.

A fixação desse contingente populacional representou uma acomodação também da economia, que motivada pelo término do empreendimento sofreu mais uma vez em sua história novo colapso nos setores produtivos do município.

Durante muito tempo se falou da possibilidade de se realizar o tombamento da cidade porém, nada foi realizado que não saísse de boas intenções. Percebe-se que a questão parecia muito nova na região e que a população de uma maneira geral desconhecia ou não tinha uma compreensão exata do que se tratava.

Iniciamos o processo de levantamento dos bens patrimoniais de Piranhas com o entendimento de que o tombamento define quais são os valores culturais, históricos, paisagísticos e artísticos a serem salvaguardados. Desta forma foi identificada a seguinte relação de bens patrimoniais levando em consideração os bens patrimoniais materiais, imateriais, da natureza ambientais e da paisagem. O distrito de Entremontes foi incluído pela história, singularidade no traçado urbano, casario.

Relação de Bens Patrimoniais, Culturais e da Natureza de Piranhas

1 - Bens Patrimoniais Materiais

- Da Natureza, Ambientais

Rio São Francisco; Flora e Fauna da Caatinga; “Cânion” do Rio São Francisco; Paisagens e vistas do Rio; Morros.

- Dos Construídos

Barragem e reservatório de Xingó; Vistas da barragem e do Reservatório de Xingó; Sítios Arqueológicos; Leito da estrada de ferro.

- Da Cidade de Piranhas

Paisagem urbana e vistas gerais da cidade de Piranhas; Praia; Traçado urbano e espaços públicos; Caminhos de pedestres com balaustradas; Largo do comércio; Praça do Recinto; Casario antigo; Estação Ferroviária e Museu do Sertão; Torre do Relógio; Pontilhão; Oficinas Ferroviárias; Cais Fluvial da Estação; Cais Fluvial; Obelisco do Século XX; Igreja Nossa Senhora da Saúde; Igreja de Santo Antônio; Capelas; Cemitério; Cemitério de Piranhas de Baixo; Cemitério dos Bexiguentos.

- Da Vila de Entremontes

Paisagem urbana e vistas gerais do distrito de Entremontes; Praia; Traçado urbano e espaços públicos; Casario antigo; Igreja de Nossa Senhora da Conceição; Capelas e Cemitério.

2 - Bens Patrimoniais Materiais Imateriais

Sítios de fatos notáveis-Angico (exposição das cabeças dos cangaceiros nas escadarias da prefeitura);

Festa de Nossa Senhora da Saúde;

Festa de Santo Antônio de Lisboa; Festa do Pe. Cícero; Blocos

Micaremes – Trovadores e Borboletas; Bandas e

Serenatas Musicais; Festa do Bom Jesus dos Navegantes; Artesanato de renda, petrechos de pescadores e de vaqueiros; Cangaço.

Na sua completude foram elaborados os seguintes documentos para o tombamento: Tombamento de Piranhas, Plano da Gestão do Sítio Tombado de Piranhas, Relatório Final do Levantamento de Campo do Inventário dos Imóveis da Cidade de Piranhas, Sistema de Informações Georreferenciadas do Sítio Histórico de Piranhas – AL (CD ROM), Inventário Arquitetônico do Sítio Histórico de Piranhas – AL (CD ROM) Plano de Gestão da Educação Patrimonial para Piranhas.

Piranhas é tombada em nível municipal, através da Lei Nº 037/2000, de 14 de abril de 2000. É uma das primeiras no Brasil a propor o tombamento de toda cidade a partir de uma iniciativa local o que representa um grande avanço. Contudo, o último artigo dessa lei faz referência à Carta de Veneza (1964)⁶⁹ como instrumento normalizador a ser aplicado no caso de Piranhas.

O tombamento que propomos atinge três perímetros: o de proteção do território, o de proteção a cidade e o de proteção ao distrito de Entremontes. É importante ressaltar o desempenho da Chesf na área da conservação dos bens patrimoniais de Piranhas sobre isso, Furtado conclui que:

Nesse sentido, cabe ressaltar, na área de influência da Usina Hidrelétrica de Xingó, o esforço da Chesf em manter um sistema permanente de avaliação das condições ambientais do ecossistema rio São Francisco. Entretanto, esse sistema, apesar de muito importante, pouco tem podido contribuir para a realização das análises e avaliações da conservação cultural e ambiental em Piranhas, especialmente das suas áreas urbanas.

Após todo um movimento na cidade com temática central nos bens patrimoniais, e com a realização de dois seminários, levantamento cadastral de todos imóveis (inventário), realização de concursos de desenho e redação envolvendo a população estudantil da cidade

⁶⁹ A Carta de Atenas de outubro de 1931, no Item A - Conclusões Gerais, capítulo VII, trata da *Conservação dos monumentos e a colaboração internacional* e emite seu parecer sobre a *Cooperação técnica e mora*, na conferência, convencida de que a conservação do patrimônio artístico e arqueológico da humanidade interessa à comunidade dos Estados, guardiã da civilização, deseja que os Estados, agindo no espírito do Pacto da Sociedade das Nações, colaborem entre si, cada vez mais concretamente para favorecer a conservação dos monumentos de arte e de história. Considera altamente desejável que instituições e grupos qualificados possam, sem causar o menor prejuízo ao Direito Internacional Público, manifestar seu interesse pela salvaguarda das obras-primas nas quais a civilização se tenha expressado em seu nível mais alto e que se apresentem ameaçadas. Emite o voto de que as proposições a esse respeito, quando submetidas à organização, de cooperação intelectual da Sociedade das Nações, possam ser recomendadas à favorável atenção dos Estados.

verificou-se um crescimento na auto-estima e um sentimento de maior cuidado com o patrimônio. Dentre o patrimônio intangível podemos destacar a festa de Nossa Senhora da Saúde, a Festa do Bom Jesus dos Navegantes e o Pastoril.

A Festa de Nossa senhora da Saúde

...no andar da fé e devoção à Nossa Senhora da Saúde, todos os anos no primeiro domingo de fevereiro, os habitantes e visitantes de Piranhas descem e sobem as ruas enlameadas deste pequeno burgo sertanejo para venerarem a imagem de sua padroeira... é uma grande festa, com bandas de música, jogos, quermesses...

Luciano José Rodrigues BRITO⁷⁰



Figura 42 - Procissão de N S da Saúde

A festa de Nossa Senhora da Saúde deixou de ser comemorada no dia 02 de fevereiro, passando para o domingo mais próximo desta data, por decisão à época do prefeito Celso Rodrigues e da sua esposa Sônia Rodrigues, presidente da Comissão de Organização e responsável pela guarda da Igreja N. S. da Saúde.

Para a organização da festa, é realizada algumas reuniões na Igreja com os principais agentes: *padre, paroquianos, juízes promotores e cooperadores, e em especial a dona Sônia Rodrigues, que, segundo todos os entrevistados, é quem determina a data e a forma como será celebrada a festa.* Os recursos para a realização da festa de Nossa Senhora da Saúde são oriundos da doação de famílias abastardas; da realização de leilões; de bailes; além da já certa contribuição dos juízes promotores e cooperadores.

⁷⁰ Luciano Rodrigueus Brito, piranhense, padre, tendo concluído seus estudos de Teologia em Roma, pela Arquidiocese de Olinda e Recife, Pernambuco. (Trecho extraído do livro *Arte Popular de Alagoas*, de Tânia de Maya Pedrosa).

Para a organização da festa, são realizadas algumas reuniões na Igreja com os principais agentes: *padre, paroquianos, juizes promotores e cooperadores, e em especial a dona Sônia Rodrigues, que, segundo todos os entrevistados, é quem determina a data e a forma como será celebrada a festa.* Os recursos para a realização da festa de Nossa Senhora da Saúde são oriundos da doação de famílias abastardas; da realização de leilões; de bailes; além da já certa contribuição dos juizes promotores e cooperadores.

Com data móvel e sendo realizada sua procissão no primeiro domingo de fevereiro, antecedida de novenário⁷¹ é celebrada na cidade de Piranhas a festa de Nossa Senhora da Saúde, momento para os piranhenses louvarem glórias a sua padroeira.

Furtado destaca que essa festa “é celebrada há mais de cem anos, consistindo não só numa expressão de devoção religiosa como também de afirmação da identidade local. Essa afirmação configura-se na dedicação de cada uma das nove noites da novena a uma família ou entidade religiosa da cidade. Entretanto, cabe destacar, dentre os eventos próprios à festa, a Missa do Vaqueiro, por representar as origens da ocupação de toda a região do sertão do Vale do rio São Francisco. Como em outras cidades pequenas, a partir de rituais católicos, o piranhense encontra um modo próprio de celebrar sua fé; uma maneira própria de unir harmônica e respeitosa o sagrado e o profano.



Figuras 43 e 44- Missa do Vaqueiro – Festa de N S da Saúde

Com muitas orações, músicas e alegorias, a população de Piranhas vem há mais de cem anos, celebrando a festa de Nossa Senhora da Saúde.

Há séculos o brasileiro insiste em fazer da sua fé uma festa. No país inteiro, no ano inteiro, em procissões católicas, milhares de brasileiros não param de celebrar, do seu jeito colorido e vivo, os grandes mistérios da vida e da morte. Carlos MORAES⁷²

⁷¹ Novenário – rezas feitas durante nove dias, que antecede o dia da festa, da procissão geralmente em louvor ao padroeiro(a)

⁷² Carlos Moraes é Teólogo.

Tradição e folclore marcam a história de Piranhas com sua fé em tantos santos. Participar das festividades de Nossa Senhora da saúde é deixar-se inundar pela adoração de seu povo.

Para Carlos Moraes, "as grandes festas católicas giram em torno dos últimos passos de Jesus Cristo: quarenta dias depois da Páscoa vem a Ascensão, 10 dias depois o Pentecoste ou Festa do Divino, o Domingo imediato é o dia da santíssima Trindade, e a primeira Quarta-feira seguinte é Corpus Christi", por todo o Brasil, temos além das festas dos padroeiros, também a Festa do Divino (dia de Pentecostes); Semana Santa e *Corpus Christi.*, não é diferente em Piranhas ou seja, acrescente-se um pouco mais do que lá acontece e que torna essa festa única pela diversidade de manifestações ali apresentadas.

Talvez pelas características da topografia piranhense, com seus altos e baixos, mezaninos naturais, ruas estreitas e em desníveis, seu povo, seus casarões e sobrados, suas capelas, seus morros, sua antiga Estação, ajudem a fazer da festa de Nossa Senhora da Saúde uma celebração única.

Essa festa tem a Orquestra de Música do Maestro Elizio, sob a regência do Maestro Cafau, acordando a cidade juntamente com o repicar dos sinos e aos estrondos de fogos de artifício. Assim em Piranhas a festa começa mais cedo e já três dias antes da primeira noite de novena, é hasteada a Bandeira da Padroeira, oficializando o início das celebrações.



Figura 45 – Orquestra de Música Maestro Elizio

Para o ex- prefeito, senhor Celso Rodrigues, o piranhense é um povo que cultua suas manifestações, quer sejam profanas ou sagradas. O piranhense é um povo... é um povo festivo!

Cada noite de novena é dedicada a um segmento da sociedade piranhense, duma família ou de um movimento religioso, tendo sempre um encarregado e um padre celebrante. A festa é marcada também por momentos explícitos onde religião e política se misturam.

A primeira noite de novena é dedicada aos Aposentados, como também à Orquestra de Música do Maestro Elizio. A segunda é dos grupos religiosos Apostolado da Oração e Legião de Maria; a terceira às senhoras Heloísa Souza e Vanda Damasceno. A quarta noite é para a comunidade dos bairros de Nossa Senhora da Saúde (Nova Piranhas) e Xingó, co-paroquianos da Igreja de São Francisco de Assis. A noite seguinte é dedicada às Donas de Casa e à Pastoral da Criança; a sexta é dedicada aos motoristas, motoqueiros, ciclistas e crianças.

A Missa dos Vaqueiros é um dos momentos mais esperados da festa, quando a cidade se volta para suas raízes, Piranhas vivenciou intensamente o ciclo do gado. No final da tarde deste dia, desce da vila Xingó, vaqueiros com seus trajes típicos, que após percorrerem as principais ruas da cidade, chegam no adro da Igreja de Nossa Senhora da Saúde. São cavaleiros e amazonas enfeitando as ruas da cidade. Abrindo esta profissão, vem um vaqueiro com a bandeira do Apostolado da Oração, seguida por uma carroça de burro que trás uma pequena imagem da Padroeira.



Figura 46 – Missa campal dos Vaqueiros

Quanto à Missa do Vaqueiro, foi criada há nove anos, tendo o Sr. Eugênio Ramos Cordeiro, 68 anos, ex-ferroviário aposentado, um de seus criadores. A Missa é rezada por aboios e toadas. Na Comunhão, os vaqueiros distribuem para os presentes, carne seca e rapadura com farinha. Neste momento, o celebrante se veste com trajes de vaqueiro, como o

gibão⁷³ e o chapéu de couro. A celebração termina com a apresentação de repentistas e emboladores profissionais ou não.

A noite seguinte é dedicada à juventude piranhense. Os pregoeiros procuram os jovens em busca de dinheiro para as despesas com a festa desta noite.

Sábado é a noite dos *Piranhenses Ausentes*, homenagem para denominar os filhos naturais de Piranhas que moram em outras cidades ou amigos de Piranhas que possuem casas na cidade e frequentam suas principais festas. Três vezes durante o dia acontecem as Matinas⁷⁴. A primeira delas “acorda” o piranhense às 6:00h, sendo as outras ao meio-dia e às 18:00h.

Todas as noites, após a celebração dos atos sagrados, o piranhense se volta para a parte profana da festa: bandas de ‘axé music’ e forró eletrônico na quadra poliesportiva, Praça do recinto, no centro da cidade, pela ausência de uma grande praça defronte a igreja, comum em outras cidades pequenas.

No domingo, acontece pela manhã, nunca no horário marcado, a Missa Solene em Ação de Graças a Nossa Senhora da Saúde, e no final da tarde a procissão.



Figura 47 – Procissão de N S da Saúde

Como particularidade dessa procissão, que encanta os de “fora” é a presença de vários andores com outras imagens santas na celebração de Nossa Senhora da Saúde. Cada Congregação ou família tradicional, quer ver seu santo de devoção sair junto à padroeira: *Santo Antônio de Lisboa, São José, Santa Luzia, São Francisco, Coração de Jesus e Santa Rita de Cássia ...* os fiéis fazem questão de seguir ao lado do santo de sua devoção, pois muitos fazem promessas para segurar o andor. É comum ainda promessas para usar a mesma

⁷³ Vestidura antiga, que cobria os homens desde o pescoço até a cintura; espécie de casaco curto que se vestia sobre a camisa. (in.: Francisco da Silveira Bueno).

⁷⁴ Matinas – Cânticos da primeira parte do ofício divino. Momento onde se toca o sino da igreja e solta-se fogos de artifício. Marca mais um dia da festa.

roupa durante o novenário, ou acompanhar a procissão com trajés brancos ou de pés descalços.



Figuras 48, 49, 50 e 51 – Imagens da Procissão de N S da Saúde

Após percorrer as principais ruas de Piranhas, num percurso semelhante à Procissão dos Vaqueiros, o cortejo retorna ao adro da Igreja onde acontece a bênção do Santíssimo Sacramento.

A interferência do profano sobre o sagrado é comprovada quando se perguntou sobre as comidas e bebidas próprias da festa, sendo a cerveja e a aguardente as mais cotadas entre estas. Destaque para carne de bode, pituzada, cari, tucunaré. Para o Sr. Eviládio José de Souza, a festa mudou muito e registra: "As danças profanas evoluíram. Antes tinham só baile no sábado. Agora são todos os dias. Das danças? Tem-se de tudo!"

A Festa do Bom Jesus dos Navegantes - Entremontes

Para Jenner Glauber⁷⁵, "A festa de Bom Jesus dos Navegantes é o maior exemplo da preservação da cultura do povo ribeirinho, que há celebra há mais de um século".

⁷⁵ Jenner Glauber é arquiteto e participou do inventário dos bens imóveis de Piranhas.

Tradicional em praticamente todas as povoações que margeiam o rio São Francisco, na região do Baixo São Francisco, tanto em Alagoas quanto em Sergipe, a festa de Bom Jesus dos Navegantes acontece em várias comunidades entre os meses de janeiro e fevereiro de cada ano, sempre em data móvel.

Na cidade de Piranhas não há a celebração desta festa, ficando a cargo da comunidade do povoado de Entremontes, núcleo de povoação do século XVIII, há 8km navegáveis, a partir da sede do município.

A festa de Bom Jesus dos Navegantes de Entremontes é organizada pelo movimento religioso Apostolado da Oração, que junto com os patrocinadores, definem data e programação. Esta manifestação religiosa acontece com a celebração de um tríduo⁷⁶.

Semelhante à Festa de Nossa Senhora da Saúde, o sagrado e o profano também ocupam o “mesmo espaço” na programação da festa. Após a realização do tríduo na Igreja, acontece um baile na quadra poliesportiva. Há corridas de botes e canoas durante a manhã de domingo, no franciscano rio, premiando-se os vencedores com troféus e dinheiro. À tarde, acontece o encerramento da festa com a procissão fluvial, onde várias embarcações motorizadas ou não, acompanham a imagem de Bom Jesus dos Navegantes.



Figuras 52, 53 e 54 – Vista do casario de Entremontes

No percurso de volta à Igreja, a imagem percorre as principais ruas do distrito, chegando ao templo, onde é celebrada uma missa solene pelo pároco da Paróquia de Nossa Senhora da Saúde. A festa se realiza após a festa de N. S. da Saúde.

Com a falta de recursos, a preferência é dada à banda geralmente axé. O zabumba só participa da festa quando o arrecadado cobre despesas inclusive com os fogos de artifício. São vistos ainda o zabumba, as matracas, assim como outras tradições culturais das comunidades interioranas que ainda resistem.

⁷⁶ Tríduo – três dias de festa em louvor a um santo da Igreja Católica.



Figura 55 – Igreja de N S da Conceição – Entremontes, Piranhas

A Igreja de Nossa Senhora da Conceição de Entremontes é um templo com fachada neoclássica da segunda metade do século XIX. No interior, piso e telhado originais. Este é estruturado a partir de uma tesoura tipo. A capela-mor tem um traçado com características barrocas.

O Pastoril de Piranhas

Para Sérgio Buarque de Holanda, Pastoril,

é uma pequena representação dramática, composta de várias cenas, jornadas, durante as quais se sucediam cantos, danças, partes declamadas e louvações, e que se realizava diante do presépio, entre o dia de Natal e o de Reis, para festejar o nascimento de Jesus.

Houaiss nos descreve como “um auto natalino, apresentado diante de presépios, representando a visita dos pastores ao estábulo de Belém”.

Fonte Filho,⁷⁷

O Pastoril é um folguedo popular dramático que retrata a estória do nascimento de Cristo. É representado ao ar livre, sobre um tablado, onde as pastorinhas cantam e dançam em homenagem ao menino Jesus.

E complementa:

⁷⁷ FONTE FILHO, Carlos da. *Espetáculos Populares de Pernambuco*, Recife: Bagaço, 1999, p 141.

O Pastoril tem suas origens ligadas ao presépio, criado na Idade Média na Europa, onde era um auto sagrado, montado dentro ou defronte de igrejas ou, ainda, em palcos ambulantes, desde que com o patrocínio ou a permissão da igreja. Ao chegar ao Brasil, com os primeiros colonos portugueses, a representação do nascimento de Cristo que no presépio era estática, assumiu aspectos dramáticos, dando origem ao Pastoril.

Inicialmente difundido pela Igreja Católica, que funda o Pastoril Religioso ou Sacro, tomou o gosto popular que introduziu algumas variáveis no repertório das canções e das danças introduzindo personagens como, por exemplo, o Velho, figura masculina que conta piada, pilherias com os espectadores em meio as pastorinhas dando origem ao Pastoril Profano. Esse personagem, espécie de palhaço que em meio a piadas e canções picantes diverte a todos.

Para Pedrosa,⁷⁸ o pastoril é colocado como “o mais conhecido e difundido folguedo popular de Alagoas” daí sua importância para a cultura do Estado e preocupação com a sua permanência na cidade de Piranhas.

O Pastoril é constituído por dois cordões, o encarnado tendo a frente a Mestra e, o azul, liderado pela Contra-Mestra. Entre essas, vestidas com as duas cores encontra-se a Diana, personagem que representa o elemento moderador das disputas entre os simpatizantes dos dois cordões.

Pedrosa conclui que o Pastoril “é constituído por jornadas soltas, canções e danças religiosas ou profanas de época e estilos variados. As jornadas e cantorias das pastoras fazem referência ao nascimento do menino Jesus”.

O Pastoril tradicional de Piranhas é representado pelas Pastoras, Diana, Borboleta, Cigana e dois Pastores pertencentes aos cordões encarnado e azul, esses de forma discreta verbalizam algumas loas e piadas. Nossas pastoras vendem prendas, pequenos buquês de rosas, para personalidades que dão assistência ao espetáculo. Disputam pela venda de votos ou arrecadação a vitória, só conhecida no dia de Reis.

As pastoras se vestem com a cor de seu cordão e usam chapéus ou tiaras enfeitadas com lantejoulas e fitas da mesma cor. Nas mãos levam pequeno pandeiro, também enfeitado com fitas, que usam como acompanhamento para a música; sanfona, zabumba e pandeiro completam o espetáculo. Esse Pastoril é um *mix* dos pastoris profano e religioso com maior predominância deste último.

⁷⁸ MAYA, Pedrosa Tânia. *Arte Popular de Alagoas*. Maceió: Grafitex, 2000. p. 30.

Essa manifestação assumiu variadas formas de representação e foram incorporadas várias personagens que se diferenciam de região para região. Em Piranhas, foi criado no início da década de 40, pela Sra. Marília Rodrigues Cavalcante, como registra o Mapeamento Cultural dos Municípios do Vale do Rio São Francisco no Estado de Alagoas:⁷⁹ “conhecida como D. Lia, atualmente com 74 anos de idade, que aprendeu com jovens vindas de Petrolândia cujo pai era o Sr. “Ferrinho”, um funcionário da Rede Ferroviária Federal”.

Assim nasceu e sobreviveu o Pastoril de Piranhas graças a perseverança de Dona Lia Rodrigues que, durante vários natais para alegria da cidade, o apresentou na Praça do Comércio. Foi dessa forma que hoje conhecemos os cânticos e entoadas em mais de 20 jornadas e que, possibilitou ao Espaço Cultural e Pousada N. S. da Saúde,⁸⁰ o resgate dessa tradição, após 6 anos de ausência, dos festejos natalinos da cidade.

A Culinária de Piranhas

O patrimônio cultural intangível de Piranhas é expresso também através de uma culinária que representa um dos seus fortes componentes, e particularmente, está muito ligada ao rio São Francisco e as benesses da caatinga.

O elo com o rio é denunciado pelo próprio nome da cidade, Piranhas, peixe que emprestou seu nome e que ainda pode ser encontrado, porém, em pequena escala. Outros peixes ocupam lugar de realce nessa cozinha como o surubim, curimatá, tubarana ou dourada, mandim, niquim, pacamão oferecidos nas portas pelos pescadores quando de suas voltas do rio⁸¹.

Também é retirado o tucunaré (exótico que foi introduzido no rio muito conhecido pela sua agressividade). São motivos para serem servidos como moquecas com legumes, pirão e arroz, na peixada com verduras ou frito. Também o cari na brasa ou cari ao queijo (prato que tem sido bastante procurado pelos visitantes)

⁷⁹ Mapeamento Cultural dos Municípios do Vale do Rio São Francisco no Estado de Alagoas, Associação dos Municípios de Alagoas. Maceió, dezembro, 2000, p. 63.

⁸⁰ Tem como objetivo principal a preservação e conservação dos bens ambientais e culturais da região do semi-árido com foco inicial no município de Piranhas, onde se localiza sua Sede. A implantação da Pousada é uma iniciativa para dar sustentação econômico-financeira ao Espaço Cultural. Propõe-se a realização de estudos, pesquisas e projetos; articular e estabelecer parcerias; apoiar ações de outras instituições de caráter público ou privado em torno de interesses comuns. Colaborar na permanência dos valores patrimoniais e memória dos municípios do semi-árido nordestino implantando um Complexo Sistema de Educação Ambiental e Patrimonial na região.

⁸¹ Entrevista cedida pela piranhense Eliete Fernandes, em junho de 2002.

É também das águas do Velho Chico que Piranhas retira o camarão pitu, maior representante de sua culinária, é o prato tradicional. Destacam-se como maiores produtores exatamente as comunidades pesqueiras de Piranhas de Baixo e Entremontes.

É facilmente encontrado nos restaurantes e bares do sítio histórico; são apreciados nas diversas receitas destacando-se a Pituzada, o pitu assado na manteiga, ao molho de tomate, o ensopado ou a moqueca de pitu, o pitu ao alho e óleo e pitu torrado (água e sal).



Figuras 56, 57 e 58 – Pratos da culinária de Piranhas

Na mesa do piranhense e do visitante pode-se deliciar a carne-de-sol com macaxeira, churrasquinho no espeto e vinagreti, a feijoada entre outras, afinal de contas estamos na região das fazendas e dos currais.

É importante anotar a importância da salga nas carnes e nos peixes que em passado recente vinha “da praça de Piaçabuçu”, como relata Sr. Eviládio:⁸² “...tinha 15 casas comerciais aqui, tecido mercearia né, armazém de sal – o sal daqui vinha da praça de Piaçabuçu, chega canoa e mais canoa de sal para ir para o alto sertão, sal grosso, naquele tempo só existia sal grosso, não existia esse sal não...”.

No entanto são as carnes de bode e de carneiro que ganham maiores consumidores. Como relata Pedrosa:

⁸² Projeto Memória de Alagoas: Levantamento Histórico dos municípios do Reservatório do Lago de Xingó. Entrevista concedida em 23.10.1998. Convênio Chesf/Departamento de Meio Ambiente/Universidade Federal de Alagoas/Departamento de História. Maceió, dezembro de 2000.

Na região do semi-árido, dá-se mais ênfase as carnes de bode e de carneiro assado, guizado, com sua famosa buchada”.⁸³ E ainda, frango com quiabo e panelinha de moela. Pedrosa, continua: “São apreciadíssimos os doces de leite e tudo o que se relaciona ao leite, pois lá esta a nossa bacia leiteira com seus maravilhosos queijos do Sertão. Muita comida de milho, a deliciosa umbuzada sertaneja.”⁸⁴

Tem-se ainda variadas receitas de bolos de mandioca, bolo de arroz, de macaxeira, pé-de-moleque (enrolado na folha de bananeira) de milho, cuscuz, os grudes de goma, arroz doce e mugunzá estes últimos sempre presentes nas festas populares da cidade. As tradicionais cocadas tão nordestinas são iguarias ainda presentes.

Entre estas, a mais procurada são as cocadas de coroa de frade que também se prestam a doces e licores. (facilmente encontradas em Entremontes), doce de leite (pastoso ou em forma sólida em tabletes), de mamão com coco.

Bebidas destacam-se cachaça com frutas em conserva, cachaça de angicos⁸⁵ e licor de frutas sendo o mais procurado o feito com a coroa de frade (usando a polpa)



Figura 59 – Cachaça de Angicos

Essa diversidade possibilitou uma culinária rica, bem explorada pelos recursos disponível, muito criativa e até experimental, como relata Zancheti.⁸⁶

Cabe ressaltar certas receitas típicas da região, que mostram como a criatividade e a experimentação superavam a escassez crônica de produtos

⁸³ PEDROSA, Tânia de Maya. *Arte Popular de Alagoas*. Maceió: Gráfica e Editora, 2000. p.164.

⁸⁴ ibdem. Umbuzada, fruto umbu (imbu) é escaldado em água fervendo e desmanchado no leite com açúcar. É tomado pela manhã em prato fundo. É alimento de sustança. p 166.

⁸⁵ Esta cachaça é fabricada artesanalmente pelo Sr. Eugênio, ex-ferroviário e dono da Pousada Lírio do Vale que defende os efeitos afrodisíaco da bebida.

⁸⁶ ZANCHETI, Sílvio. CAVALCANTI, Furtado Ricardo. VIRGÍNIA, Pontual. CARNEIRO, Ana Rita Sá; SILVA, Moreira da, ANTONIO, Álvaro. *Piranhas: proposta de tombamento e plano de gestão*. Recife: Acriartes, 2003. p 58.

alimentícios de outras origens geográficas, como é o caso da ‘cocada’ de ‘coroa-de-frade’ (uma espécie de cacto) e o ensopado de cágado.

Durante as tarde desfilam pelas ruas da cidade os vendedores ambulantes que oferecem seus produtos a população aos pregões de cocadas, mungunzá ou mesmo as buzinas informando o vendedor de pães francês, doce, seda, broas e beijus de mandioca.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A história da civilização humana registra a evolução das relações do homem com a natureza que passa pela utilização de diferentes formas de energia.

A energia elétrica teve sucesso por permitir o seu transporte a grandes distâncias. O processo de desenvolvimento do país, industrialização e urbanização, está diretamente ligado ao desenvolvimento e expansão do Setor Elétrico.

Este setor tem características muito próprias, no que trata da construção de hidrelétricas; precisa de grandes investimentos e trabalha com previsões de longo prazo, visto que são necessários muitos anos para se construir grandes usinas. Esse longo período de assentamento temporário, em contato permanente com os bens ambientais e culturais, sejam tangíveis ou intangíveis, acarreta grandes prejuízos às culturas locais e regionais. A dinâmica da fusão de culturas produz conflitos e formaliza grandes impactos.

Várias experiências do setor têm mostrado que, mesmo atendendo às exigências legais, após o término das grandes construções de usinas hidrelétricas os resíduos têm provocado grandes perdas ao patrimônio ambiental e cultural..

Apesar de vasta literatura produzida na área de planejamento do setor elétrico, é uma preocupação constante a busca pela excelência dos resultados incorporando às variáveis projetuais o tratamento as questões ambientais e culturais.

No momento, o que visualizamos é que há uma necessidade de ampliação das responsabilidades do Setor, com relação ao tratamento no âmbito da conservação urbana de sítios históricos quando impactados pela construção de grandes barragens.

Os aspectos ambientais relevantes ao patrimônio não são tratados com a importância devida e, em alguns casos, são vistos como empecilho na concretização de seus intentos, de forma que são elencados e valorizados, muitas vezes apenas para cumprimento à legislação vigente.

Há de se avançar mais no reconhecimento dos consagrados patrimônios da humanidade, os de natureza locais - quer sejam histórico, cultural, material ou imaterial, arquitetônico, arqueológico, paisagístico, espeleológico e ecológico; há de ser mais criterioso e respeitoso frente as Leis e Normas que regem essas guardas representadas, aqui no Brasil, pelo Instituto do Patrimônio Histórico Artístico Nacional – IPHAN⁸⁷, órgãos estaduais e

⁸⁷ O IPHAN, Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, hoje vinculado ao Ministério da Cultura, foi criado em 13 de janeiro de 1937 pela Lei nº 378, no governo de Getúlio Vargas. Já em 1936, o então Ministro da Educação e Saúde, Gustavo Capanema, preocupado com a preservação do patrimônio cultural brasileiro, pediu a Mário de Andrade que elaborasse um anteprojeto de Lei para salvaguarda desses bens e confiou a Rodrigo Melo

municipais que protegem esses bens patrimoniais, esses bens patrimoniais públicos – patrimônio da nação.

Isso quer dizer que os bens patrimoniais não tombados, não reconhecidos legalmente ou não registrados em nível estadual ou mesmo municipal, certamente teriam que ter tratamento diferenciados e não simplesmente ignorados.

No caso do tombamento de Piranhas foi a Chesf, com atitude pioneira no Setor Elétrico, a promover seu reconhecimento quando foi implementado o Programa de Salvamento e Preservação do Patrimônio Histórico, Arqueológico e Paisagístico que culminou com o ato de preservação do patrimônio histórico de Piranhas – o Tombamento.

A Empresa patrocinou os estudos necessários para o reconhecimento da importância daquele valor, tombamento dos bens patrimoniais, que é uma ação que trará benefícios para a região e até para o país, que necessita reconhecer a importância dessa região na formação da nossa cultura e, ainda por tratar-se da primeira cidade do semi-árido a ser reconhecida com esse título.

Nota-se que a cidade resistiu aos impactos provocados pela construção da usina e continuou guardiã de um conjunto significativo de bens patrimoniais materiais e imateriais, memórias e tradições. Obter o tombamento vai dar um significado maior ao acervo cultural e ambiental. Conseqüentemente, surgem desafios para aquela conservação que, entre outros, deverá ser acompanhada pela capacitação contínua da gestão municipal, sua modernização e ampliação de seu quadro de pessoal. A responsabilidade local deverá ser norteada pelos princípios do desenvolvimento, da sustentabilidade e do envolvimento participativo e permanente da sociedade.

Franco de Andrade a tarefa de implantação do Serviço do Patrimônio. Posteriormente, em 30 de novembro de 1937, foi promulgado o Decreto-Lei nº 25, que organiza a "proteção do patrimônio histórico e artístico nacional".

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABREU, Capistrano de. Capítulos da História Colonial e os caminhos antigos e povoamento do Brasil. 5 ed. Brasília: Editora da UNB, 1963.
- AB'SÁBER, Aziz Nacib. Salvamento Arqueológico de Xingó. Sergipe: Museu de Arqueologia de Xingo/Universidade Federal de Sergipe/Petrobrás/CHESF, 2000.
- ANDRADE, Manuel Correia de. O processo de ocupação do espaço regional do Nordeste. Recife: SUDENE, 1975.
- ANTONIL, André João. Cultura e opulência do Brasil. Recife: Museu do Açúcar. 1969. Edição Fac-símile de 1711.
- AVE-LALLEMANT, Robert. Viagens pelas províncias da Bahia, Pernambuco, Alagoas e Sergipe. Belo Horizonte: Itatiaia. São Paulo: EDUSP, 1980.
- BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembrança de velhos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- BRITO, Luciano José Rodrigues. *As transformações do espaço urbano de Piranhas-AL, com a implantação da Usina Hidrelétrica de Xingó*. Maceió: UFAL, 1995.
- CALVINO, Ítalo. *As cidades invisíveis*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. p 14.
- CANCLINI, Nestor Garcia. *Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. 3. ed. São Paulo: EDUSP, 2000.
- CASTRO, Josué. *Geografia da fome: o dilema brasileiro: pão ou aço*. 11. ed. Rio de Janeiro: Gryphus, 1992.
- CONSELHO NACIONAL DE MEIO AMBIENTE. Resolução nº 237, de 1997. Inciso III, do Art.5. Defini os limites da área geográfica a ser direta ou indiretamente afetada pelos impactos.
- COUTO, Domingos de Loreto. *Desagravos do Brasil e glórias de Pernambuco...* Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1904.
- CUNHA, Euclides da. *Os Sertões*. 34 ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1989
- DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 5 set. 1995.
- ESTUDO de Impacto Ambiental da Usina Hidrelétrica de Xingó. Diagnóstico Ambiental do Meio Antrópico. Rio de Janeiro: Enge-Rio, 1993.
- FACO, Rui. *Cangaceiros e Fanáticos: gênese e lutas*. 5. ed., Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.
- FERREIRA, Jurandyr Pires. *Enciclopédia dos municípios brasileiros*. [s.l.]: Adolpho Frejat, 1959.
- FONTE FILHO, Carlos da. *Espetáculos Populares de Pernambuco*. Recife: Bagaço, 1999.
- FURTADO, Ricardo Cavalcanti. et. al. *Piranhas: proposta de tombamento e plano de gestão*. Recife: Acriartes, 2003.
- JUCÁ, Joselice. *CHESF: 35 anos de História*. Recife: CHESF, 1982.

- LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. 4. ed. Campinas: UNICAMP, 1996.
- MAPEAMENTO CULTURAL DOS MUNICÍPIOS DO VALE DO RIO SÃO FRANCISCO NO ESTADO DE ALAGOAS. Maceió: Associação dos Municípios de Alagoas, 2000.
- MARTIN, Gabriela. *Pré-História do Nordeste*. 3. ed. Recife: Editora da UFPE, 1999.
- _____. *O Rio São Francisco: a natureza e o homem*. Recife: CHESF, 1998.
- MEDEIROS NETO, Luiz. *História do São Francisco*. Maceió: Casa Ramalho, 1941.
- MELLO, Frederico Pernambucano de. *Delmiro Gouveia: desenvolvimento com impulso de preservação ambiental*. 2. ed. Recife: Massangana, 1998.
- MOTTA, Hilton C. *Enciclopédia dos municípios alagoanos*. Sergipe: Sergasa, 1977.
- MUNFORD, Lewis. *A cidade na história: suas origens, transformações e perspectivas*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- PEDROSA, Tânia Maya. *Arte Popular de Alagoa*. Maceió: Grafitex, 2000.
- PIERSON, Donald. *O Homem no Vale do São Francisco*. Rio de Janeiro: Ministério do Interior; SUVALE, 1972. Tomo I.
- PINTO, Estevão. *História de uma estrada-de-ferro do Nordeste*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1949. (Coleção Documentos Brasileiros, n.º 61).
- PLANO DIRETOR DE DESENVOLVIMENTO DE PIRANHAS. *Diagnóstico*. Piranhas/AL, Maceió, abr. 1991.
- REIS, Nestor Goulart. São Paulo: EDUSP, 1968.
- RELATÓRIO do Projeto Memória de Alagoas: levantamento histórico dos municípios do reservatório do Lago de Xingó. Maceió: Departamento de História/UFAL; Departamento de Meio Ambiente/CHESF, 2000
- RODRIGUES, Rosiane. *Piranhas: retrato de uma cidade*. Maceió: Catavento, 1999.
- SANTOS, Lúcia Leitão. *Os movimentos desejanτες da cidade: uma investigação sobre os processos inconscientes na arquitetura da cidade*. Recife: Contexto, 1998.

APÊNDICE

CRONOLÓGICO DO TOMBAMENTO DE PIRANHAS

O processo de Tombamento da cidade de Piranhas apresenta o seguinte histórico:

1 - O processo de tombamento da cidade de Piranhas teve início, oficialmente, em outubro de 1999, quando o Departamento de Meio Ambiente – DMA – CHESF iniciou junto com a Universidade Federal de Alagoas - UFAL os levantamentos dos bens patrimoniais edificados do Sítio Histórico.

2 - Em 27 de janeiro de 2000, é publicada a Portaria de Nº 37 no D.O.E., do Governo do Estado de Alagoas, em atendimento ao processo de Nº 1101-109/2000, que cria o Grupo Especial de Trabalho para realização do Tombamento da Cidade de Piranhas definindo as instituições envolvidas com seus respectivos representantes quais sejam: Governo do Estado de AL - através das Secretarias de Cultura e de Turismo, Prefeitura da cidade de Piranhas, Universidade Federal de Alagoas - UFAL, Companhia Hidro Elétrica do São Francisco - CHESF, Rede Ferroviária Federal S.A. - RFFSA e o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN.

3 – Em março de 2000, através de Concurso estadual, administrado pela Secretaria de Cultura de Alagoas – SECULT, com participação do Grupo Especial de Trabalho para realização do Tombamento da Cidade de Piranhas, é definida a logomarca do Projeto de Tombamento, tendo saído vencedor o Artista Plástico Agélio Novaes Filho.

4 - Nos dias 24 e 25 de março de 2000 foi realizado o 1º Seminário do Tombamento dos Bens Patrimoniais Culturais de Piranhas.

5 - Em 14 de abril de 2000, Piranhas é tombada em nível municipal através da Lei Nº 037/2000 na gestão do prefeito Sr. Celso Rodrigues.

6 - Em 31 de julho de 2000 é concluído, pela Universidade Federal de Alagoas e CHESF, o levantamento de campo dos bens edificados do Sítio Histórico de Piranhas, tendo como

coordenador técnico o Arq. Álvaro Moreira – DMA - e coordenador de Campo o Arq. Jenner Glauber Melo Torres e Estagiários da UFAL, Danielly Maria de Souza Amaral, Luiz Antônio de Araújo, Ana Karla Lins Brandão e Carina Prado Basílio.

7 - Em 12 de setembro de 2000 foi contratado através do Departamento de Meio Ambiente - DMA, o Centro de Conservação Integrada Urbana e Territorial – CECI/UFPE, para elaboração, sistematização e emissão do documento final do Tombamento da cidade de Piranhas, atendendo exigências para Tombamento em nível estadual e federal, como também a elaboração do Plano de Gestão do Sítio Tombado de Piranhas. O CECI, vinculado a Universidade Federal de Pernambuco, UFPE, é o mais importante centro de estudos integrados urbanos da América Latina, e único a possuir a Cátedra da UNESCO para atuar junto ao ICROM.

8 – Em outubro de 2000 é contratado o Consultor Arq. Mauro Normando M. Barros Filho, para elaboração do Projeto Piranhas Digital: O Sistema de Informação Georreferenciada do Sítio Histórico de Piranhas – AL, concluído em julho de 2001.

9 – Em abril de 2001 é concluído o Plano de Gestão em Educação Patrimonial para Piranhas – AL, pelo Arq. Álvaro Moreira, CHESF/DMA.

10 – Nos dias 10 e 11 de maio de 2001 foi realizado, no Sítio Histórico, o 2º Seminário do Tombamento dos Bens Patrimoniais Culturais de Piranhas.

11 – Em julho de 2001 é concluído por Especialistas do Centro de Conservação Integrada Urbana e Territorial – CECI /UFPE, Dr. Sílvio Zancheti, Dra. Virgínia Pontual e Dra. Ana Rita de Sá Carneiro, o Documento Final de Tombamento e o Plano de Gestão da Conservação Urbana para o Sítio Histórico de Piranhas.

12 – Em 13 de setembro de 2001, é publicado o Decreto S/N do Governo do Estado de Alagoas, faz referência a Portaria de Nº 37 no D.O.E. de 27.01.2000 e ao processo de Nº 1101-109/2000, que cria o Grupo Especial de Trabalho para realização do Tombamento da Cidade de Piranhas. Atualiza e constitui membros e Instituições da Comissão Especial.

13 – Em 7 de janeiro de 2002, conforme compromissos assumidos pela CHESF através do Departamento de Meio Ambiente – DMA no Grupo Especial de Trabalho, foram enviados para SECULT – Secretaria de Cultura do Estado de Alagoas e para a Prefeitura Municipal de Piranhas os seguintes documentos para obtenção do Tombamento da cidade de Piranhas em nível estadual.

- Tombamento de Piranhas;
- Plano da Gestão do Sítio Tombado de Piranhas;
- Relatório Final do Levantamento de Campo do Inventário dos Imóveis da Cidade de Piranhas e anexos;
- Sistema de Informações Georreferenciadas do Sítio Histórico de Piranhas – AL (CD ROM);
- Inventário Arquitetônico do Sítio Histórico de Piranhas – AL (CD ROM);
- Plano de Gestão da Educação Patrimonial de Piranhas.

14 – Em janeiro de 2002 a SECULT envia todo o material produzido à Coordenação do Pró-Memória do Estado de Alagoas para apreciação e emissão do Parecer Técnico e posterior envio ao Conselho de Cultura do Estado de Alagoas para emissão do seu “De acordo”.

15 – Nos dias 12 e 13 de março de 2002 foi realizada uma reunião no Sítio Histórico de Piranhas. A Coordenação do Pró-Memória de Alagoas faz algumas exigências – *alteração do perímetro a ser tombado de Piranhas a Entremontes, um micro-zoneamento no centro histórico de Piranhas e Entremontes e a instalação de um escritório técnico de imediato imprescindível para reconhecimento do tombamento.*

16 – No dia 13 de março foi realizado levantamento fotográfico dos marcos do novo perímetro pelos seguintes técnicos: Dr. Sílvio Zancheti (CECI), os arquitetos Inês Amorim (Pró-Memória), Julisgley Matos (Instituto Xingó), Álvaro Moreira (CHESF-DMA) e o técnico Eraldo Martins (contratado pela UFAL).

17 – Em 25 de março foi concluído o novo perímetro, com as coordenadas georreferenciadas, cópias disponíveis, tendo como responsável técnica a Arq. Julisgley Matos do Instituto Xingó e o técnico Eraldo Martins.

18 – Em abril são entregues, pelo DMA, o novo perímetro a Coordenação do Pró-Memória de Alagoas – que solicita a inclusão de mais dois pontos a Leste de Entremontes.

19 – Em junho é entregue, pelo DMA, à coordenação do Pró-Memória o novo perímetro. Na oportunidade ficou acertado que conjuntamente Pró-Memória e DMA realizariam o micro-zoneamento.

20 – Em julho de 2002 é marcada reunião de trabalho em Piranhas para agosto, com o objetivo de concluir o micro-zoneamento de Piranhas e Entremontes. Naquela ocasião é visitada e conhecida pelos representantes do Pró-Memória Alagoas, Arquitetos Inês Amorim e Roberto Farias acompanhados do Arq. Álvaro Moreira representante DMA, às instalações do Escritório do Sítio Histórico de Piranhas, disponibilizadas pelo Instituto Xingó. Como representante desse escritório, Arquiteta Julisgley Matos, a ser definido, após acertos, junto ao Instituto Xingó. Há uma indicação para contratação, pelo Governo do Estado de Alagoas de um especialista na área, com dotação orçamentária da SECULT/ Pró-Memória de Alagoas.

21 - Em setembro de 2002 é enviado, informalmente, cópia de todos os estudos realizados ao IPHAN/Brasília para uma pré-análise técnica, em atendimento ao pedido do Arq. Roberto Holanda Diretor de Proteção do IPHAN.

22 – Em 17 de dezembro a Coordenação do Pró-Memória envia através do Ofício N° 019/PM/02 considerações sobre o andamento dos trabalhos até então realizados, ratifica as exigências e propõe a retomada das atividades.

23 – Em 18 de dezembro a SECULT encaminha através do Ofício AL Cultura N° 1999/AS/02, Secretária Adjunta Fernanda Reznik, convocação para participação reunião no dia 23.12.02, *com o objetivo de firmar atribuições a respeito da criação do escritório técnico.*

24 – Nova reunião é realizada em 26.12.2002 na SECULT e com a Coordenação do Pró-Memória de Alagoas tendo sido representadas pela Sec. Adjunta Fernanda Reznik e Arq. Inês Amorim, respectivamente; pela CHESF e Instituto Xingó o Arq. Álvaro Moreira. A Prefeitura Municipal de Piranhas justificou ausência através do Secretário de Cultura e Turismo Sr. João Batista Neto. Naquela ocasião o grupo formalizou Ata de Reunião com os principais

compromissos assumidos pelas instituições partícipes do processo de Tombamento dos bens culturais e ambientais de Piranhas.

25 - Em 07 de abril de 2003, o IPHAN/Brasília solicita a formalização do pleito de Tombamento Federal e, através da Diretoria de Proteção repassa o processo para a 8ª Superintendência Regional do IPHAN/SE e AL.

26 - Em 09 de junho de 2003 é lançado o livro: Piranhas, proposta de Tombamento e Plano de Gestão, produção CHESF e CECI, em Piranhas no Clube Pajuçara, bairro de Xingó, na ocasião das comemorações da I Semana do Meio Ambiente - UHE Xingó.

Anexo A - Linha do Tempo: síntese histórica da evolução urbana de Piranhas

Linha do Tempo

Final do século XVI início do século XVII – Os currais se expandem nas margens do São Francisco, ciclo do gado.

1684 – Começo de Entremontes como sede da fazenda Barra do Rio dos Cabaços.

Segunda metade do século XVIII – Início do povoamento nas localidades de Piranhas (hoje Piranhas de Baixo) e Entremontes.

1859 – Visita de Dom Pedro II.

1861 – Impulso da cultura algodoeira.

1867 – Navegação a vapor de Penedo a Piranhas.

1877 – Período da Grande Seca.

1878 – Início das obras de construção da estrada de ferro em Paulo Afonso.

1883 – Inauguração do trecho final da estrada na Estação de Jatobá – PE.

1885 – Criação da Freguesia de Piranhas – Lei provincial nº. 464.

1887 – Piranhas é elevada à categoria de vila – Lei no. 996.

1891 – É instituído o Foro Civil de Piranhas.

1903 – “Ciclo do Couro”.

1910 – Piranhas é termo da Comarca de Água Branca- Lei no. 603.

1913 – Inauguração da primeira usina hidrelétrica de Paulo Afonso, construída por Delmiro Gouveia.

1920 – Piranhas volta a pertencer à Água Branca – Lei no. 1149.

1923 – O termo de Piranhas é anexado a Paulo Afonso – Mata Grande – Lei no. 1001.

1929 – Piranhas é desincorporada, passando à Comarca de Pão Açúcar. Declínio do algodão.

1930 – Piranhas é elevada à categoria de cidade.

1939 – Piranhas passa a ser denominada Marechal Floriano.

1950 – Surgimento do que viria a ser a atual povoação de Piau.

1952 – Piranhas passa à categoria de Comarca de primeira instância.

1964 – Desativação da ferrovia “Great Western Brazil Railway”.

1974 – Conclusão da AL – 225.

1986/7 – Início da construção do acampamento e das obras da Usina Hidrelétrica Xingó.

1994 – Início da operação do gerador 01G6 da UHE Xingó

1996/97 – Passagem da Gestão dos Bairros de Xingó e Nossa Senhora da Saúde à Prefeitura de Piranhas

1999 - Início dos Estudos do Tombamento de Piranhas,AL.

2003 - Conclusão do Projeto de Tombamento, nível federal, de Piranhas.

Fonte: Furtado (2003).

Anexo B - Empreendimentos Chesf existentes na Bacia Hidrográfica do São Francisco



PARQUE DE GERAÇÃO DA CHESF.
Fonte: Acervo CHESF/DMA - 2002

Complexo Paulo Afonso I, II, III e IV

- **UHE Moxotó**
- **Usina Piloto**
- **UHE Sobradinho**
- **UHE Luiz Gonzaga (Itaparica)**
- **UHE Xingó**

Outras Bacias Hidrográficas

UHE Boa Esperança

UHE Pedra

UHE Funil

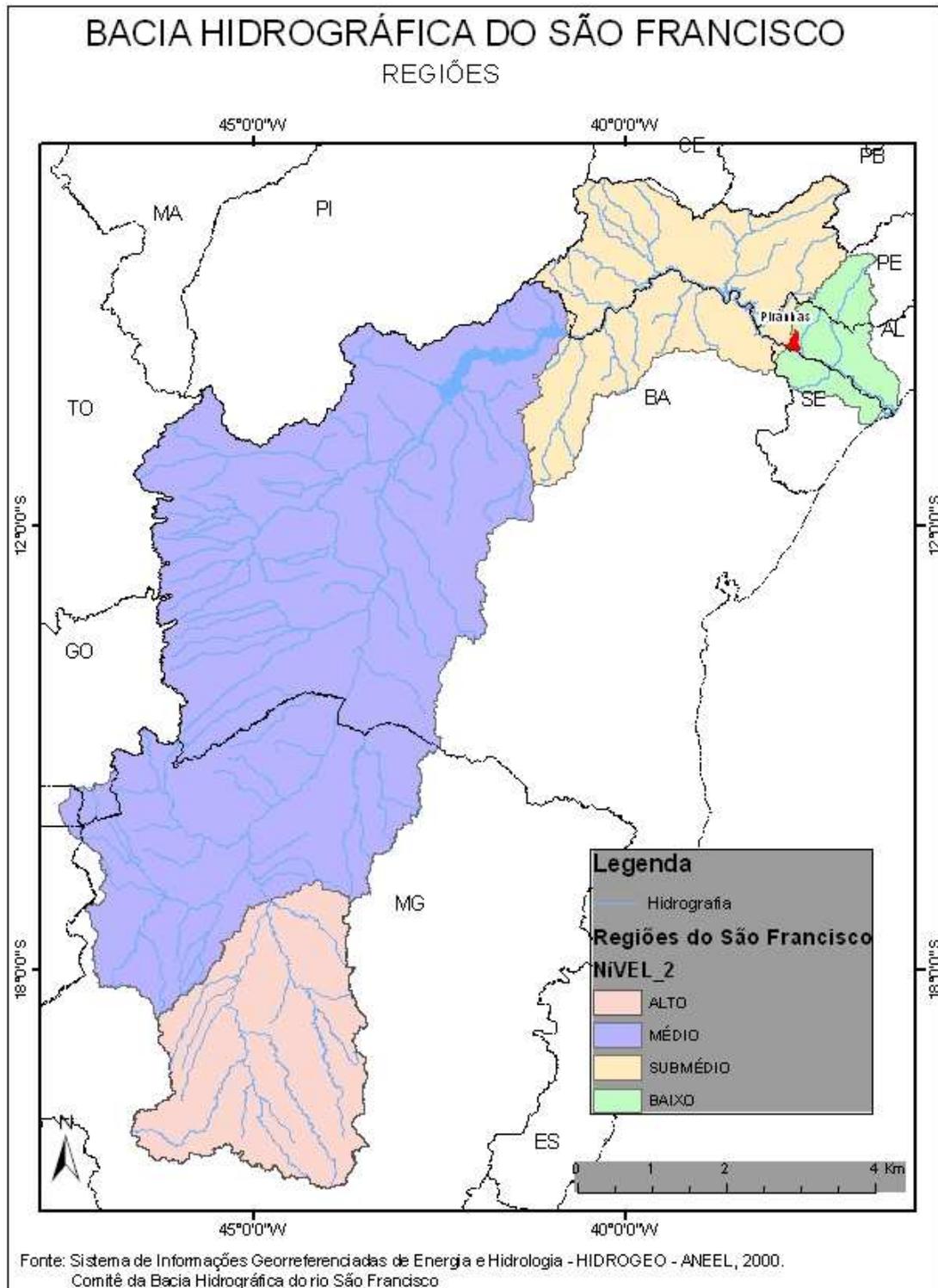
UHE Araras

UHE Curemas

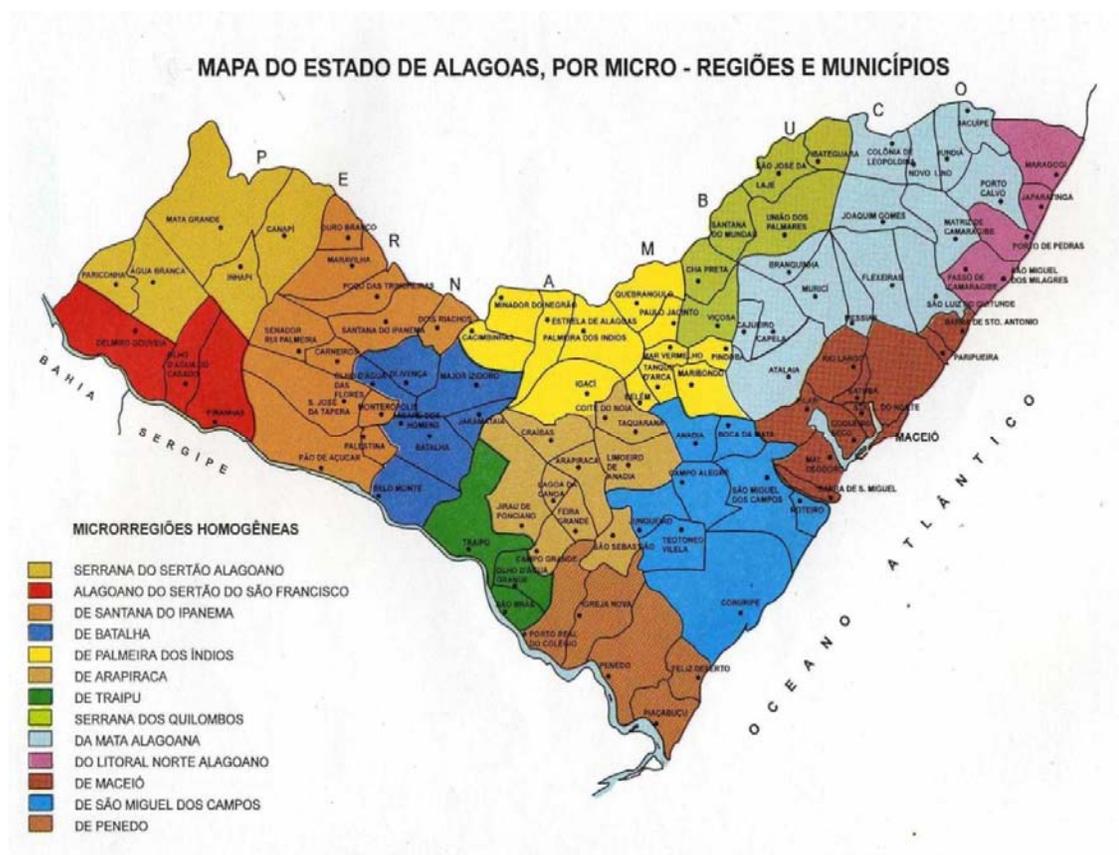
Anexo C - Bacia Hidrográfica do São Francisco com a localização de Piranhas



Anexo D - Bacia Hidrográfica do São Francisco por regiões



Anexo E – Mapa do Estado de Alagoas



Mapa do Estado de Alagoas.

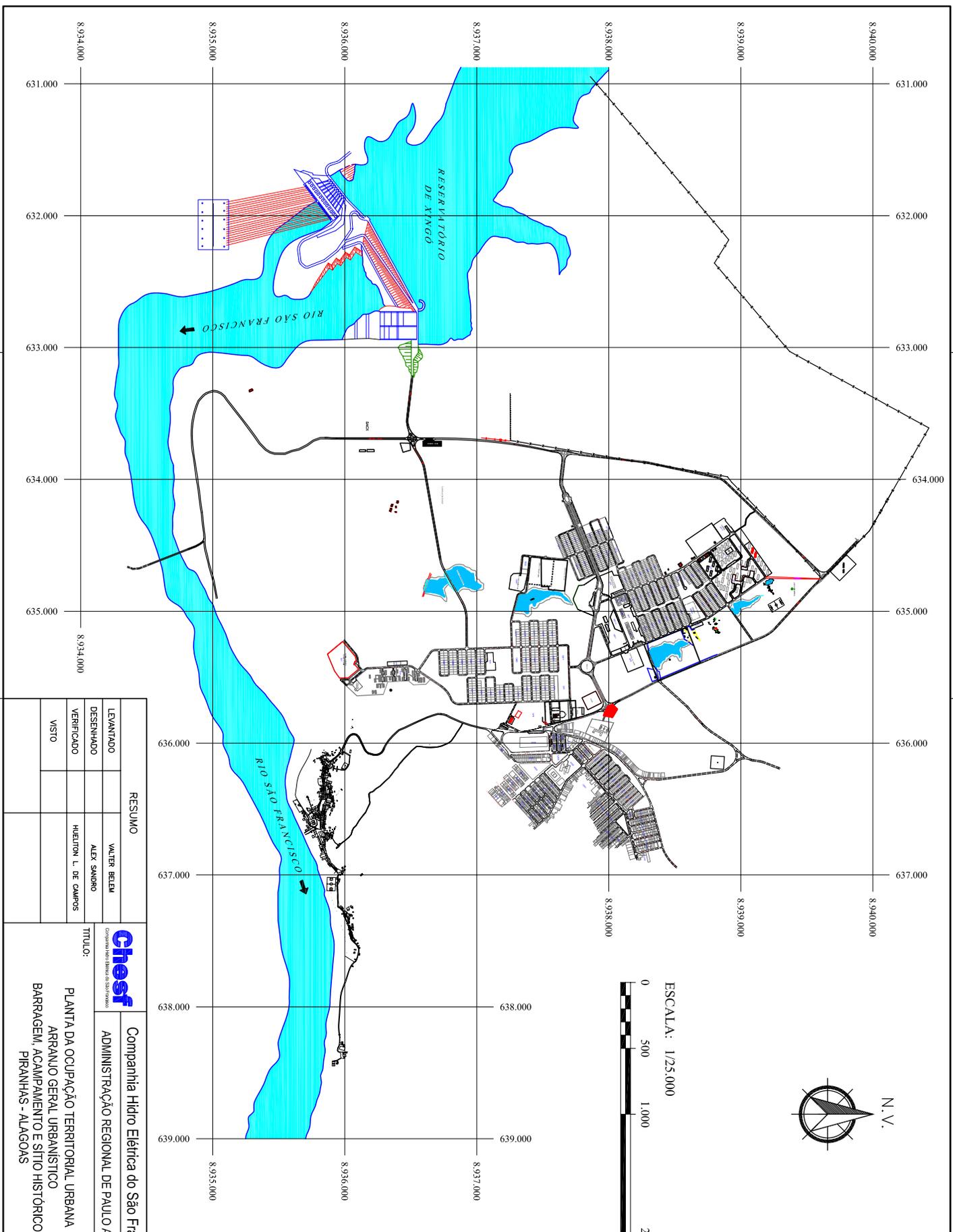
Fonte: Anuário Estatístico de Alagoas – Governo de Alagoas – Maceió, 1977.

Anexo F – Mapa da relação entre topografia e ocupação urbana da Sede Municipal de Piranhas e os bairros de Xingó e Nossa Senhora da Saúde



MAPA da relação entre topografia e ocupação urbana da Sede Municipal de Piranhas e os bairros de Xingó e Nossa Senhora da Saúde. Fonte: SUDENE – Folha SC. 24-X-C-VI / MI – 1596. Piranhas, AL-SE-BA; Esc.: 1/ 100.000. Base de imagem de Satélite WRS 215/067 TM LANDSAT 5 – Segunda Impressão – 1989.

Anexo G - Planta da Ocupação Territorial Urbana/Arranjo Geral Urbanístico/Barragem,
Acampamento e Sítio Histórico – Piranhas, Alagoas

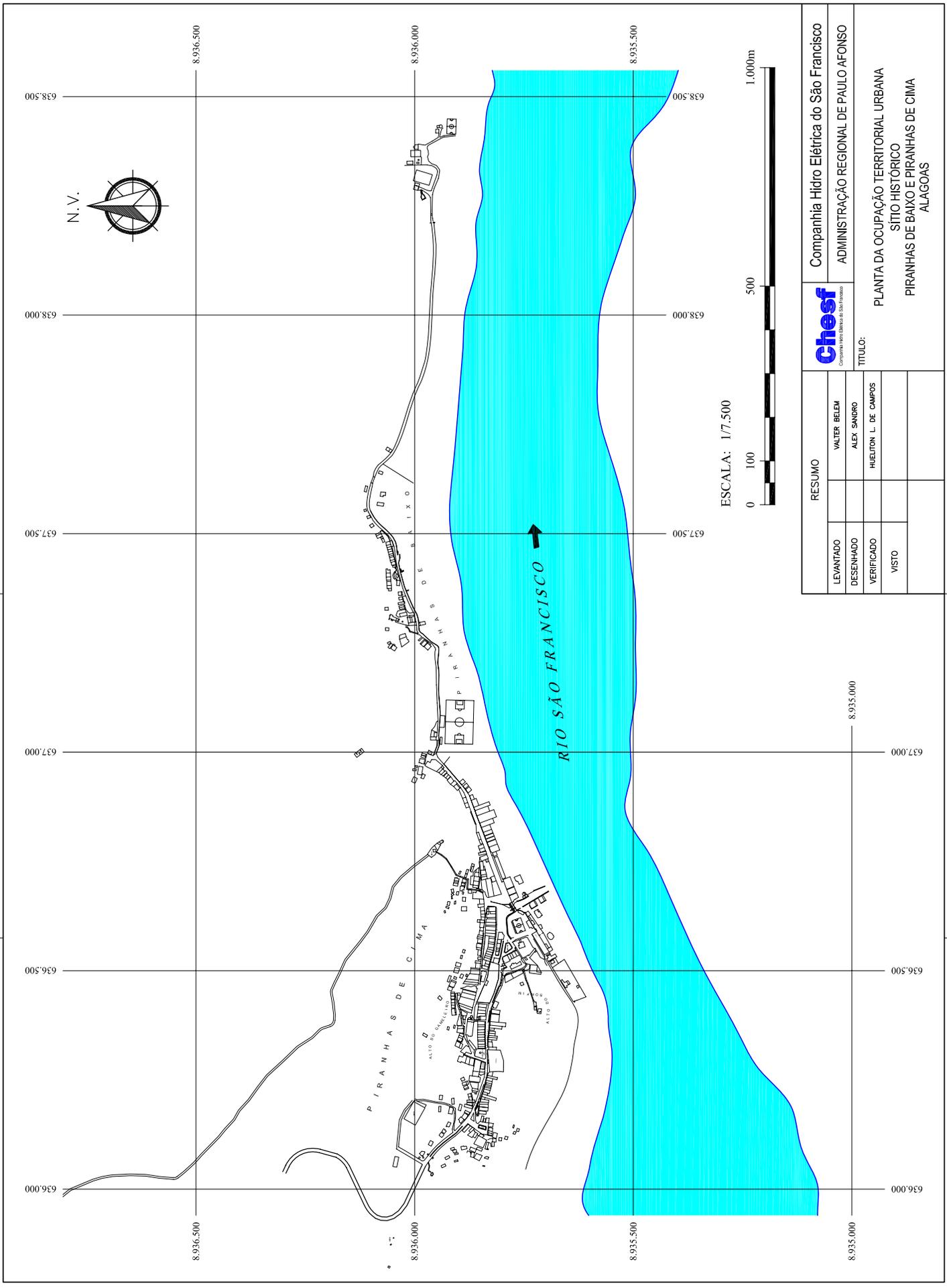


RESUMO	
LEVANTADO	WALTER BELLI
DESENHADO	ALEX SANDRO
VERIFICADO	HUEITON L. DE CAMPOS
VISTO	

Chesf
Companhia Hidro Elétrica de São Francisco
 Companhia Hidro Elétrica de São Francisco
 ADMINISTRAÇÃO REGIONAL DE PAULO AFONSO

TÍTULO:
 PLANTA DA OCUPAÇÃO TERRITORIAL URBANA
 ARRANJO GERAL URBANÍSTICO
 BARRAGEM, ACAMPAMENTO E SÍTIO HISTÓRICO
 PIRANHAS - ALAGOAS

Anexo H – Planta da Ocupação Territorial Urbana/Sítio Histórico/Piranhas de Baixo e Piranhas de Cima/Alagoas



 <small>Companhia Hidro Elétrica do São Francisco</small>		Companhia Hidro Elétrica do São Francisco	
RESUMO		ADMINISTRAÇÃO REGIONAL DE PAULO AFONSO	
LEVANTADO	VALTER BELEM	TITULO: PLANTA DA OCUPAÇÃO TERRITORIAL URBANA SÍTIO HISTÓRICO PIRANHAS DE BAIXO E PIRANHAS DE CIMA ALAGOAS	
DESENHADO	ALEX SANDRO		
VERIFICADO	HUELTON L. DE CAMPOS		
VISTO			

Anexo I – Planta da Ocupação Territorial Urbana – Acampamento Chesf – UHE Xingó/Bairros Xingó e Nossa Senhora da Saúde, Piranhas, Alagoas.



RESUMO		 Companhia Hidro Elétrica do São Francisco	Companhia Hidro Elétrica do São Francisco ADMINISTRAÇÃO REGIONAL DE PAULO AFONSO
LEVANTADO	WALTER BELEM		
DESENHADO	ALEX SANDRO		
VERIFICADO	HUEITON L. DE CAMPOS		
VISTO		TÍTULO: PLANTA DA OCUPAÇÃO TERRITORIAL URBANA ACAMPAMENTO CHESF - UHE XINGÓ BAIRROS XINGÓ E NOSSA SENHORA DA SAÚDE PIRANHAS - ALAGOAS	

Anexo J – Área de Influência de Xingó



MAPA DE LOCALIZAÇÃO SEM ESCALA

CONVENÇÕES:

- SEDE MUNICIPAL
- VILA, POVOADO
- RODOVIA FEDERAL
- RODOVIA ESTADUAL
- - - LIMITE ESTADUAL
- - - LIMITE MUNICIPAL
- - - LIMITE DA ÁREA DE INFLUÊNCIA
- HIDROGRAFIA

LEGENDA

- [Dotted pattern] ÁREA DE INFLUÊNCIA DIRETA
- [Dashed pattern] ÁREA DE INFLUÊNCIA INDIRETA

USINA HIDROELÉTRICA DE XINGÓ ESTUDO DE IMPACTO AMBIENTAL	
CONSULTORIA E PROJETOS S.A.	
PROJ.	A. GONÇALVES
EXEC.	R. WEDNER
DATA	31.07.92
ESCALA	1:400.000
FOLHA	XIX - 308 - 029 DE
TÍTULO	II



Anexo K – Lei No 037/2000, que trata sobre o Tombamento Municipal do Núcleo de Piranhas e seu entorno



ESTADO DE ALAGOAS
PREFEITURA MUNICIPAL DE PIRANHAS
GABINETE DO PREFEITO



LEI N.º 037/2000

O qual trata sobre o Tombamento Municipal do Núcleo Histórico de Piranhas e seu entorno, seus Monumentos Históricos, Núcleo Histórico de Entre Montes e seu entorno, Sítios Arqueológicos e Ecológicos do Município de Piranhas.

O Prefeito do Município de Piranhas, Estado de Alagoas, no uso das atribuições que lhe são conferidas pela Lei Estadual n.º 4.448, de 28 de Junho de 1983, Título II, Cap. II, Art. 26, faz saber que a Câmara aprovou e ele promulga a seguinte Lei.

Art. 1.º - Realiza o Tombamento do Núcleo Histórico de Piranhas e seu entorno, seus Monumentos Históricos, Núcleo Histórico de Entre Montes e seu entorno, Sítios Arqueológicos e Ecológicos do Município de Piranhas, Estado de Alagoas, elevando-a à condição de Monumento do Patrimônio Histórico e Artístico do Município de Piranhas.

Art. 2.º - A delimitação da área de interesse da cidade teve como preocupação incluir não só os conjuntos arquitetônicos de comprovadas significações histórica e artística, como também o seu entorno, formado pelas áreas verdes das encostas dos morros que a circunda até à beira do rio, objetivando resguardar o acervo cultural e natural da cidade de Piranhas;

§ 1.º - A delimitação da área de interesse do Município abrange também o Núcleo Histórico de Entre Montes, de comprovado valor histórico e artístico e seu entorno conformado entre o Rio Capiá, o Rio São Francisco e a área verde que se estende até o Morro do Cruzeiro;

§ 2.º - Tendo ainda como interesse do Município delimitar as áreas que abrangem os sítios arqueológicos e paisagísticos do Município de Piranhas;

1
PIRANHAS LEVADA A SÉRIO!

Praça Dr. Habira de Brito, n.º 4. Centro. Piranhas - Alagoas. CEP: 57460-000. Telefax: (082) 886.1425



ESTADO DE ALAGOAS
PREFEITURA MUNICIPAL DE PIRANHAS
GABINETE DO PREFEITO



Art. 3.º - Os bens do patrimônio público e particular situados nos limites da área tombados ficam sujeitos, no pertinente a seu uso e gozo, às normas que dispõem sua manutenção e preservação do patrimônio histórico e artístico estabelecidas nas legislações estadual e federal específicas.

Art. 4.º - Os projetos de Restauração e Reforma de edificações consideradas de valor histórico e artístico, bem como os daquelas não classificadas, observarão as diretrizes estabelecidas na Carta de Veneza, de 1964, da qual o Brasil é signatário.

Parágrafo Único - As disposições tratadas neste Artigo 4, podem ser aplicadas às novas edificações que vierem a ser erigidas nos sítios tombados;

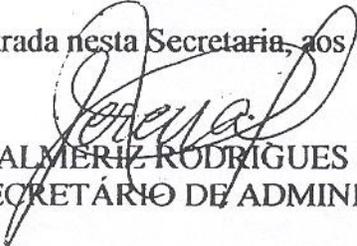
Art. 5.º - Esta Lei entrará em vigor na data da sua publicação.

Art. 6.º - Revogadas as disposições em contrário.

Piranhas - AL, 14 de Abril de 2000.


Celso Rodrigues Rêgo
Prefeito

Publicada e registrada nesta Secretaria, aos 14 de Abril de 2.000


JALMERIZ RODRIGUES PEREIRA
SECRETÁRIO DE ADMINISTRAÇÃO



ESTADO DE ALAGOAS
PREFEITURA MUNICIPAL DE PIRANHAS
GABINETE DO PREFEITO



JUSTIFICATIVA PARA O PEDIDO DE TOMBAMENTO

A proposta de tombamento, ora encaminhada, deve-se ao fato de que acreditamos na necessidade de preservar os bens móveis e imóveis, fazendo parte dos mesmos os monumentos arquitetônicos (civis, públicos e religiosos) erigidos, bem como os sítios e paisagens que compõem o nosso acervo histórico-arqueológico e cultural.

Solicitamos, portanto, que a nossa proposta seja analisada com a máxima brevidade, porque acreditamos que os bens vivos (móveis e imóveis), que representam estilo e época, nem sempre mantêm suas características diante das ameaças advindas da ação do tempo e do próprio homem.

EXPOSIÇÃO DOS MOTIVOS

❖ **Da natureza sócio-histórico-antropológico-cultural**

1. Porta de Entrada de Bandeiras e Primeiras Sesmarias:

Historicamente o local foi a porta de entrada para o Sertão, subindo o Rio São Francisco, pelos primeiros desbravadores da região - os bandeirantes e sesmeiros. Em documentos do século XVIII, aparece com o nome de Arraial de Piranhas - nome designativo de um peixe, que vive sempre em cardume e se alimenta de outros peixes ou outra carne animal.

2. Visita de D. Pedro II:

Piranhas recebeu a visita de D. Pedro II em 1859, que subiu o Rio São Francisco num barco a vapor, em direção às Cachoeiras de Paulo

3

PIRANHAS LEVADA A SÉRIO!

Praça Dr. Itabira de Britto, n.º 4, Centro, Piranhas - Alagoas. CEP: 57460-000. Telefax: (082) 886.1425



ESTADO DE ALAGOAS
PREFEITURA MUNICIPAL DE PIRANHAS
GABINETE DO PREFEITO

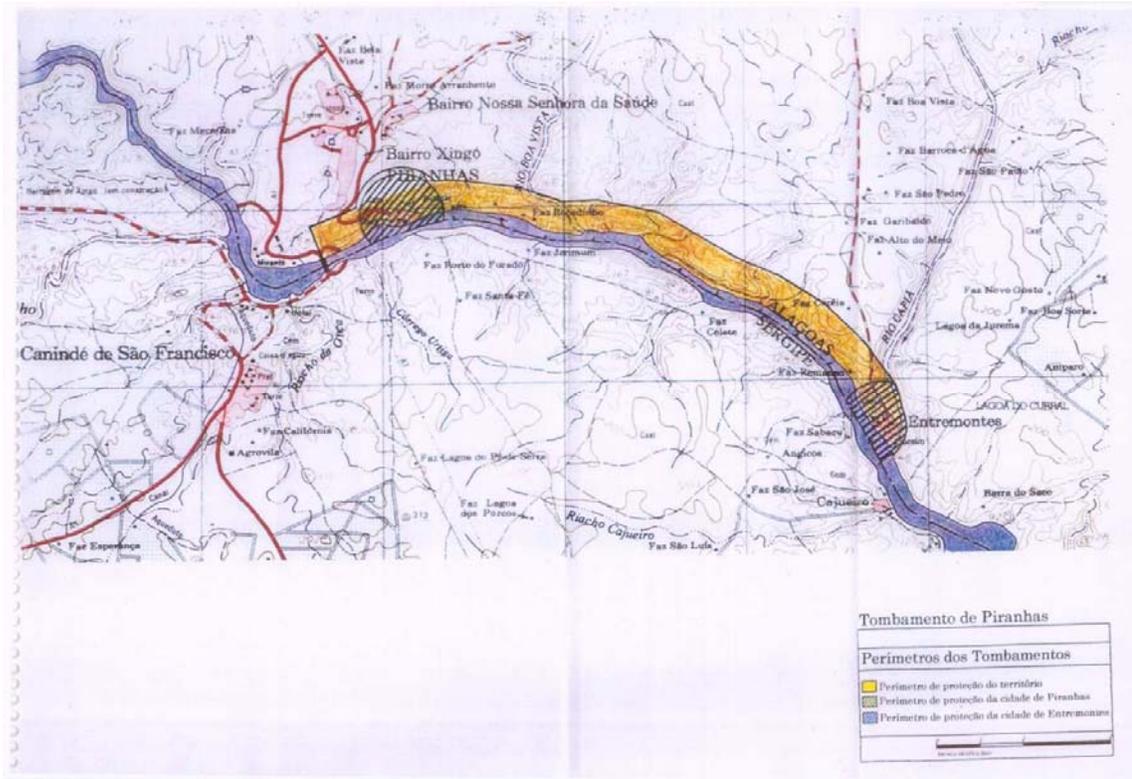


Afonso, pernoitando na casa do sub-delegado Joaquim da Costa Campos, sobrado hoje em ruínas, de onde fez esboço da paisagem registrando-o em seu diário de viagem. Descansou em Entre Montes e fez, também, anotações sobre a paisagem do lugar.

3. Companhia Fluvial e Ferroviária:

O desenvolvimento de Piranhas dependeu da fundação da Companhia Fluvial (1867) e da instalação da via férrea (1883) para as quais se tornou ponto terminal. A construção da ferrovia Piranhas/Jatobá iniciada em 1878, por ordem do Governo Imperial, visava interligar comercialmente e socialmente as regiões do alto e baixo São Francisco, navegável da foz até esse trecho, proporcionando recursos às populações flageladas pela seca, que assolava o Sertão da Bahia, Pernambuco e Ceará. Com isso foi legado à cidade de Piranhas um dos mais expressivos exemplos de patrimônio histórico edificado da região - o Prédio da Estação -, projetado por uma empresa inglesa, e que se traduz num harmonioso conjunto de elementos da arquitetura neoclássica da época.

Anexo L - Mapa de Piranhas: perímetro do tombamento



Chesf quer doar cidade de Xingó ao Governo alagoano

A Chesf (Companhia Hidro Elétrica do São Francisco) não sabe o que fazer com a cidade planejada que construiu para abrigar os 9.000 funcionários que trabalharam na obra da hidrelétrica de Xingó, na divisa entre Alagoas e Sergipe. A intenção da Chesf é transferir o patrimônio, por meio de doação, para o Governo de Alagoas.

A empresa estatal gastou R\$ 170 milhões para construir 1.153 casas, uma escola, e um hospital, que hoje é o mais moderno do Sertão alagoano. As casas, o hospital, e a escola são pouco utilizados, devido às demissões dos empregados após a conclusão da barragem. Hoje, há apenas 1.500 funcionários.

Pelo menos 600 casas estão abandonadas. O hospital, que tem 35 leitos e duas salas de cirurgia equipadas com aparelho modernos, também está ocioso. A escola, que chegou a ter 3.500 alunos, hoje tem menos de mil.

Toda essa estrutura foi montada a dois quilômetros do centro de Piranhas (a 268 Km de Maceió) e é conhecida como bairro Xingó, apesar de ser maior que a própria cidade.

A própria Chesf reconhece que a saída parcial dos seus funcionários da região está trazendo problemas sociais no Sertão. Em razão disso, a direção da empresa se reúne quarta-feira com o secretário de Planejamento de Alagoas, Jorge Florêncio Tenório.

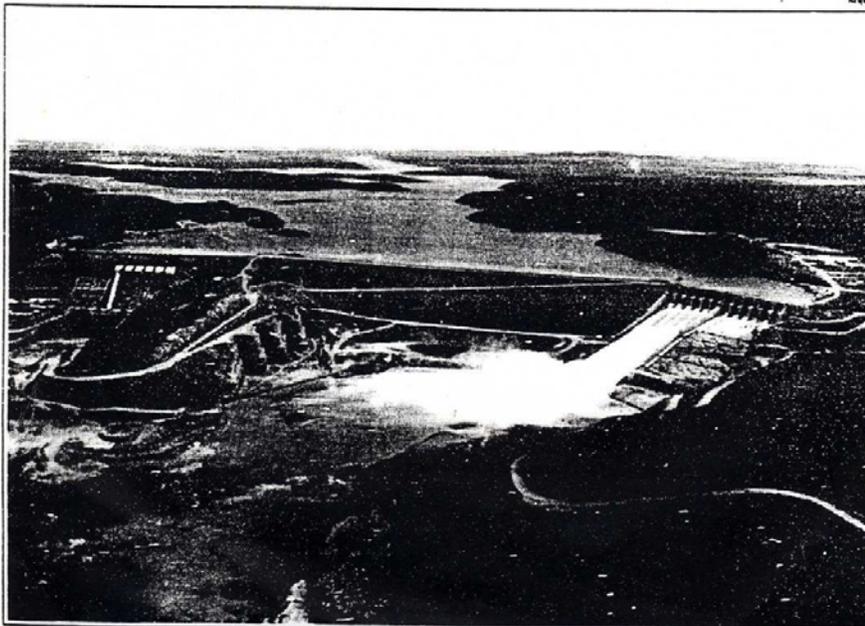
"Estamos esperando que o Governo de Alagoas se manifeste sobre qual utilização quer dar para a cidade. Queremos dar um destino social para nosso investimento", afirmou Sérgio Xavier, assessor de Comunicação Social da Chesf.

Segundo ele, desde 1990 uma comissão da Chesf e do Governo de Alagoas estuda uma destinação para o bairro Xingó, mas até agora nada foi definido.

"Até o final do próximo ano, teremos menos de 500 funcionários no local. Por isso precisamos de uma definição do Governo de Alagoas", afirmou. A hidrelétrica de Xingó é a mais cara obra em andamento do Governo brasileiro. A usina custa aos cofres da União US\$ 3,2 bilhões, quantia que o Governo de Alagoas, por exemplo, só arrecada em quatro anos.

A hidrelétrica foi planejada na década de 50, iniciada no Governo Figueiredo (1979-1985), paralisada no Governo Sarney (1985-1990), retomada no Governo Collor (1990-1992) e inaugurada pelo ex-presidente Itamar Franco no final do ano passado.

Apesar de inaugurada, a obra ainda não está pronta. Itamar inaugurou a usina com apenas uma das seis turbinas pronta. Há três meses, o presidente Fernando Henrique Cardoso colocou a segunda turbina em funcionamento. Há outras quatro em fase de montagem.



Para a obra da hidrelétrica de Xingó (foto) foram construídas 1.153 casas, uma escola e um hospital



Universidade Federal de Alagoas
Coordenadoria de Comunicação

Recortagem

Orgão *Tribuna de Alagoas*

Data *33 de janeiro de 2000*

PATRIMÔNIO

Piranhas será tombada em nível nacional

O mês de janeiro inicia com boas previsões, principalmente para a cidade centenária de Piranhas. Até o final do ano 2000 ela finalmente será tombada em nível nacional, segundo garantiu o arquiteto Álvaro Moreira, da Companhia Hidro Elétrica do São Francisco (Chesf).

"Uma notícia boa para a cultura e para o patrimônio histórico de Alagoas", essa é a opinião do Secretário de Cultura, Alberto Leão, que se reuniu na última segunda-feira com o arquiteto Álvaro Moreira (Chesf), Sônia Jaqueline (Prefeitura de Piranhas), o arquiteto Jenther Glauber (Ufal), Tânia Pedrosa e Beatriz Brandão (Conselho Estadual de Cultura).

Dessa reunião foi criada uma comissão para prosseguir de forma unificada o projeto de tombamento municipal, estadual e federal da cidade de Piranhas.

A Universidade Federal de Alagoas e a Chesf iniciaram um levantamento arquitetônico da cidade de Piranhas, incluindo os casarios, a prefeitura e a estação de trem. Já foram feitas vistorias em 126 casas que mantêm as características do final do século 18 e 19.

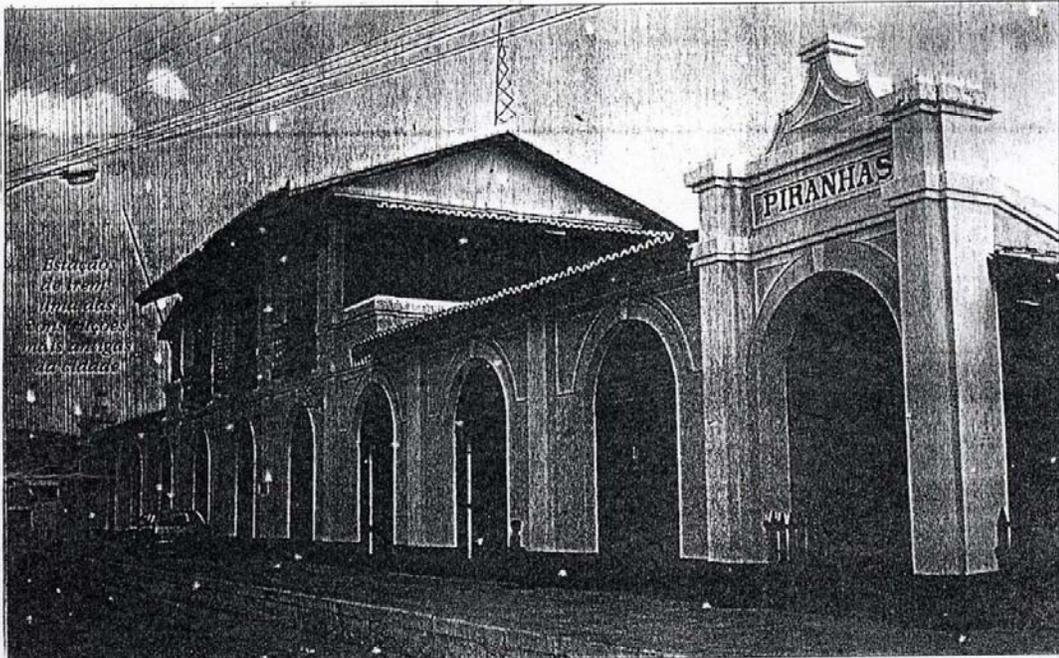
Em paralelo ao levantamento técnico será realizado um trabalho de conscientização junto a população de Piranhas, como um seminário sobre a importância do tombamento histórico, com debates, visitas aos prédios históricos, apresentações folclóricas e o lançamento do livro de Tânia Pedrosa, nos dias 17 e 18 de março.

Outras atividades serão desenvolvidas, como o concurso de logomarca, concurso de dissertação para os alunos de 1º e 2º graus nas escolas, e folhetos explicativos sobre a importância do tombamento da cidade.



● Egito

O desenho animado "O Príncipe do Egito" é a atração de hoje do projeto Cinema no Campus. A sessão é aberta ao público e começa às 16h30, no auditório da Reitoria.



Tombamento de Piranhas guarda boa parte da memória do Estado

A histórica cidade de Piranhas vai ser tombada até o final do ano dois mil. Essa foi a decisão tomada em uma reunião, acontecida na última segunda-feira, entre o secretário de Cultura de Alagoas, Beto Leão, a prefeita do município, Sônia Jacqueline, arquitetos da Chesf e Ufal e membros do Conselho Estadual de Cultura. Nessa reunião, foi criada uma comissão para fiscalizar e realizar de forma unificada (poderes federal,

estadual e municipal) o projeto de Tombamento da cidade.

Previsto para acontecer até setembro deste ano, algumas providências práticas já foram tomadas para que o projeto tome corpo. Através da Universidade Federal de Alagoas e da Companhia Hidroelétrica do São Francisco, foi feito um levantamento arquitetônico do município de Piranhas que inclui casarios, o prédio da prefeitura e a estação do trem, a

lém da vistoria em 126 casas que ainda mantêm as características dos séculos 18 e 19.

Em paralelo ao levantamento técnico, será realizado trabalho de conscientização junto à população do lugar, como um seminário sobre a importância do tombamento histórico, que será realizado nos dias 17 e 18 do mês de março. O evento será composto por debates sobre o assunto, visitas aos prédios de maior relevância para a cidade,

apresentações folclóricas e o lançamento do livro de Tânia Pedrosa.

Para esse seminário está sendo organizado um concurso de logomarcas, concurso de dissertação para alunos de 1º e 2º graus nas escolas e folhetos explicativos sobre a importância do tombamento da cidade. Segundo Beto Leão esse é um processo fundamental para o processo de preservação da história e da cultura alagoana.

Projeto para tombar a cidade de Piranhas em andamento

Arquiteto da Chesf diz que município poderá ser tombado até o final de 200

ELEXSANDRA MORONE

O que as cidades de Ouro Preto e Tiradentes, em Minas Gerais, Petrópolis, no Rio de Janeiro, Olinda, em Pernambuco, e Salvador, na Bahia, têm em comum? São pólos turísticos em potencial, certo? Certíssimo!!! Mas não é só isso, caro leitor. Essas, além de outras cidades históricas espalhadas pelo território nacional, já foram devidamente tombadas pelo patrimônio histórico, fato que, de certa forma, garante a preservação de seus monumentos, assim como favorece a escolha dos turistas no momento da escolha de seus destinos. Óbvio, todo turista quer visitar lugares que estejam em boas condições estruturais, lugares bem cuidados, ainda mais quando esses lugares são marcos da história arquitetônica e cultural do País.

Mas muitas outras cidades no Brasil guardam tesouros históricos, tesouros que revelam passagens da nossa rica história - repleta de particularidades econômicas e culturais -, promovendo verdadeiras viagens no tempo e possibilitando belas visões a quem quer que passeie por suas ruas e observe seus monumentos. Pois bem. Será que é difícil encontrar lugares que permitam esse tipo de viagem por aqui, pelas terras nordestinas? Não. Não mesmo. E em Alagoas? Será que é possível vislumbrar essas preciosi-



A antiga estação ferroviária de Piranhas, onde atualmente funciona o Museu do Sertão

dades no perímetro caeté? Também não.

Pelo contrário. Basta dar uma boa olhada no mapa do Estado e pronto. Os tesouros surgem em cada extremo que se analisa. Em um piscar de olhos, as cidades aparecem: Marechal Deodoro, Penedo, Pão de Açúcar, Delmiro Gouveia, Piranhas... São lugares que guardam, em seus prédios e monumentos, acontecimentos históricos de fundamental importância para os brasileiros, pois permitem o entendimento

e a compreensão de suas próprias origens.

Mas, deixando um pouco de lado o 'nariz de cera' (e aqui vai um 'mea culpa'), uma notícia começa a animar os que se preocupam com a preservação do patrimônio histórico das Alagoas. É que o arquiteto Álvaro Moreira, pertencente ao quadro funcional da Companhia Hidrelétrica do São Francisco (Chesf), em um encontro com o secretário de Cultura de Alagoas, anunciou a intenção de levar adiante os projetos de

tombamento do município de Piranhas, um dos mais belos cartões postais do Estado, com belezas naturais irretocáveis e tesouros arquitetônicos que remetem a tempos inenarráveis da nossa história.

É. Quem diria? Piranhas, patrimônio histórico, tombado pelo Governo Federal. Notícia melhor não poderia haver. O secretário de Cultura de Alagoas, Alberto Leão, está vibrando com a idéia. "Esta é uma notícia que chega para animar o setor cultural do Estado. Será um incentivo muito grande para alavancar os projetos nessa área, porque ainda há muito para ser feito nesse sentido por aqui", enfatiza Alberto.

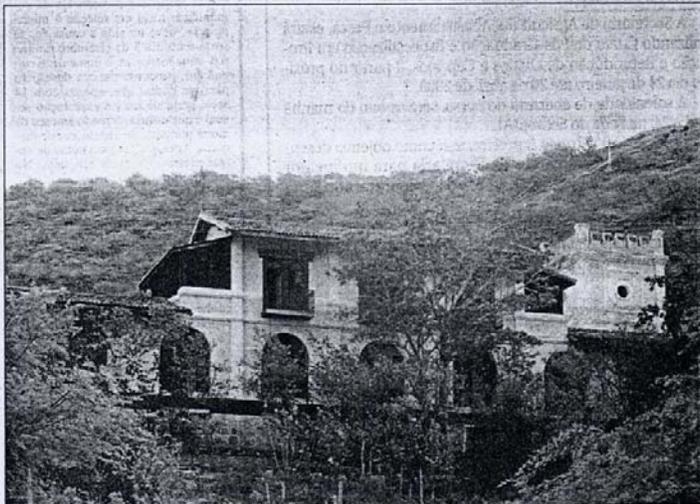
A comissão para prosseguir com os estudos arquitetônicos e culturais na cidade já foi formada. Os integrantes desse grupo têm até o final do ano (prazo anunciado pelo arquiteto Álvaro Moreira, da Chesf) para fazer o levantamento técnico necessário para executar o processo de tombamento, isso a nível municipal, estadual e federal. E não é só isso. Há pela frente todo um trabalho de conscientização da população de Piranhas, além da etapa da vistoria, que precisa ser feita em todos os prédios que compõem o complexo. Bom, já que há trabalho a fazer, mãos à obra! Que se tombe, então, Piranhas.

Piranhas caminha para ser tombada nacionalmente

Piranhas, um cenário de belezas naturais e arquitetônicas, a elegante estação de trem, a prefeitura, os casarios, um patrimônio histórico que foi visitado por Dom Pedro II e pelo bando de Lampião.

Na cidade Piranhas o Velho Chico abraça a cidade sem nenhuma cerimônia, mas agora ela recebe um abraço fraterno da Chesf, Ufal, Ematur, Conselho Estadual de Cultura, Prefeitura de Piranhas e da Secretaria de Cultura. Um abraço forte, pois todos estão almejando até o fim do ano 2000 Piranhas ser tombada a nível nacional, estadual e municipal.

E a população está sendo chamada a participar do processo e até o dia 7 de março estão abertas as inscrições para o concurso da logomarca sobre o tombamento de Piranhas. Maiores informações pelo telefone 221.8886. No mais, é torcer para que tudo der certo.



O prédio da Estação de Trem, onde funciona o Museu do Sertão, finalmente será tombado

NIDE LINS

Piranhas persegue o sonho de ser tombada em nível nacional

Na edição passada, do dia 4 de março, no caderno de Turismo da GAZETA, anunciamos que a escritora e médica Rosiane Rodrigues tomara posse como secretária de Cultura e Turismo no município de Piranhas, ao mesmo tempo que a Câmara de Vereadores homenagearia o secretário de Cultura de Alagoas, Alberto Leão, e a representante do Conselho de Cultura, Tânia Pedroza, com o título de cidadã de Piranhas. Como a edição é fechada quinta-feira, a matéria foi publicada, mas infelizmente na sexta-feira, faleceu o ex-prefeito da cidade de Piranhas, Evildo Souza. Sendo assim, as atividades em Piranhas foram transferidas para o dia 23 de maio.

O caderno de Turismo conversou com a nova secretária de Cultura e Turismo, Rosiane Rodrigues, que tem um livro publicado, "Piranhas, retrato vivo de uma Cidade". Rosiane é uma das personagens da cidade, nasceu e se criou nas margens do Rio São Francisco, viajando na Maria Fumaça, ouvindo o apito do trem, as histórias de Lampião e as músicas dos seresteiros, uma marca registrada da cidade que chegou a receber figuras ilustres, como o cantor Altamar Dutra.

Tombamento

São lembranças boas da vida de Rosiane. Segundo ela, para reviver estes bons mo-

mentos, seu primeiro grande desafio é reunir todos os esforços para o tombamento da cidade de Piranhas.

Debates e serestas

Nos dias 24 e 25 de maio acontece o Seminário de Tombamento da Cidade de Piranhas, com debates, exposições de fotos e artesanato, tudo acompanhado ao som das serestas e da banda de música do Mestre Elísio. Um seminário com música, palavras e arte é o caminho para despertar a população para a importância de a cidade ser tombada nos níveis municipal, estadual e federal.

O processo de tombamento de Piranhas está sendo

encaminhando pela Chesf, Se-cult, Ufal, RFP/SA, Iphan, Secretaria de Turismo do Estado e Prefeitura de Piranhas. Uma parceria que tem tudo para dar certo, afinal, a cidade de Piranhas merece pela sua beleza, alegria e pela história do seu povo. Como diz Rosiane, "quem ainda não conhece este paraíso deve aproveitar e participar do seminário para perceber como o calor do Sertão é transformado em calor humano para os visitantes.

E não duvidem, este povo sabe conquistar corações; muitos cupidos já estão com flechas prontas esperando atingir o coração dos turistas dispostos a conhecer e amar tanta beleza.

Piranhas, um caso de amor com a cultura

Seminário de tombamento da cidade acontece entre debates, músicas, exposições e apresentações folclóricas

Piranhas, esta cidade existe há mais de cem anos e, claro, com esta idade muitas transformações aconteceram. Não existem mais os trilhos, a Maria Fumaça e a embarcação Comendador Leão que navegava pelo Velho Chico, hoje são apenas lembranças na memória dos mais antigos e das velhas fotografias. Apesar do tempo Piranhas não perdeu a sua identidade e nem sua beleza. O Velho Chico ainda reina entre os montes e a cidade, cada vez mais recebe muitos filhos ilustres.

Filhos como o secretário Alberto Leão e a escritora, artista plástica e representante do Conselho de Cultura, Tânia Pedroza, que no dia 23 deste mês recebeu o título de cidadão Piranhense da Câmara de Vereadores, proposta do vereador Paulo Amaral. Alberto e Tânia sempre visitavam a cidade, cada um a seu modo, caminhavam pelas ruas pesquisando a cultura e a história do povo de Piranhas.

Nos dias 23, 24 e 25 de março Alberto e Tânia não caminharam mais sozinhos, muitas personalidades e gente simples desceram e subiram as ladeiras da história e formaram uma parceria entre a Prefeitura de Piranhas, Chesf, Ufal, AL Cultura, CNPq, Secretaria de Turismo de Alagoas e IPHAN no Seminário de Tombamento daquela cidade.

Passado e futuro

Mas por que tomar Piranhas? A resposta está na centenária estação de trem, concluída em 1880, o prédio da estação, segundo o arquiteto Jenner Glauber, de estilo Neoclássico (que surgiu na Europa no século 18 como reação ao Barroco). Um casarão do século 18 e 19.

A história do cangaço é outra marca da cidade, apesar de Lampião nunca ter entrado em Piranhas, em respeito à padroeira da

cidade, Nossa Senhora da Saúde, que ele considerava madrinha. Mas em Angicos, em Sergipe, onde foi assassinado, na outra margem do Rio São Francisco, as cabeças de Lampião, Maria Bonita e do seu bando foram expostas na escadaria da Prefeitura de Piranhas.

Do violão ao zabumba

A cultura popular é expressa no reisado, nos trovadores, pastoril, banda de pifano, banda do maestro Elízio e os seresteiros. O reisado de Piau (distrito de Piranhas) é formado na sua maioria por mulheres, com idades entre 22 e 11 anos, sendo liderado pelo mestre José Aparecido, 30 anos. O reisado é ensaiado todos os sábados e sempre se apresenta nas festas dos municípios vizinhos.



A banda do maestro Elízio durante o seminário em Piranhas

Muvuca

Os integrantes do reisado do Piau moram na Rua da Fortuna e no mês de setembro realizam a festa da padroeira, a Santa Quitéria, e segundo José Aparecido, a única fortuna do Piau é o reisado. As cores do reisado são o vermelho e o azul, com as roupas decoradas de espelhos, fitas e chapéus em formatos de coroas dançam ao som da sanfona, zabumba e triângulo, brilhando no Velho Chico e seguem as ruas até a estação de trem, encantando a todos.

A atriz Regina Casé, apresentadora do Muvuca, foi mais

adiante, dançou reisado e ainda acompanhou o bloco dos Trovadores, do mestre José Silveira, o popular Zé Nego, que começou a comandar o bloco dos Trovadores com 22 anos.

Uma tradição do carnaval. Apenas deixou de apresentar-se por 3 anos consecutivos, devido à morte de sua esposa. Agora no ano 2000, Zé Nego, aos 84 anos, não bebe e nem fuma, porém distribui a alegria, arrastando multidões para o frevo e acabou conquistando o coração de Regina Casé.

O bloco os Trovadores é um patrimônio histórico e cultural, os moradores sabem na ponta da língua os versos: " Quem sobe com ele leva/ Quem sobe com ele vai/ Quem sobe na ladeira na carreira/ não chega no meio/pela boca a alma sai", estes versos são cantados pela dona Lindaura Santos, 64, e sua neta Mônica Santos, 16. Duas gerações que sempre acompanham o bloco com muita alegria.

O seminário terminou e todos esperam ansiosos o Programa Muvuca e o tombamento da cidade. Mas cá entre nós, o povo de Piranhas já está acostumado com a fama, pois já participou do filme Bye, Bye, Brasil, de Cacá Diegues e do Baile Perfumado, de Lírio Ferreira. Agora, um detalhe interessante em Piranhas: não existe cinema. Por conta disso a população só assistiu ao Bye, Bye, Brasil depois de muito tempo, e Baile Perfumado só no dia 25, na programação do Seminário.

Piranhas é assim o encontro do passado e futuro, sem perder as raízes, mas possui o maior palco natural, o Velho Chico, e os atores são os moradores e a cultura popular.

E todos em breve esperam assistir ao tombamento da cidade e cenas reais da vida, na tela da Globo para o mundo.